

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Programa De Pós-Graduação Em Letras

Dissertação de Mestrado

**HETEROGLOSSIA E  
DIALOGISMO: A  
REVERBERAÇÃO DE  
VOZES, LÍNGUAS E  
SENTIDOS**

Olavo Bernardo da Rocha Filho



Olavo Bernardo da Rocha Filho

HETEROGLOSSIA E DIALOGISMO: A REVERBERAÇÃO DE VOZES, LÍNGUAS E  
SENTIDOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito para a obtenção do grau de mestre em Letras sob a orientação da Profa. Dra. Patrícia da Silva Valério.

Passo Fundo

2023

CIP – Catalogação na Publicação

---

R672h Rocha Filho, Olavo Bernardo da  
Heteroglossia e dialogismo [recurso eletrônico] : a  
reverberação de vozes, línguas e sentidos / Olavo Bernardo  
da Rocha Filho. – 2023.  
2 MB ; PDF.

Orientadora: Profa. Patrícia da Silva Valério.  
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de  
Passo Fundo, 2023.

1. Heteroglossia. 2. Dialogismo (Análise literária).  
3. Linguagens e línguas. 4. Bachtin, Michail, 1895-  
1975. 5. Voloshinov, V. N., 1895-1936. I. Valério,  
Patrícia da Silva, orientadora. II. Título.

CDU: 801

---

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação

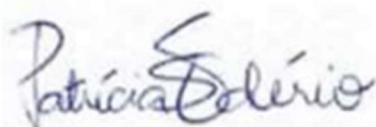
**“Heteroglossia e Dialogismo: a reverberação de vozes, línguas e sentidos”**

Elaborada por

**Olavo Bernardo da Rocha Filho.**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras – Projeto de Cooperação entre Instituições  
- Minter FUPF/FCR, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de  
Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva”

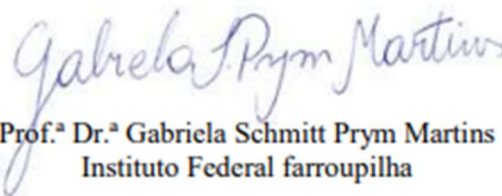
Aprovada em: 19 de dezembro de 2023.  
Pela Comissão Examinadora



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia da Silva Valério  
Presidente da Banca Examinadora -  
Orientadora



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alessandra Ávila Martins  
Universidade Federal de Rio Grande



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gabriela Schmitt Pym Martins  
Instituto Federal farroupilha



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Stumpf Toldo Oudeste  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

## AGRADECIMENTOS

Ao fim de mais um ciclo de reflexões e aprendizado, chegou o momento de demonstrar meu apreço, gratidão e respeito a algumas pessoas que com maior ou menor intensidade colaboraram, ajudaram, inspiraram e com paciência e erudição me ensinaram.

Ao Excelsior Criador, pelo dom da vida e oportunidades, gratidão.

À meus pais, Olavo Bernardo e Margarida da Cruz, eterna gratidão pela criação, ensinamentos e amor.

À meu amor Orlene Valentim, companheira de todas as horas que com paciência, labor e resiliência me apoiou, lidou com minha ausência em longos períodos de intensos estudos e acolheu-me em sublimes laços de pragma amor, gratidão.

À meus filhos biológicos João Victor Rocha, Jéssica Caroline da Rocha e Pedro Henrique Rocha e a meus filhos de amor fraterno Eduarda Vasconcelos, Lenise Valentim e Denise Valentim, fins de propósito e fontes de inspiração, gratidão.

À professora Dra. Patrícia da Silva Valério, erudita orientadora, que me guiou com afeto, generosidade e sabedoria ao longo desse período, gratidão.

Às professoras Dras. membros das Bancas de Qualificação e Examinadora, Alessandra Ávila Martins e Gabriela Schmitt Prym Martins, pelas orientações, gratidão.

À Secretaria de Estado da Educação, em nome do então secretário de educação, senhor Suamy Vivecananda Lacerda de Abreu, por proporcionar a oportunidade de realização desse mestrado, gratidão.

À Faculdade Católica de Rondônia, por intermediar e operacionalizar parceria interinstitucional que possibilitou a realização desse mestrado, gratidão.

À Universidade de Passo Fundo, pela estrutura, suporte e excelentes professores, gratidão.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, por possibilitar esta pesquisa, gratidão.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras, pelos ensinamentos socializados, gratidão.

À equipe técnica da UPF vinculada ao PPGL, pelo suporte ao longo do mestrado, gratidão.

Aos colegas dessa turma de mestrado pela interlocução, dicas, parceria de estudos, ideias inspiradoras e auxílio mútuo, gratidão.

## RESUMO

O presente estudo está inserido na linha de pesquisa “Leitura e Formação do Leitor”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Humanidades, Ciência, Educação e Criatividade da Universidade de Passo Fundo – UPF/MINTER/FCR. A partir da formulação do problema da pesquisa, que indaga sobre a possibilidade de identificar ressonâncias de sentidos e reverberações do heterodiscurso dialogizado na interação verboideológica presente em um artigo de opinião, deriva-se o objetivo geral da pesquisa, que busca identificar e compreender os possíveis efeitos de sentidos produzidos nesse gênero do discurso. A pesquisa se desenvolveu mediante a mobilização de noções e princípios metodológicos orientados pela Teoria/Análise dialógica do discurso de Mikhail Bakhtin (2016) e da concepção teórica de língua e enunciado de Valentin Volóchinov (2018). O estudo é permeado por procedimentos oriundos da pesquisa bibliográfica e documental, com caráter exploratório e abordagem qualitativa, e apresenta natureza básica e descritiva. O *corpus* é composto por um artigo de opinião que apresenta, como título, “*Negar um genocídio é semear o seguinte*” veiculado no dia 28 de janeiro de 2023 no jornal eletrônico Sumaúma. O processo analítico nos revelou as relações dialógicas existentes entre enunciados do artigo e enunciados anteriores, bem como da identificação de duplo endereçamento a interlocutores direto e indireto, além da comprovação real da identificação de reverberações de línguas e sentidos. Os resultados obtidos apresentaram plena consonância com a literatura estudada e os resultados abstraídos da análise confirmaram a real possibilidade de identificação de ressonâncias de sentido em um heterodiscurso dialogizado.

**PALAVRAS-CHAVES:** Heteroglossia. Dialogismo. Língua. Bakhtin. Volóchinov.

## ABSTRACT

The present study is part of the line of research “Leitura e formação do leitor”, linked to the Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Humanidades, Ciência, Educação e Criatividade da Universidade de Passo Fundo – UPF/MINTER/FCR. From the formulation of the research problem, which inquiries about the possibility of identifying resonances of meanings and reverberations of dialogized heterodiscourse in the verbo-ideological interaction present in an opinion article, the general objective of the research is derived, which seeks to identify and understand the possible effects of meanings produced in this genre of discourse. The research was developed through the mobilization of methodological notions and principles guided by Mikhail Bakhtin's Theory/Dialogical Analysis of Discourse (2016) and by the theoretical conception of language and utterance by Valentin Volóshinov (2018). The study is permeated by procedures derived from bibliographic and documentary research, with an exploratory character and a qualitative approach, and has a basic and descriptive nature. The *corpus* is composed of an opinion article with the title “*Negar um genocídio é semear o seguinte*” published on January 28, 2023, in the electronic newspaper Sumaúma. The analytical process revealed to us the dialogical relationships that exist between the article's statements and previous statements, as well as the identification of double addressing to direct and indirect interlocutors, in addition to the real proof of the identification of reverberations of languages and meanings. The results obtained were fully in line with the literature studied and the abstracted results of the analysis confirmed the real possibility of identifying resonances of meaning in a dialogized heterodiscourse.

**KEYWORDS:** Heteroglossia. Dialogism. Language. Bakhtin. Voloshinov.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 AS DIFICULDADES DE DELIMITAÇÃO DA LÍNGUA, O SUBJETIVISMO, O OBJETIVISMO E A TERCEIRA VIA DE VOLÓCHINOV .....</b>	<b>17</b>
2.1 LÍNGUA E LINGUAGEM PARA FERDINAND DE SAUSSURE: A LÍNGUA QUANTO ARTEFATO SOCIAL E NORMA PRIMEIRA DE TODAS AS MANIFESTAÇÕES DA LINGUAGEM.....	19
<b>2.1.1 O SUBJETIVISMO INDIVIDUALISTA: A PRIMEIRA TENDÊNCIA DO PENSAMENTO FILOSÓFICO-LINGUÍSTICO E SUA CONCEPÇÃO DE LÍNGUA SINTETIZADA EM QUATRO POSTULADOS POR VOLÓCHINOV .....</b>	<b>22</b>
<b>2.1.2 O OBJETIVISMO ABSTRATO: A SEGUNDA TENDÊNCIA DO PENSAMENTO FILOSÓFICO-LINGUÍSTICO E A CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA COMO UM SISTEMA DE NORMAS IMUTÁVEL E INATO AO SUJEITO.....</b>	<b>26</b>
<b>2.1.3 TERCEIRA VIA: A INTERAÇÃO VERBOIDEOLÓGICA COMO RESULTADO DA UNIÃO DOS CONJUNTOS FÍSICO-PSICOFISIOLÓGICO E UNICIDADE DA COMUNICAÇÃO SOCIAL PARA A DEFINIÇÃO DE LÍNGUA.....</b>	<b>30</b>
<b>2.1.4 A COMPREENSÃO DE LÍNGUA DE VOLÓCHINOV E BAKHTIN QUANTO FENÔMENO ININTERRUPTO DE FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICO.....</b>	<b>34</b>
<b>3 DIALOGISMO, GÊNERO DO DISCURSO E HETEROGLOSSIA.....</b>	<b>41</b>
3.1 A CONCEPÇÃO DIALÓGICA BAKHTINIANA COMO REVERBERAÇÃO ENUNCIATIVA DE VOZES SÓCIO-HISTÓRICA E SOCIOIDEOLÓGICA.....	41
<b>3.1.1 OS GÊNEROS DO DISCURSO: A FORMAÇÃO DOS GÊNEROS DISCURSIVOS EM DECORRÊNCIA DA EXISTÊNCIA DAS VÁRIAS ATIVIDADES HUMANAS...</b>	<b>47</b>
<b>3.1.2 O CONSTRUTO HETEROGLÓSSICO: A CAPACIDADE DE FALAR EM VÁRIAS LÍNGUAS.....</b>	<b>51</b>
<b>4 ANÁLISE METODOLÓGICA DO CORPUS .....</b>	<b>56</b>
4.1 A CONCEPÇÃO DIALÓGICA ANALÍTICA DO DISCURSO: A ANÁLISE ANCORADA NA TEORIA/ANÁLISE DIALÓGICA BAKHTINIANA .....	62
<b>4.1.1 “Genocídio e negacionismo andam juntos”: a evolução sócio-histórica da elaboração linguística da negação e o enunciado como resposta a um enunciado anterior .....</b>	<b>65</b>



<b>4.1.2 Manipulação e estratégia: a planificação enunciativa negacionista e os endereçamentos direto e indireto .....</b>	<b>77</b>
<b>4.1.3 Heteroglossia: a emersão dos sentidos e línguas na construção retórica da negação .....</b>	<b>89</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>103</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No decorrer da história da humanidade, pode-se perceber claramente que a estratificação da sociedade em classes sociais tem perdurado por séculos. É um estado de coisas, de ideias e valores que privilegiam “castas superiores”<sup>1</sup> e alijam “párias”<sup>2</sup>. Observa-se claramente que tal estratificação social, com sua respectiva divisão de classes, não se configura somente devido ao status econômico, mas também devido ao nível de informação, compreensão e conhecimento assimilados pelo indivíduo em comunhão com a coletividade. É essa condição intelectual que facultará às pessoas desenvolverem o senso crítico tanto para conquistarem lugares mais valorizados socialmente, quanto para participarem efetiva e conscientemente dos espaços de poder<sup>3</sup> e da tomada de decisões.

Dentro da dinâmica dessa factual realidade, e mais especificamente no tocante à formação escolar do indivíduo no contexto da construção de ideias e valores socioculturais, entidades sociais dominantes<sup>4</sup> têm utilizado diversos meios e mecanismos doutrinadores para a consolidação do “indivíduo livre num estado democrático de direito”. Essa é a retórica; uma falácia, haja vista que o que constatamos em larga escala é um sistema de educação precário que pouco prepara um indivíduo para ser crítico e capaz de abstrair, relacionar e compreender histórica e cotidianamente o uso dos vários signos ideológicos e seus múltiplos efeitos de sentido que cercam o dia a dia da vida em sociedade.

Em face de nossas considerações, Valentin Volóchinov (2018) corrobora, em parte, o objeto do nosso trabalho ao esclarecer que o sentido da palavra é inteiramente determinado pelo contexto de seu uso, visto que existem tantas significações para as palavras quantos contextos de seu uso; essa palavra não perde, no entanto, a unicidade, pois sua integridade é garantida não apenas pela integridade da sua composição fonética, mas também pela unicidade comum a todas as suas significações.

Minha atuação em sala de aula da educação básica há 26 anos tem possibilitado a observação da importância do desenvolvimento das competências leitora e de interpretação dos estudantes para a ampliação da capacidade crítica. Assim, ao conhecer os estudos de Mikhail Bakhtin (2015) acerca do conceito de heteroglossia, vislumbrei a oportunidade de aprofundar o estudo acerca desse conceito com vistas a qualificar a formação do docente-pesquisador para

---

<sup>1</sup> Classes sociais economicamente privilegiadas, situadas no topo da pirâmide social.

<sup>2</sup> Diz-se daqueles que estão à margem da sociedade excluídos dos benefícios sociais a que tem direito.

<sup>3</sup> Na atualidade designa quaisquer espaços de influência constituídos para a tomada de decisões políticas em qualquer área ou atividade da vida em sociedade.

<sup>4</sup> Classe social que controla o processo de produção econômica e direcionamento político.

que, posteriormente, a apropriação teórica possa refletir em uma atuação mais qualificada em sala de aula, especialmente no que se refere ao trabalho com os diferentes gêneros textuais.

É importante salientar que os gêneros textuais surgem com o propósito de exercerem funções, intensões e interesses nas relações sociodiscursivas, sem dissociar-se do aspecto formal que lhe é ordinário.

Dando amplitude a esse sentido, Marcuschi (2002) nos diz que os gêneros textuais não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano.

Há de se considerar que, se os gêneros textuais se manifestam em decorrência das práticas comunicativas temporais associadas aos canais de comunicação constituídos pela sociedade, eles tanto contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia, quanto se configuram como eventos textuais mutáveis, ou seja, não são estanques e enrijecedores, mas maleáveis, dinâmicos e plásticos.

Marcuschi (2002) nos esclarece ainda que os gêneros textuais são artefatos linguísticos concretos e, dada as circunstâncias os gêneros, são fenômenos bastantes heterogêneos e por vezes híbridos em relação à forma e aos usos; além disso, jamais se caracterizam como inovações absolutas sem ancoragem em outros gêneros já existentes, como já observava Bakhtin (1997) na menção à transmutação dos gêneros e à assimilação de um gênero por outro (o que gera novos gêneros).

Nossa pesquisa tem por objetivo identificar e compreender os possíveis efeitos de sentido produzidos no contexto da manifestação verboideológica<sup>5</sup> dos sujeitos vinculados à existência de um heterodiscurso dialogizado de cuja manifestação emerge a possibilidade de uso de múltiplas formas de sistemas da língua viva constituídos em processo sócio-histórico.

Para alcançar tal propósito, utilizaremos como principal suporte de fundamentação teórica a visão heteroglóssica desenvolvida por Mikhail Bakhtin (2015) na obra *O discurso no romance*. Além disso, na busca por uma melhor compreensão, bem como por dar amplitude ao escopo teórico da pesquisa, julgamos indispensável mapear e discorrer sobre as seguintes noções teóricas: a concepção dialógica de Mikhail Bakhtin (2002), a qual se compõe por relações entre índices sociais de valores que constituem o enunciado e, que devido à sua natureza, é compreendida como unidade de interação social; a concepção de Mikhail Bakhtin (2002) sobre enunciado e tom valorativo, considerando que o vivenciamento ativo do eu é sempre uma atividade axiológica, imbuída das relações dialógicas de valores íntimos que

---

<sup>5</sup> O mesmo que locução e interlocução entre sujeitos de um ato discursivo.

atravessam as práticas sociais de interação verbal; a compreensão responsiva, visto que, no curso da interação verbal, o enunciado apresenta como partes integrantes uma relação entre a intenção do dizer, um sujeito e a realização da intenção num processo sócio discursivo de locução e interlocução.

Ainda de forma substancial, delinearemos uma abordagem sobre língua quanto ao processo sócio-histórico ininterrupto de formação de normas linguísticas na perspectiva de Valentin Volóchinov (2018), e quanto aos gêneros do discurso, de Mikhail Bakhtin (2016), contextualizando conteúdo temático, estilo da linguagem e construção composicional, que, de acordo com suas especificidades, formam os gêneros do discurso.

O estudo ora proposto transcorrerá conceituações específicas a membros do Círculo de Bakhtin<sup>6</sup> e, mais precisamente, do filósofo e linguista russo Valentin Volóchinov, o qual preceitua que a língua é uma criação da sociedade e surge no processo de interação mútua entre várias tribos devido à necessidade de estabelecer vinculações econômicas e administrativas na complexa relação de valores da vida em sociedade.

A língua, esclarecerá Volóchinov (2018), tem parte significativa de sua gênese de constituição justamente na segmentação desse caráter social, sempre multitribal, ou seja, são as vivências em sociedade, com suas permutas culturais, que perfazem o desenvolvimento de uma língua viva. Essa visão de concepção da língua lança luz sobre outra afirmação de Volóchinov (2018), de que a língua jamais pode ser separada de seu conteúdo ideológico, haja vista que as palavras estão sempre repletas de conteúdos e de significações ideológicas do cotidiano, pois é nesse meio atmosférico de relações, atritos e tensões (elementos geradores de combustão), que surge o fenômeno “língua”.

Este estudo apontará que, sendo o caráter multitribal um fator gerador da língua, o ambiente atmosférico que a consolida não poderia deixar de perpassar o cruzamento linguístico como principal fator de evolução desse fenômeno. Temos então uma espécie de miscigenação linguística, ou, por assim dizer, de empréstimos linguísticos adquiridos através de fenômenos de aderências entre línguas. As reflexões de Volóchinov (2018) sobre esse aspecto da língua suscitará a discussão sobre a importância da palavra materna e da palavra alheia estrangeira, duas entidades que, num processo ininterrupto de permutas, têm sido fatores primordiais de evolução da língua. É justamente devido a essa importância que a palavra alheia estrangeira tem sobre esse caráter evolutivo da língua, que tanto a linguística quanto a filosofia da

---

<sup>6</sup> Expressão utilizada por pesquisadores contemporâneos, adeptos do pensamento e trabalhos produzidos por Mikhail M. Bakhtin (1895-1975) e outros intelectuais russos como cientistas, literatos, filólogos, filósofos, professores, artistas, etc.

linguagem enfatizam o enorme papel que ela desempenhou no processo de formação de todas as culturas históricas desde o sistema sociopolítico até a etiqueta cotidiana.

Notaremos ainda que, em outro momento de sua investigação, para tentar dar cabo de uma possível definição, isolamento e delimitação de língua, Volóchinov (2018) retomará às formulações de duas poderosas correntes do pensamento filosófico-linguístico: o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato, também chamadas de primeira e segunda tendências. Essas duas tendências, cada uma com suas definições, contribuirão sobremaneira para o objetivo proposto do filósofo russo. Em síntese, a primeira tendência contribuirá com a ideia de uma língua constituída através de ato criativo no psiquismo individual, adquirida em processo ininterrupto de criação; a segunda tendência contribuirá com a ideia de língua como um sistema de formas linguísticas fonéticas, gramaticais e lexicais, homogênea, normativa e imutável.

Certamente, as diferenças entre a primeira e segunda tendência do pensamento filosófico-linguístico não se limitam às conceituações acima descritas, porém elas serão pormenorizadas no marco teórico do nosso trabalho, o qual iniciamos com a exposição da visão de língua e linguagem de Ferdinand de Saussure, haja vista que este linguista é o principal expoente das formulações da segunda tendência do pensamento filosófico-linguístico na modernidade e, as respectivas criações desta tendência sobre a delimitação da língua, é um dos divisores de águas para uma possível definição de língua para Volóchinov e Bakhtin.

No desdobramento deste trabalho, mais especificamente no marco teórico, ficará evidente que os principais estudiosos por nós mencionados não pouparão observações quanto às formulações de Saussure (2004), contudo não negarão suas contribuições para o desenvolvimento da linguística moderna.

Na língua materna russa, *raznorechie* é o termo usado pelo filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (2015), e que, em tradução para a língua portuguesa, denomina-se heteroglossia ou heterodiscurso. Bakhtin (2015) define o termo heteroglossia para se referir, em linhas gerais, aos usos simultâneos de diferentes formas de signos linguísticos, suas tensões e conflitos (que inexoravelmente existem entre eles), e às relações sócio-históricas que carregam.

No transcorrer deste estudo, observaremos ainda que essa ideia desenvolvida por Bakhtin nos leva a depreender que o conjunto de elementos lexicais internalizados que possuímos se transmovem e se rememorizam inconscientemente no tempo e no espaço atravessando a existência do sujeito, imprimindo seus valores sociais, históricos e políticos de acordo com o processo de interlocução ora praticada, pois, como já dito por ele em outra ocasião, o homem opera com línguas e não com língua.

Diante desse postulado, notaremos ainda que a heteroglossia e os efeitos dela advindos estão indissolavelmente ligados aos fenômenos da língua e da linguagem, e, em razão disso, para que possamos dar ênfase a nosso estudo e alcançar clareza científica a respeito desse assunto, faz-se necessário simultaneamente lançar um profundo olhar acerca das definições desses fenômenos linguísticos, bem como de outros fenômenos de natureza sócio-histórica que derivam da interação verboideológica que constituem os artefatos “língua” e “linguagem”. E, dentro dessa visão, buscaremos identificar ressonâncias de sentidos heterodiscursivas em um texto do gênero “artigo de opinião”.

Investigar o universo de possíveis ressonâncias de sentidos decorrentes da heteroglossia não é tarefa fácil, pois requer o conhecimento e domínio de várias competências. É devido a essa compreensão que destacamos que, na medida em que o construto heteroglóssico forma a base sócio-histórica dos repertórios linguísticos dos sujeitos, a possível compreensão dos efeitos de sentido deverá necessariamente estar ancorada na aplicabilidade simultânea de outra habilidade, a prática leitora<sup>7</sup>, pois a leitura é muito importante e deve ser desenvolvida desde a infância, levando-se em consideração que a leitura é uma atividade complexa de produção de sentido. Ler, então (textos verbais e não-verbais, de todos os gêneros e tipologias) implica no desenvolvimento das habilidades mentais, na compreensão do mundo e na ampliação dos conhecimentos, bem como na expansão do domínio lexical.

A prática leitora não é objeto de análise e investigação do nosso trabalho; no entanto, é importante destacar que não pode haver sujeito crítico, dotado de poder de abstração e compreensão do universo à sua volta, sem sua imersão no mundo das letras — devido a essa condição *sine qua non*<sup>8</sup>, fizemos esse breve comentário nesta pesquisa.

O presente trabalho está inserido na linha de pesquisa Leitura e Formação do Leitor e está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciência, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo – UPF/MINTER/FCR, sendo de grande relevância evidenciar que este estudo nos desperta grande interesse — a princípio, por dois grandes motivos. Primeiro, porque nos desperta a curiosidade científica a respeito das reflexões suscitadas por Bakhtin e Volóchinov acerca da existência língua em processo contínuo e ininterrupto de formação e que podem gerar alterações normativas na

---

<sup>7</sup> Segundo os PCNs (1998), a prática da leitura traz consigo a oportunidade de apropriação dos conhecimentos disponíveis para o exercício da cidadania e promove o questionamento ou confirmação dos valores responsáveis pela identidade do sujeito leitor, acarretando seu desenvolvimento social e cognitivo.

<sup>8</sup> Expressão que se originou do latim e refere-se a uma ação cuja condição ou ação é indispensável e essencial.

língua, ao modo das reformas ortográficas, assim como de outros elementos linguísticos que dela derivam. Segundo, porque, devido a meu ofício laboral, esta pesquisa certamente terá uma contribuição positiva, agregando valor e conhecimento para dar amplitude e segurança científica às aulas ministradas para meus alunos do Ensino Médio. Considero ainda que essa percepção teórica de Bakhtin e Volóchinov permitem deslocamentos que podem auxiliar no trabalho com os textos em sala de aula, já que o desenvolvimento de um trabalho que permita identificar e compreender as vozes emergentes das escolhas lexicais em textos de diferentes gêneros pode contribuir para a ampliação da compreensão leitora, bem como da capacidade de compreensão e abstração de sentidos. É uma consequência natural desse último motivo, a factível dilatação do senso crítico<sup>9</sup> dos estudantes.

Dentro da perspectiva conceitual ora referenciada, o escopo de fundamentação teórica do nosso trabalho contará com três capítulos distintos, os quais estão assim organizados: no primeiro capítulo, abordamos as dificuldades de delimitação da língua, o subjetivismo individualista, o objetivismo abstrato e a proposta da terceira via de Volóchinov; essa seção tem o objetivo de pormenorizar um conceito sócio-histórico e interacional de língua e linguagem, de tal forma que dê sustentação à heteroglossia enquanto elemento linguístico que se transmove e se rememoriza na historicidade de dada coletividade. No segundo capítulo, analisamos conceituações bakhtinianas que nos permitem estabelecer factíveis conceitos de dialogismo, de gênero do discurso e de heteroglossia com vistas à constituição de possíveis heterodiscursos dialogizados, dispostos nos vários campos da atividade humana. Por fim, no terceiro capítulo, apresentamos a análise do *corpus* selecionado, isto é, um artigo de opinião que compõe o *corpus* do nosso trabalho. Nesse capítulo, analisaremos um artigo de opinião publicado no período entre primeiro de janeiro e trinta de maio de 2023. Os aspectos linguísticos serão analisados à luz dos conceitos desenvolvidos no capítulo teórico desta pesquisa com vistas a compreender os efeitos de sentido produzidos pela emergência da heteroglossia.

Em face do exposto, a pesquisa ora proposta pretende inclinar-se sobre um estudo que busca estabelecer as bases teóricas para esclarecer que uma compreensão mais plena e consciente de mundo passa por processos de leituras e compreensão de conteúdos explícitos e, mais precisamente, pela compreensão de conteúdos subjacentes com suas variáveis de intenções e sentidos. Essa base teórica cogita dotar o sujeito com maior competência de compreensão do caráter polissêmico das palavras e enunciados, bem como de sua compreensão

---

<sup>9</sup> É compreendido como a capacidade de analisar e discutir problemas inteligente e racionalmente, sem aceitar, de forma automática, suas próprias opiniões ou opiniões alheias.

semântico-interpretativa advinda e associada ao contexto sócio-histórico dialogado com a visão heteroglóssica bakhtiniana.



## 2 AS DIFICULDADES DE DELIMITAÇÃO DA LÍNGUA, O SUBJETIVISMO, O OBJETIVISMO E A TERCEIRA VIA DE VOLÓCHINOV

A língua enquanto fenômeno linguístico que expressa ideias, valores e sentimentos constitui a identidade e, portanto, de acordo com Saussure (2004), é imprescindível situá-la como norma de todas as demais manifestações da linguagem; todavia, é imperioso asseverar também que o uso da linguagem tornou-se profundamente enraizado na cultura humana, e, além de ser empregada para comunicar e compartilhar informações, a linguagem também possui vários usos sociais e culturais, como a expressão da identidade, a estratificação social, a manutenção da unidade em uma comunidade, o entretenimento, a manutenção do *status quo*<sup>10</sup>, entre outros, de modo que a linguagem enquanto artefato social é indissolúvel na identidade, portanto não há como separá-la do *ethos*<sup>11</sup> de uma coletividade.

A linguagem humana enquanto sistema de comunicação é essencialmente diferente e infinitamente mais complexa do que as formas de comunicação de outras espécies, uma vez que se baseia em um múltiplo sistema de regras referentes a símbolos, cores, sons e gestos para expressar seus significados, resultando em um número indefinido de possíveis expressões inovadoras a partir de um finito número de elementos.

O sistema gramatical da língua é insuficiente para entender certos fatos linguísticos, seja nos casos de uso da linguagem verbal ou não verbal, pois há de se considerar que, no sistema linguístico, temos oposições fônicas e semânticas, além de regras combinatórias dos elementos linguísticos; no entanto, nem as oposições semânticas, nem as regras de combinação conseguem esclarecer o significado mais amplo dos fatos do enunciado, pois não dão conta da compreensão do significado fora da superfície do texto, ou seja: o conteúdo implícito, com suas inúmeras variáveis de efeitos de sentidos. É nesse contexto, com o intuito de incidir luz pacificadora sobre essa complexa demanda, que surgem as várias correntes do pensamento filosófico-linguístico.

Diante desse postulado, o objetivo de uma das correntes da filosofia da linguagem consiste em refletir sobre a essência e natureza dos fenômenos linguísticos. Ela trata, de um ponto de vista filosófico, da natureza do significado linguístico, sobre seu uso para significar

---

<sup>10</sup> Expressão de origem latim que significa “estado atual” ou “estado das coisas”. Portanto, corresponde à configuração presente de uma dada situação, bem como indica a manutenção das condições da situação observada.

<sup>11</sup> Conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região.

nossas intenções e propósitos, bem como do aprendizado da linguagem, da criatividade dos falantes, da compreensão da linguagem, da interpretação, da tradução, de aspectos linguísticos do pensamento e da experiência. Trata também do estudo da sintaxe, da semântica, da pragmática e da referência.

Diante desse primado da filosofia da linguagem, é perceptível o quão complexa é sua tarefa na busca pela compreensão de toda ordem, da manifestação linguística com todas as suas variáveis. É devido a essa atividade, na busca pelo isolamento e delimitação da linguagem, que Volóchinov (2018) é levado a declarar que a tarefa de delimitação do objeto real da filosofia da linguagem não é nada fácil. Sempre que se tenta circunscrever o objeto da pesquisa, reduzi-lo a um conjunto objetivo-material definido, visível e compacto, perde-se, no bojo desse processo, a própria essência do objeto estudado, ou seja, sua natureza sígnica e ideológica.

Não diferente do ora exposto, e perante a dificuldade de identificar um sistema de normas ou regras combinatórias que possam estabelecer de forma evolutiva um elo entre o construto heteroglóssico e os possíveis efeitos de sentido dele oriundo, utilizaremos como recursos de fundamentação para dar forma a nosso propósito uma possível definição de língua com base nas visões de Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov, além das noções conceituais de dialogismo, de enunciado de tom valorativo e de compreensão responsiva.

Para dar ênfase a seus estudos, Volóchinov buscou fundamentá-los destacando as criações de duas correntes da filosofia da linguagem sobre uma definição de língua, para, a partir daí tentar isolar e delimitar a linguagem como um objeto específico de estudo. Essas tendências da filosofia da linguagem e da linguística geral são o que Volóchinov classificou como subjetivismo individualista e objetivismo abstrato.

Nosso propósito com esse estudo é estabelecer as bases teóricas para esclarecer que uma compreensão mais plena e consciente de mundo passa por processos de leituras e compreensão de conteúdos explícitos, e, mais precisamente, pela compreensão de conteúdos subjacentes. Isso feito, o objetivo é aclarar a importância da inserção do sujeito coletivo em um contexto com maior competência de compreensão semântico-interpretativa dos repertórios linguísticos coletivos construídos em um processo sócio-histórico e dialogado com a visão heteroglóssica bakhtiniana.

Sendo o nosso propósito um constructo linguístico com vistas a compreender inicialmente a visão de língua/linguagem que adotamos nesta pesquisa, traçamos um percurso histórico didático que se inicia com os postulados de Saussure, haja vista que esse linguista é o principal expoente do pensamento objetivista abstrato na modernidade, além do que suas

arguições sobre essa tendência, nesse campo de estudo, foram elaboradas com uma clareza e uma precisão surpreendentes.

É relevante ressaltar, ainda, que as conceituações de Saussure sobre língua e linguagem ancoradas na visão da segunda tendência do pensamento filosófico-linguístico subsidiarão a análise e formulação dos conceitos de língua e linguagem de Volóchinov e Bakhtin.

## 2.1 LÍNGUA E LINGUAGEM PARA FERDINAND DE SAUSSURE: A LÍNGUA QUANTO ARTEFATO SOCIAL E NORMA PRIMEIRA DE TODAS AS MANIFESTAÇÕES DA LINGUAGEM

A capacidade humana de interlocução, de interação no nível das ideias, só é possível com a aquisição de um fenômeno que é a língua; porém, mesmo sabendo dessa questão primordial, devemos considerar que até hoje persistem dúvidas para conceituar essa entidade social de uma forma mais precisa, ou mesmo sobre o que permite sua assimilação, sua utilização e, ainda, questões como “por que existem tantas concepções de língua?”. No desenvolvimento dessa problemática, é crível compreender que aí reside grande complexidade temática

No início do século XX, Saussure, ao contribuir com o estabelecimento de novos parâmetros de estudo para a Linguística Moderna, acertadamente destacou como ponto alto e aspecto mais importante de seu estudo inovador: a definição da língua como objeto da Linguística; contudo, frente ao imbróglio por uma definição consistente e uníssona sobre o objeto da linguística entre os estudiosos. Não obstante, diante da dificuldade de formular uma definição do objeto integral e concreto da linguística, Ferdinand Saussure (2004), em suas considerações no *Cours de linguistique générale*<sup>12</sup> (Curso de Linguística Geral), aponta uma possível solução para esse obstáculo quando infere que, em primeiro lugar, é necessário se colocar no campo da língua e posicioná-la como norma de todas as demais manifestações da linguagem, haja vista que, diante de tantas dualidades e de propriedades de difícil definição, nesse contexto, parece-nos a língua ser suscetível de uma definição autônoma e que fornece uma ancoragem tangível e promissora para os linguistas. Diante de tais ponderações, Saussure (2004) delimita a língua, em toda sua plenitude, como norma primeira de todas as outras manifestações da linguagem, pois do seu ponto de vista, “para atribuir a língua o primeiro

---

<sup>12</sup> Não foi um livro escrito por Ferdinand de Saussure. Foi uma obra editada após sua morte por Charles Bally e Albert Sechehaye, com base em anotações feitas ao longo de cursos oferecidos pelo linguista na Universidade de Genebra entre os anos 1906-1907, 1908-1909 e 1910-1911.

lugar no estudo da linguagem, pode-se enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce se não com a ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; [...]” (Saussure, 2004, p. 18).

Diante das considerações feitas por Saussure (2004), a língua é apenas uma parte determinada e essencial da linguística; trata-se, ao mesmo tempo, de um artefato social da capacidade de linguagem e de um conjunto prescrito de normas convencionais necessárias, adotadas pelos grupos sociais para facultar o processo de interlocução entre os indivíduos.

Para dar ênfase a uma definição de língua, Saussure (2004) elenca seus principais caracteres, que se diferem e se separam do conjunto heteróclito dos fatos da linguagem; Saussure (2004) a define como a parte social da linguagem exterior ao indivíduo, que existe em virtude de convenções contratuais estabelecidas entre os membros de uma comunidade. Saussure (2004) destaca, ainda, a língua como uma instituição distinta, pois um indivíduo consegue conservá-la, mesmo diante de uma privação do uso da fala, bem ora seja necessário que esse compreenda os signos da interlocução.

A língua, consoante sua delimitação, apresenta características uniformes, constantes e regulares, evidenciando grande coesão e unidade. De acordo com Saussure (2004), apresenta natureza homogênea, constituindo-se num sistema de signos, a língua, é, pois, “um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritmos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas” (Saussure, 2004, p. 24). Em consonância com essa visão, vejamos o que assevera Saussure (2004, 2004, p. 23):

A língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para o seu estudo. Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sede no cérebro. Além disso, os signos da língua são, por assim dizer, tangíveis; a escrita pode fixá-los em imagens convencionais, ao passo que seria impossível fotografar em todos os seus pormenores os atos da fala; a fonação duma palavra, por pequena que seja, representa uma infinidade de movimentos musculares extremamente difíceis de distinguir e representar. Na língua, ao contrário, não existe senão a imagem acústica e esta pode traduzir-se numa imagem visual constante. [...]. É essa possibilidade de fixar as coisas relativas à língua que faz com que um dicionário e uma gramática possam representá-la fielmente, sendo ela o depósito das imagens acústicas, e a escrita a forma tangível dessas imagens.

A língua, compreendida por Saussure (2004) como sistema de signos e como sistema gramatical ligado à faculdade da linguagem, facilita a compreensão que se tem de um mundo escrito pela própria linguagem e, pensando assim, há de se objetar que a língua é um sistema

de valores normativos profundamente dinâmicos, haja vista que cada valor linguístico é condicionado a outros.

Dentro do recorte ora mencionado, Saussure (2004) dá indícios da definição de linguagem como sendo uma espécie de regra geral, em que ela pode estar presente em diferentes domínios; é ao mesmo tempo individual e social, não se restringindo por ser uma unidade ou sistema prescrito de normas. Em consonância com essa definição, o autor inquirir sobre a definição de língua, mostrando a diferença entre os dois conceitos sem colocá-los em descompasso ou oposição. Vejamos o que diz Saussure (2004, p. 17):

A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação. – A esse princípio de classificação poder-se-ia objetar que o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional, que deveria subordinar-se ao intuito natural em vez de adiantar-se a ele.

A língua, então, está para outra ordem. Enquanto a linguagem é colocada como social e individual, a língua é totalmente uma instituição social e adquirida convencionalmente, contudo ela se diferencia em múltiplos traços de outras instituições como as políticas, as jurídicas etc. Assim, para ser compreendida em sua natureza peculiar, há de se fazer constituir uma nova ordem de fatos. Entendemos, com isso, que a linguagem nos é provida pela natureza, já a língua está dentro de um sistema que adquirimos. A respeito desse sistema normativo, Fiorin (1999) assevera que a língua é um objeto construído por abstração, pelo linguista, a partir de um conjunto de fatos. Ao linguista cabe reunir um grande e variado quantitativo de mensagens produzidas por usuários de uma determinada língua e, despretensiosamente, sem qualquer preconceito, indiferença ou intenção normativa que lhe é peculiar, coligi-las com as devidas especificações de unidades distintivas dos vários níveis dessas mensagens, classificá-las e inferir suas regras combinatórias.

Diante das ponderações feitas por Saussure (2004) sobre língua e linguagem, é crível perceber que ambas pertencem ao domínio social e, por serem indubitavelmente partes uma da outra, as duas são artefatos sócio-históricos, visto que, do ponto de vista do autor, ocorre neles um processo evolutivo e perene de absorção e incorporação de elementos linguísticos, contextualizando esse fenômeno em uma instituição do presente e um produto pretérito. Desta feita, e considerando esse ponto de vista do autor, ponderamos que os indícios dessa assertiva podem ser observados no segundo item da recapitulação dos caracteres da língua desenvolvido por Saussure (2004, p. 22), que, em acordo com essa perspectiva, afirma que:

A língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente. Não falamos mais as línguas mortas, mas podemos muito bem assimilar-lhes o organismo linguístico. Não só pode a ciência da língua prescindir de outros elementos da linguagem como só se torna possível quando tais elementos não são misturados.

Saussure (2004), em suas inferências a respeito dos caracteres da língua, deixa pistas que nos direcionam e, diante de uma constatação da língua enquanto artefato social, é, esta, uma instituição sócio-histórica que contribui para a formação dos repertórios linguísticos individuais e sociais, haja vista que, como dito pelo autor em outras palavras, o sistema de normas da língua existe e se manifesta num processo presente e pretérito ininterruptos.

Diante do exposto, é importante ressaltar a existência de uma linha bastante tênue que separa a distinção dos conceitos de língua e linguagem para Saussure (2004). Há de se considerar, *a priori*, que ambas possuem caráter de origem social, visto que são fenômenos do processo da interação verbal coletiva e, *a posteriori*, que a linguagem é também individual, pois é inerente à natureza do indivíduo.

Outro fator importante é que a linguagem, apesar de possuir especificidades heteróclitas<sup>13</sup> e, dessarte, por ser de natureza social, é o dínamo que dá origem à língua. Desta feita, a língua é um artefato da capacidade da linguagem, portanto uma abstração, um produto resultante do trabalho do linguista.

Não de outro modo, a concepção saussuriana acima acerca do isolamento, delimitação e construção de uma definição de língua, está forjada em um conjunto de conceitos desenvolvidos pela segunda tendência do pensamento filosófico-linguístico, ancorados no racionalismo e às características abstratas e de forma do movimento neoclassicista. Tal pensamento racionalista compreende ainda a história como um universo irracional que distorce a pureza lógica do sistema linguístico cujas abstrações são feitas em dado momento, ou seja, dentro de um corte sincrônico.

Outrossim, para melhor compreendermos as conceituações e antíteses da segunda tendência, sobre a qual discorreremos melhor mais adiante, é necessário nos debruçarmos sobremaneira sobre as criações da primeira tendência.

### **2.1.1 O SUBJETIVISMO INDIVIDUALISTA: A PRIMEIRA TENDÊNCIA DO PENSAMENTO FILOSÓFICO-LINGUÍSTICO E SUA CONCEPÇÃO DE LÍNGUA SINTETIZADA EM QUATRO POSTULADOS POR VOLÓCHINOV**

---

<sup>13</sup> Que não é conforme as regras gramaticais.

Antes de iniciar sua análise para posteriormente discorrer sobre esse tema, Volóchinov (2018) destaca que considera inadequada a denominação para ambas as tendências, considerando que tais denominações estão longe de abarcarem toda plenitude da complexidade de tais correntes filosófico-linguísticas.

De acordo com o filósofo-linguista russo, a primeira tendência, o subjetivismo individualista, busca analisar o ato discursivo individual e criativo como fundamentos da língua, e tem como premissa englobar todas as manifestações linguísticas sócio-históricas.

Na visão dos representantes dessa tendência, em especial seu arauto e fundador, Wilhelm von Humboldt (1988 [1836]), filósofo nascido na Prússia (atual Alemanha), também conhecido como linguista prussiano, que legou valiosa contribuição para a filosofia da linguagem em sua obra, o psiquismo individual representa a fonte da língua, considera que as leis de criação da língua são leis individuais e psicológicas. Sendo assim, no bojo dessa definição, é crível deduzir que o linguista ou filósofo da linguagem, para elucidar um fenômeno linguístico, deve, dentro de parâmetros uno psicológico, reduzi-lo a um ato individual e criativo consciente. Vejamos o que reproduz Volóchinov (2018, p. 148) a esse respeito:

O psiquismo individual representa a fonte da língua. As leis de criação linguísticas – uma vez que a língua é formação e criação ininterrupta – na verdade são leis individuais e psicológicas; são elas que devem ser estudadas pelo linguista e pelo filósofo da linguagem. Elucidar um fenômeno linguístico significa reduzi-lo a um ato individual e criativo consciente (muitas vezes até inteligente).

Essa perspectiva de definição de fonte da língua coloca o indivíduo com toda sua carga psíquica criadora no centro da formação de elementos linguísticos; é a atividade individual psíquica, o dínamo criador de artefatos linguísticos, que, numa visão mais depurada de Volóchinov (2018), esclarece-nos que são todos esses elementos elaborados pelo ato criador do indivíduo que permitem pavimentar a estrada para a elaboração de normas e explicações do fenômeno linguístico, ou, ainda, para a elaboração de elementos pedagógicos para o ensino de uma língua.

Ainda na perspectiva de isolamento, delimitação e definição do fenômeno linguístico na visão dos subjetivistas, Volóchinov (2018) faz emergir as formulações de Vossler, as quais aproximavam-se das de Humboldt.

Karl Vossler (1963 [1923]) era linguista e filólogo, de naturalidade alemã, é considerado o promotor da escola de Vossler, também chamada de *idealistische Neuphilologie* (filologia moderna idealista). A escola de Vossler era considerada por Volóchinov como uma das mais poderosas tendências do pensamento filosófico-linguístico da época. A percepção de

Vossler sobre a formulação de uma ideia científica para a compreensão do fenômeno “língua” só seria possível mediante a submissão do objeto linguístico a estudos práticos e objetivos, vinculados a uma causa geradora de efeitos puramente estéticos e condicionados a aspectos físico-psicofisiológicos<sup>14</sup>, bem como do ethos social.

Dentro dessa concepção, Volóchinov parafraseia a seguinte formulação de Vossler (apud Volóchinov, 2018, p. 152):

[...] só se pode aspirar um caráter científico uma história da língua que analise toda a sequência pragmático-causal com o objetivo de encontrar nela uma série estética específica, de modo que o pensamento linguístico, a verdade linguística, o gosto linguístico, o senso linguístico ou, como diz Humboldt, a forma interna da língua se torne clara e compreensível em suas transformações condicionadas de forma física, psíquica, política, econômica e, em geral, cultural.

Diante de tais ponderações, percebe-se que são principalmente os estudos de Humboldt e Vossler acerca da linguística que orientam as apreensões de Volóchinov (2018) sobre esse tema, haja vista que Volóchinov (2018), ao retomar Vossler, observa que os fatores de qualquer natureza que determinam um fenômeno linguístico não têm importância direta para um linguista, que se importa tão somente com o sentido estético desse fenômeno.

Perante o exposto, é nítido observar, nas formulações de Vossler, mencionadas por Volóchinov (2018), que o fenômeno da língua não se restringe a um sistema normativo estático e imutável, cuja realidade se restrinja somente ao aspecto físico e fisiológico, desconsiderando o ato individual criador e estilístico, bem como os atos enunciativos constituídos através da abstração coletiva. Portanto, “[...] a realidade fundamental da língua não é o sistema linguístico pronto, no sentido de um conjunto de formas fonéticas, gramaticais e outras existentes e herdadas, mas sim o ato criativo individual discursivo” (Volóchinov, 2018, p. 153).

Essa visão do ato individual criativo flui exatamente para o centro do aspecto causal da decifração da realidade da língua quanto fenômeno. De acordo com Volóchinov (2018, p. 153):

[...]. Disso decorre o fato de que em cada ato discursivo, do ponto de vista da formação da língua, o que importa não são as formas gramaticais gerais, estáveis e presentes em todos os outros enunciados da língua, mas a modificação e a concretização estilístico-individual dessas formas abstratas em um enunciado.

---

<sup>14</sup> Volóchinov descreve que o fenômeno “língua” se manifesta por intermédio da física, através do som, do psiquismo, através das criações mentais sônicas e de processos fisiológicos orgânicos geradores da produção do som e da sua percepção sonora.



Em termos práticos, podemos dizer que esta produção linguística enunciativa individual dotada de estilo próprio, único e concreto, localiza-se em um contexto histórico-produtivo do ponto de vista criativo, ou seja, os enunciados uno individuais-estilísticos construídos em processos temporais e históricos contínuos, do ponto de vista criador, são o elo de concepção da língua. “É justamente aqui que ocorre a formação da língua, que se sedimenta depois nas formas gramaticais: tudo que se torna um fato gramatical foi antes um fato estilístico” (Volóchinov, 2018, p. 153).

Sendo assim, percebe-se nitidamente a influência estilístico-individual, bem como do processo sócio-histórico, como unidades essenciais para formação de elementos linguísticos que redundarão *a posteriori* em um sistema de normas.

Na busca de melhor elaborar uma ideia de língua enquanto fenômeno estético, Volóchinov (2018) menciona ainda a contribuição do filósofo italiano Benedetto Croce, o qual defende que todo ato expressivo é artístico por natureza e, não de outra forma, sendo a linguística uma ciência da expressão por excelência, é a palavra uma expressão, o que se assemelha com a estética. Dentro desse contexto, fui para Croce, segundo Volóchinov (2018), que o ato individual de expressão pela fala é o fenômeno fundamental da língua.

Diante do exposto, observamos que as formulações da primeira tendência sobre a língua perpassaram por profundas reflexões de grandes pensadores dessa corrente filosófico-linguística, todavia são em especial as apreensões de Humboldt, Vossler e Croce que subsidiaram em grande parte a investigação e inferências de Volóchinov (2018) sobre o fenômeno língua.

Percebe-se claramente, nas articulações das ideias da primeira tendência acerca do fenômeno língua, que suas reflexões são norteadas para a concepção de uma língua construída em “fluxo eterno de atos discursivos, no qual nada permanece estável e idêntico a si mesmo” (Volóchinov, 2018, p. 155). Ou seja, todo ato criativo e todo enunciado são únicos e individuais, que se constroem num dado momento em um corte sincrônico, sem jamais perder de vista a influência do legado linguístico preservado e conduzido pelo tempo como uma espécie de herança linguística, que só o contexto sócio-histórico é capaz de legar.

Diante de toda análise e inferências feitas até o momento, Volóchinov (2018) relaciona os quatro postulados que resumem e definem o ponto de vista da primeira tendência sobre o artefato língua e os aspectos que a constituem. São eles: 1) a língua é atividade, um processo ininterrupto de criação, realizado por meio de atos discursivos individuais; 2) as leis de criação linguísticas são, em sua essência, leis individuais e psicológicas; 3) a criação da língua é uma criação consciente, análoga à criação artística; 4) a língua como um produto pronto, como um

sistema linguístico estável (dotado de vocabulário, gramática, fonética), representa uma espécie de sedimentação imóvel, de lava petrificada da criação linguística, construída de modo abstrato pelo linguista com o objetivo prático de ensinar a língua como um instrumento pronto.

De forma concisa, na visão de Volóchinov (2018), são esses postulados a síntese da concepção de língua do subjetivismo individualista. São, por assim dizer, os fundamentos que constituem a gênese de toda criação de elementos linguísticos: o indivíduo dotado de ato criador consciente e estético, no sentido da capacidade criadora através da transmutação de experiências e interações; do seu psiquismo; o ato discursivo como correia de transmissão histórica e, ainda, a forma como sedimentação imóvel que garante a unicidade e manutenção da identidade da língua.

Não de outro modo, são essas concepções de língua sintetizadas nos quatro postulados de Volóchinov (2018) que darão a tônica para movimentos científicos posteriores, como é o caso da segunda tendência com suas antíteses e formulações.

### **2.1.2 O OBJETIVISMO ABSTRATO: A SEGUNDA TENDÊNCIA DO PENSAMENTO FILOSÓFICO-LINGUÍSTICO E A CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA COMO UM SISTEMA DE NORMAS IMUTÁVEL E INATA AO SUJEITO**

No decorrer das formulações sobre o conceito de língua na visão da segunda tendência, iremos observar sua estreita ligação com o Racionalismo Cartesiano<sup>15</sup> dos séculos XVII e XVIII, cujo primado se orienta pela razão, a qual fornece as ideias inatas normativas que estabelecem tudo aquilo que deve ser seguido como regra inexorável. Para o racionalismo, os conhecimentos não vêm das experiências, pois são elaborados tão somente pela razão.

Volóchinov (2018, p. 163) esclarece que todo “o racionalismo se caracteriza pela ideia da condicionalidade, arbitrariedade da língua e também pela comparação entre o sistema da língua e o sistema de símbolos matemáticos”. A partir dessa compreensão, é perceptível que a concepção dos racionalistas estabelece a constituição inata do conhecimento exclusivamente através da razão, refratando o ato criativo individual.

---

<sup>15</sup> Movimento cultural e intelectual situado entre os séculos XVI e XIX, o Racionalismo Cartesiano afirmava que o conhecimento é inteiramente dominado pela inteligência (razão), e não pelos sentidos, assim sendo é baseado na ordem e na medida, o que permite estabelecer cadeias de razões para deduzir uma coisa de outra. O racionalismo acredita que existe um conhecimento inato, e que podemos chegar à verdade apenas pelo exercício da nossa razão, antes mesmo da experiência sensorial.

Volóchinov (2018) descreve que os racionalistas se prendem e direcionam suas conceituações tão somente pela lógica interna do próprio sistema de signos, o que ocorre da mesma forma na álgebra, inteiramente desvinculados das significações ideológicas inerentes a todo signo. Outro fator relevante a ser destacado é que os racionalistas compreendem o símbolo matemático como representação ideal de qualquer signo; no entanto, até o momento, não é razoável inferir que o símbolo matemático possa ser uma manifestação do psiquismo individual.

Inicialmente, faz-se necessário notar que, diante de todos os estudos realizados até o presente momento, não há como desconsiderar que, de fato, a língua, circunscrita a uma determinada comunidade de falantes, apresenta, nos atos enunciativos, determinados elementos linguísticos idênticos. Temos então, no bojo desse processo, um sistema de normas que rege a interação enunciativa. “São justamente esses elementos idênticos — fonéticos, gramaticais, lexicais — e, portanto, normativos para todos os enunciados que proporcionam a unicidade de dada língua e sua compreensão por todos os membros de dada coletividade” (Volóchinov, 2018, p. 155). Diante dessa compreensão, percebe-se que é essa estrutura normativa o fator que determina a unicidade identitária da língua e conseqüentemente sua compreensão comunicativa pelos membros de uma comunidade de falantes.

Essa construção normativa, portanto, estende-se para todos os elementos da língua seja fonético, gramatical ou lexical e, obviamente, desconsiderando desse contexto, quaisquer atos, intenções e motivos individuais e criativos, pois, do ponto de vista do objetivismo abstrato, essa elaboração não se relaciona com a criação consciente da língua pelo indivíduo falante. Vejamos essas considerações no dizer de Volóchinov (2018, p. 156-157):

É justamente essa identidade normativa (pois não existe uma identidade factual) que constitui a unidade do sistema fonético da língua (em um corte de dado momento de sua vida) que providencia a compreensão dessa palavra por todos os membros da coletividade linguística. [...] O indivíduo recebe o sistema da língua da coletividade falante de modo totalmente pronto, e qualquer mudança dentro desse sistema encontra-se fora dos limites da sua consciência individual. [...].

Diante dessa abstração, constata-se que o objetivismo abstrato norteia sua concepção de língua em um modelo de sistema normativo imutável, homogêneo e indissolúvel, exterior ao ato consciente individual e criativo do falante. Dessa forma o sistema de normas já está pronto, não é jamais criado pelo pensamento do sujeito, mas determinado pela natureza da realidade para ser descoberto e praticado pela coletividade.

O objetivismo abstrato depreende que o foco do fenômeno da língua está na estrutura, na forma, na ideia de uma língua racional e universal, criada artificialmente e ausente da criação consciente do indivíduo. De acordo com Volóchinov (2018, p. 156-157),

[...] a língua contrapõe-se ao indivíduo como uma norma inviolável e indiscutível, à qual só lhe resta aceitar. [...] O indivíduo precisa aceitar e assimilar esse sistema por inteiro, como ele é; dentro dele não há lugar para quaisquer avaliações ideológicas: pior, melhor, bonito, feio e assim por diante. Em sua essência, há apenas um critério linguístico: correto e incorreto, sendo que a correção linguística é compreendida apenas como a correspondência de uma dada forma ao sistema normativo da língua.

Essa construção do sistema linguístico na perspectiva do objetivismo abstrato reclama para si uma norma prescrita, ou seja: uma lei; e a lei que rege essa língua está inexoravelmente imersa na natureza do ser e é uma lei específica, imutável e inviolável para qualquer outra lei a exemplo da ideológica, da artística, a do conhecimento e, inclusive, àquelas relacionadas ao conjunto de costumes e hábitos fundamentais contidas no âmbito do comportamento, cultura, valores e crenças. Nessa perspectiva, essa lei é prática e precisa, é a única e eterna lei que regula a identidade individual e coletiva da língua de forma objetiva em relação a qualquer consciência subjetiva. É, por assim dizer, o verbo da língua.

A construção do sistema da língua na perspectiva dos representantes da segunda tendência se efetiva no contexto de um dado momento, ou seja, num recorte sincrônico de formação de elementos linguísticos. Inferem eles que todas as formas da língua em uma sincronia “são mutuamente necessárias entre si e complementam-se, transformando a língua em um sistema ordenado, que é atravessado por uma lei linguística específica” (Volóchinov, 2018, p. 156-157).

Embora o objetivismo abstrato preceitue que, de forma insuperável, haja uma espécie de ruptura entre a história e o sistema da língua, dentro de um corte extra-histórico ou sincrônico, ou seja, o sistema de normas não pode ser compreendido como um processo de construção histórica; devemos considerar, segundo Volóchinov (2018), que não pode haver nada em comum entre a lógica que rege o sistema de normas dentro de um contexto sincrônico e a lógica da mudança histórica dessas formas, haja vista que são duas lógicas distintas, pois, desse ponto de vista, se reconhecemos a formação de algo como lógico e seu oposto como ilógico, essa dedução nada mais é do que uma pura violação da lógica aceita. Conforme explica Volóchinov (2018, p. 161):

(...) não há nenhuma relação nem nada em comum entre a lógica da língua como sistema de formas e a lógica de sua formação histórica. As duas esferas são regidas

por leis completamente diferentes e por diferentes fatores. Aquilo que atribui sentido e unifica a língua em seu corte sincrônico é violado e ignorado no corte diacrônico. O presente da língua e sua história não compreendem nem são capazes de compreender um ao outro.

No contraponto dessa formulação de ruptura dualista sugerida pela segunda tendência, é plausível asseverar que os elementos que compõem o sistema da língua necessitam uns dos outros, assim como complementam-se reciprocamente gerando as mudanças e adequações necessárias para manter uma unidade linguística. Todavia, as ligações que ocorrem entre esses elementos dentro do sistema da língua, no corte de dado momento, não são invioláveis e imutáveis.

Volóchinov (2018) pondera que, se a construção do sistema da língua não é predeterminada por atos de criação individual, tal sistema de formas vem a ser um produto da criação coletiva, portanto uma instituição social normativa para cada indivíduo de dada coletividade.

Outrossim, Volóchinov (2018) observa ainda que, se o sistema da língua única e imutável é submetida a uma espécie de atualização devido às contribuições do processo sincrônico de formação da língua, ocorre, portanto, mudanças no sentido plural, deixando, desse modo, indícios de formação histórica e contínua de elementos linguísticos, assimilados e projetados por nós em diferentes épocas, como já observado em outra ocasião. “Pois a identidade normativa do fonema estabelecida por nós é diferente nas distintas épocas de desenvolvimento de uma língua. Em síntese, a língua possui sua história” (Volóchinov, 2018, p. 156-158). Temos então, nessa formulação, a clareza de que a língua se transmove em um processo histórico ininterrupto de formação de elementos linguísticos.

Diante do exposto, Volóchinov (2018) sintetiza sua análise a respeito do ponto de vista da segunda tendência sobre os aspectos que constituem a língua nos seguintes fundamentos: 1) a língua é um sistema invariável e eterno de formas linguísticas normativas e idênticas, encontrado de maneira antecipada pela consciência individual, contudo inviolável e indiscutível para tal consciência; 2) as leis que regem a língua são leis linguísticas peculiares e exclusivas de vinculação entre os sinais linguísticos dentro de um sistema linguístico inflexível. Essas leis são indiscutíveis, claras e precisas em relação a qualquer consciência psíquico-individual; 3) as leis linguísticas específicas não possuem nenhuma relação em comum ou de semelhança com os valores ideológicos, ou seja, nenhuma percepção sensorial do mundo externo de verdade ou mentira, ou estético de bonito ou feio. Nenhum sistema de ideias ideológico é capaz de fundamentar o fenômeno da língua, considerando sobremaneira que, entre a palavra e a sua significação, não existe uma conexão, seja ela natural e compreensível para a consciência, ou

até mesmo para a compreensão artística; 4) as variações da fala de cada indivíduo no contexto da língua são pontos fora da curva, ou seja, são alterações ocasionais, ou simplesmente distorções das formas normativas idênticas. Entre o sistema normativo da língua e sua história não existem nem conexão, nem motivos em comum — eles são estrangeiros entre si.

Com base no contexto retromencionado, fica evidente que, na caracterização da língua para a segunda tendência, o eixo central que articula os elementos linguísticos como objeto específico da ciência da língua é o sistema de normas fonética, gramatical e lexical, ou seja, o que rege a língua para essa corrente do pensamento filosófico-linguístico é uma estrutura normativa conduzida sob a égide de uma lei rígida, indiscutível, imutável e inata ao sujeito. Esse sistema é encontrado de maneira antecipada pela consciência individual, porém é constituído pela natureza e descoberto pela sociedade para seu usufruto.

É nesse contexto, de criações racionalistas cartesianas e sob a visão de mundo neoclassicista do século XVII, com seu culto à forma abstrata, racional e imóvel, que advêm as ideias do objetivismo abstrato e a chamada escola de Genebra de Ferdinand de Saussure, que inaugurou seus primeiros ensaios no final do século XVIII e início do século XIX; trata-se da expressão mais clara e concisa dessa corrente filosófico-linguística.

### **2.1.3 TERCEIRA VIA: A INTERAÇÃO VERBOIDEOLÓGICA COMO RESULTADO DA UNIÃO DOS CONJUNTOS FÍSICO-PSICOFISIOLÓGICO E UNICIDADE DA COMUNICAÇÃO SOCIAL PARA A DEFINIÇÃO DE LÍNGUA**

Não era regra a contraposição de Volóchinov (2018) com relação às formulações da primeira e segunda tendências acerca de uma solução para o problema da separação e delimitação da língua como um objeto específico de estudo. Mesmo diante de algumas pacificações, não deixou de tecer críticas às duas concepções, de tal forma que classificou suas divergências de concepção em uma espécie de tese e antítese.

Destacando as significações diametralmente opostas, o filósofo russo ilustra a diferença entre a primeira e segunda tendências através dos centros organizadores dos fenômenos linguísticos de cada uma. Enquanto o subjetivismo individualista defende a tese de que a verdadeira essência da língua se realiza por meio de ato criativo psíquico individual e irrepetível, Saussure (2004) e outros representantes do objetivismo individualista defendem a antítese de que o sistema linguístico deve ser compreendido como um sistema inato de formas linguísticas fonéticas, gramaticais, lexicais, homogêneo e imutável.

Perante o exposto, após a devida análise e ponderações sobre o postulado que norteia as criações do subjetivismo individualista, assim como os fundamentos que subsidiam o objetivismo abstrato no que concerne ao isolamento e delimitação da língua, o filósofo russo direciona suas formulações sobre esse fenômeno, fundamentadas em uma terceira via, que julga como a mais adequada. Volóchinov (2018) eleva a interação verbal como o centro nevrálgico de produção dos fenômenos linguísticos, porém observa cuidadosamente que a unidade do meio social e do acontecimento da comunicação social mais próximo nem sempre poderão ser necessários para a compreensão dos fatos linguísticos, bem como nem sempre representarão aspectos constitutivos da língua.

Essa nova percepção de centro formador dos eventos linguísticos idealizada por Volóchinov (2018) envolve três esferas relativas à realidade humana que perfazem um conjunto constituído por fenômenos físico, fisiológico e psicológico. Esses três elementos desenvolvem a dinâmica que pode configurar uma possível definição de língua. Contudo, a grande tarefa está em encontrar e definir uma lei interna que atravesse esses processos físico-psicofisiológicos, transformando-os de fato em um evento notadamente linguístico.

Para se observar a criação do fenômeno língua, é necessário que o conjunto físico-psicofisiológico esteja incluso em um outro conjunto para poder estabelecer a liga necessária que possibilite a possível e almejada definição de língua. Esse segundo conjunto constitui a esfera da unicidade da comunicação social organizada. Observemos melhor essa ideia, no dizer de Volóchinov (2018, p. 145):

Para observar o processo de combustão, é necessário colocar o corpo no ambiente atmosférico. Para observar o fenômeno da língua, é necessário colocar os sujeitos falante e ouvinte, bem como o próprio som, no ambiente social. É preciso que tanto o falante quanto o ouvinte pertençam a uma mesma coletividade linguística, a uma sociedade organizada de modo específico. É fundamental ainda que os nossos dois indivíduos sejam abarcados pela unidade da situação social mais próxima, isto é, que o encontro entre essas duas pessoas ocorra em um terreno determinado. O intercâmbio verbal só é possível nesse terreno determinado, por mais geral e, por assim dizer, ocasional que ele seja.

Diante desse postulado do filósofo russo, é razoável compreender que o conjunto formado pela unidade do meio social, cujos sujeitos devam pertencer a mesma comunidade de falantes, alinhados com o acontecimento da comunicação social mais próximo que estabeleça um nivelamento de estratificação social, contribuirão para que o processo de interação verbal ocorra no mesmo plano temático e com semelhante nível de compreensão sógnica.

Assim sendo, a unicidade do meio social perfaz a condição e o elo necessários com o conjunto físico-psicofisiológico para a formação ideal de um ambiente que estabeleça uma possível delimitação com a língua-discurso, transformando-a em um fato, ou seja, na interação enunciativa.

Dessarte, Volóchinov (2018) destaca que ao invés de delimitar a compreensão desse centro formador de fenômenos linguísticos, dá mais amplitude e complexidade a ele, ou seja, ao tempo que expõe o problema, perquire e desenvolve-o; simultaneamente, as dificuldades intrínsecas a ele afloram, visto que o conjunto unidade do meio social e acontecimento da comunicação social mais próximo são duas faces extremamente complexas, posto que são permeados pelos mais diversos tipos e modos de relações, em que dado momento não são imprescindíveis para a compreensão de algumas ocorrências linguísticas, assim como, dado momento, não configuram necessariamente singularidades da língua.

Em outras palavras, para Volóchinov (2018), a língua indubitavelmente pertence ao âmbito do domínio social e a interação enunciativa só é possível nesse campo social determinado com coletividade linguística determinada. É, a partir daí, no conflito, tensão e permuta de elementos linguísticos, que advém o centro fulcral de produção dos fenômenos linguísticos.

Diante disso, observamos que o enunciado, de forma objetiva, não pode ser concebido nem compreendido como uma entidade psicoindividual e conseqüentemente ser abstraído do ponto de vista da esfera psicofisiológica do indivíduo, haja vista que o enunciado apresenta natureza puramente social e de forma embrionária se manifesta nos contextos de interação verbal num fluxo perene da comunicação discursiva. No bojo dessa assertiva, aludimos essa visão em consonância com o que assevera Volóchinov (2018), que elucida que não é a convivência em sociedade que constitui organizadamente a expressão, porém o sentido inverso dessa premissa é a expressão em seu processo de constituição que organiza a vivência, dando-lhe sua primeira forma e definindo sua direção.

Do ponto de vista objetivo, todo enunciado só se forma a partir do processo de interlocução verbal entre dois indivíduos de uma coletividade. Mesmo na ausência de um indivíduo nesse processo, o ato discursivo é sempre dirigido a alguém daquela coletividade, ou de outra, pois não é possível haver interação verbal com um interlocutor abstraído, isolado em si e para o outro. Observemos melhor, do ponto de vista de Volóchinov (2018, p. 204):

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. *A palavra é*



*orientada para o interlocutor*, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor; se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido etc.). Não pode haver um interlocutor abstraído, por assim dizer, isolado; pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco no figurado. [...].

Em suma, figura-se, com efeito, que o enunciado, por ser de natureza essencialmente social, tem a origem de sua formulação conseqüentemente no seio de processos interlocutórios de uma coletividade de falantes e, mesmo que no ato interativo haja a ausência de um interlocutor, o fluxo verbal é deslocado e dirigido para um interlocutor específico ao contexto temático do enunciado, sendo ou não pertencente àquele grupo social. Em decorrência disso, percebe-se então que as relações são efetivadas através do processo de interação verbal e que são as condições sociais dos indivíduos que irão estruturar o enunciado; portanto, é a necessidade interativa temática que irá direcionar o enunciado, imprimindo-lhe a cor e o tom, pois “o centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior: no meio social que circunda o enunciado” Volóchinov (2018, p. 216). Consoante a essa ideia, vejamo-la por outra perspectiva em Volóchinov (2018, p. 217):

Essa situação mais próxima e os participantes sociais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais do enunciado. As camadas mais profundas da sua estrutura são determinadas por ligações sociais mais duradouras e essenciais, das quais o falante participa. Se tomarmos o enunciado no processo de sua constituição “ainda dentro da alma”, a essência da questão não será alterada, pois a estrutura da vivência é tão social quanto a estrutura da sua objetivação exterior. O grau de consciência, de clareza e de constituição da vivência está proporcionalmente relacionado à orientação social.

Sendo assim, de forma clara e precisa, podemos deduzir que são os adventos das condições sociais de dada coletividade os responsáveis pela formulação temática do enunciado, e que a expressão das sensações de mundo dessa coletividade é manifestada de acordo com a estrutura de vivência social.

Toda manifestação enunciativa está intrinsecamente ligada a uma forma ideológica, pois toda e qualquer manifestação da consciência expressa sensações, valores, deduções e, conseqüentemente, ideias ou seja: toda tomada de consciência precisa dar vazão à voz, pelo que lhe incomoda, perturba, constrange. Vejamos o ponto de vista de Volóchinov (2018, p. 207):

De fato, mesmo uma tomada de consciência simples e imprecisa de alguma sensação, por exemplo, da fome, não pode ser expressa para fora sem uma forma ideológica. Toda tomada de consciência precisa de discurso interior, da entonação interior e do estilo embrionário, uma vez que é possível tomar consciência da própria fome de modo suplicante, aflito, irritado, inconformado. [...].

O enunciado, então, constitui-se e se revela carregado de valores, inclusive ideológicos; nele estão contidas todas as relações de mundo e as sensações psicossociais assimiladas historicamente pelo sujeito na vivência em coletividade. Essa condição ideológica se manifesta através da consciência linguística para dar cor e som à voz que exige canal para manifestar-se, haja vista que, em sua plenitude, realiza-se tão somente no fluxo da comunicação discursiva.

À vista do contexto estudado, vale esclarecer que o enunciado, não diferente da língua, não pode ser concebido como estrutura estática, mas sim como um fenômeno que se realiza em um fluxo contínuo no tempo e que estudá-lo em sua totalidade não é possível dentro de um recorte sincrônico de modo isolá-lo do contato com outros enunciados predecessores. Vejamos nas palavras de Volóchinov (2018, p. 221):

[...], entretanto, os enunciados são as unidades reais do fluxo da linguagem. Não obstante, justamente para estudar as formas dessa unidade real, não se pode isolá-la do fluxo histórico dos enunciados. O enunciado em sua totalidade se realiza apenas no fluxo da comunicação discursiva. A totalidade é determinada pelas fronteiras que se encontram na linha de contato desse enunciado com o meio extraverbal e verbal (isto é, outros enunciados).

Diante das ponderações de Volóchinov (2018), retomamos novamente uma das questões centrais que norteiam nosso estudo: o fluxo histórico ininterrupto da manifestação verbal. Língua e enunciado são indissolúveis, haja vista que o enunciado se constitui de unidades significativas da língua e, sendo a língua um fenômeno sócio-histórico, o enunciado enquanto unidade do sistema linguístico de interação social jamais poderia pertencer a outra natureza, pois “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos<sup>16</sup> (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (Bakhtin, 2016, p. 16).

#### **2.1.4 A COMPREENSÃO DE LÍNGUA DE VOLÓCHINOV E BAKHTIN QUANTO FENÔMENO ININTERRUPTO DE FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICO**

Volóchinov (2018), em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, não deixa de tecer críticas a Saussure quanto à ausência de uma solução clara e definida do tipo de atividade que a língua possui enquanto sistema objetivo, como também questiona que poucos representantes

---

<sup>16</sup> Advinda do pensamento bakhtiniano, foi empregada em contraposição a teorias do objetivismo abstrato, e, nessa nova construção de sentidos, inserida dentro de uma perspectiva dialógica, a linguagem e o sujeito ganharam visibilidade.

da segunda tendência são mais críticos e têm consciência do caráter abstrato e convencional do sistema linguístico. Volóchinov (2018) aclara sobre a perenidade da língua, continuada em um fluxo ininterrupto de formação histórica de normas, conceito que dialoga ainda com visão e percepção bakhtiniana de língua que a compreende nas mesmas proporções sócio-históricas de Volóchinov (2018), com a particularidade que preceitua a existência de uma tensão entre vozes sociais delimitadas por duas forças, a centrífuga e a centrípeta, sendo que aquela aponta para a dispersão e descentralização do discurso único e dominante, e esta unifica e centraliza, construindo o terreno prescrito normativo.

É perceptível que, no decorrer das formulações dos argumentos de Volóchinov (2018) e Bakhtin (2015, 2016) respectivamente, quanto à concepção de língua, que se difere sobremaneira da de Saussure (2004), em especial quando o “pai da linguística moderna” depreende que a língua enquanto norma da consciência subjetiva apresenta, no cerne de sua constituição, grande unidade de aderência entre seus elementos com características uniformes, constantes e regulares, indicando, dessa forma, a homogeneidade e imutabilidade do sistema normativo.

Veremos, na formulação de Volóchinov (2018), na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, uma antítese estabelecendo uma contrariedade na concepção de normas imutáveis e idênticas entre si. Já Bakhtin (2016), por sua vez, apesar de, em sua obra *Os gêneros do discurso*, não fazer nenhuma citação às inferências de Saussure (2004) sobre a imutabilidade do sistema normativo da língua, afirma que “A consciência linguística socioideológica concreta, ao tornar-se criadoramente ativa, isto é, ativa em termos literários, pré-encontra-se cercada de heterodiscurso e nunca de uma língua única e singular, indiscutível, incontestável. [...]” (Bakhtin, 2015, p. 71). Em outra oportunidade, nessa mesma obra, Bakhtin (2015) acrescenta que um falante em processo de interação verbal não atua apenas com uma língua, mas com línguas, porém essas línguas não se misturam e não entram em descompasso ou oposição, cada uma tem seu conferido lugar indiscutível e a transição de uma para outra é predeterminada e espontânea como a passagem de um cômodo a outro. Essas línguas não se chocam entre si na consciência desse homem, ele não tenta correlacioná-las, não tenta olhar para uma delas com os olhos de outra língua estranha, misteriosa e estrangeira.

Perante o exposto e mediante a observação do cruzamento das depreensões sobre língua, notamos que Ferdinand de Saussure (2004), ao estabelecer sua concepção de língua, apresenta para o mundo contemporâneo uma concepção teórica inovadora que parecia indicar uma rota mais precisa para o significado dessa entidade linguística e seu real objeto. No entanto, ao estendermos nossos estudos a outros teóricos da língua, como Volóchinov (2018) e Bakhtin

(2015, 2016), aqui referenciados, dilatamos nossa visão e constatamos que, ao analisarem mais de perto o fenômeno da língua (com outro olhar) como instituição sócio-histórica, esses autores pontuaram questionamentos quanto à definição saussuriana, haja vista que Saussure (2004) é considerado a expressão mais clara do objetivismo, e essa corrente do pensamento filosófico-linguístico refrata a ideia de constituição da língua em um fluxo histórico, isso porque ajuíza uma espécie de ruptura entre a história e o sistema da língua. É exatamente nesse ponto que notamos uma singularidade do pensamento de Saussure (2004) em relação ao pensamento clássico objetivista, pois o pai da linguística, em um contraponto, assevera que “não falamos mais as línguas mortas, porém podemos muito bem assimilar-lhes o organismo linguístico [...]” (Saussure, 2004, p. 22).

Destacamos, ainda, que, ao apresentar diferentes conceitos sobre língua, queremos dar ênfase a nosso estudo, apresentando os aspectos comuns dessa tríade de estudiosos, cada um a seu modo e com sua concepção, no ato em que tratam a língua enquanto entidade social que se transmove no tempo, atravessando a historicidade individual e coletiva das comunidades falantes, pois a compreensão desse conceito interessa a nosso estudo.

Com efeito, quanto à concepção de língua, optaremos pelas definições dos autores que sucedem a Saussure (2004) neste trabalho, considerando as devidas ponderações, pois, quanto ao aspecto que aborda uma definição de língua, Volóchinov (2018) e Bakhtin (2015, 2016) refutam a formulação de Saussure (2004) referente ao *modus* de existência da língua<sup>17</sup> na consciência subjetiva individual como composição de um mecanismo de sistema de normas heterogêneas, indiscutíveis e imutáveis.

Ao buscar uma definição para língua, Valentin Volóchinov (2018) rechaça um dos fundamentos basilares do objetivismo abstrato (que consiste no caráter homogêneo e indiscutível de normas que existe apenas na consciência subjetiva do falante) para a *posteriori*, contrapor-se à ideia de norma imutável da língua enquanto consciência individual.

Na busca da construção da definição do sistema de normas, Volóchinov (2018) afirma que é um erro considerarmos tal sistema como indiscutível e imutável; afirma, ainda, que essa definição se aplica, por hora, apenas ao *modus* de existência da língua na consciência subjetiva individual, haja vista que percebe nessa visão a expressão de uma concepção totalmente objetiva. Porém, ao investigar mais profundamente a respeito de a língua ser, na consciência

---

<sup>17</sup> Bakhtin e Volóchinov afirmam que a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, ou seja, pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação dialógica. Logo, é impossível compreendê-la sem considerar os aspectos sociais e ideológicos que a constituem.

subjativa do falante, apenas um sistema de normas idênticas entre si, indiscutível e imutável, Volóchinov (2018) arremata que não, pois infere que a língua é tão somente um artefato social arquitetado por abstração de um potencial estudioso da língua, que, reunindo inúmeros textos de uma determinada comunidade de falantes, propõe-se a debruçar-se sobre eles criteriosamente para compor um inventário das unidades linguísticas distintivas em seus vários níveis, a classificá-las e objetivamente apreender suas regras combinatórias sem qualquer preconceito ou intenção normativa. Em conformidade com essa ideia, vejamos suas ponderações, Volóchinov (2018, p. 176):

A consciência subjetiva do falante não trabalha com a língua como um sistema de formas normativas e idênticas. Esse sistema é apenas uma abstração, obtida mediante um enorme trabalho realizado com uma certa orientação cognitiva e prática. O sistema é um produto de reflexão sobre a língua, sendo que essa reflexão de modo algum é realizada pela consciência do próprio falante e está longe de visar à fala imediata.

Conceber, então, a língua apenas como um instrumento da consciência subjetiva do falante, com normas heterogêneas e formas idênticas entre si, é uma incoerência, haja vista que o sistema de normas é prescrito por outrem e não uma atividade desenvolvida pela consciência do(s) agente(s) de interação verbal.

Diante das reflexões feitas por Valentin Volóchinov (2018) sobre o *modus* de existência da língua na consciência subjetiva individual não ser um mecanismo de estabelecimento de um sistema imutável de normas e sim um produto de reflexão sobre a língua, o autor defende que devemos olhar para a língua numa perspectiva objetiva, independentemente do contexto de um falante, pois a língua se apresenta como um fluxo de formação ininterrupta; dessa maneira, não é possível indicar um lapso temporal capaz de construir um sistema de língua sem levar em consideração um processo natural, contínuo, evolutivo e diacrônico. Diante disso Volóchinov (2018, p. 176) assevera:

De um ponto de vista verdadeiramente objetivo, que tente olhar para a língua de modo totalmente independente da visão de determinado falante em um dado momento, a língua apresenta-se como um fluxo de formação ininterrupto. Para o ponto de vista objetivo situado acima da língua não existe um momento real em cujo corte poderia ser construído um sistema sincrônico da língua.

Volóchinov (2018) conclui que o sistema sincrônico da língua, tão somente existe numa perspectiva subjetiva de um membro pertencente a uma comunidade de falantes dentro de um tempo delimitado da história, pois, do ponto de vista objetivo e diacrônico, a língua

transcorre e se transmove na historicidade do falante em um processo ininterrupto de formação. Volóchinov (2018, p. 174) exemplifica essa ideia a partir de uma breve narrativa:

(...) quando César escrevia suas obras, a língua latina era um sistema imutável e indiscutível de normas idênticas a si mesmas, porém, para um historiador da língua latina, naquele exato momento em que César criava suas obras ocorria um processo ininterrupto de mudanças linguísticas (mesmo se o historiador não conseguisse registrá-las).

Para Volóchinov (2018), a língua é um organismo vivo e perene, ela não é transmitida e sim continuada em um processo sócio-histórico ininterrupto de formação de normas linguísticas. Desse modo, se olharmos para a língua de forma clara, prática, objetiva no transcorrer da história, logicamente não encontraremos nenhum sistema estático de normas idênticas entre si, o que veremos é um fluxo incessante da língua. “De um ponto de vista verdadeiramente objetivo, [...] a língua apresenta-se como um fluxo de formação ininterrupto. Para o ponto de vista objetivo acima, não existe um momento real em cujo corte poderia ser construído um sistema sincrônico da língua” (Volóchinov, 2018, p. 174). Podemos então presumir que a ideia que prevalece no contexto de evolução da língua é o sistema diacrônico.

Bakhtin (2002), por sua vez, afirma que a língua está viva e em fluxo contínuo de desenvolvimento, e preceitua que há duas forças agindo constantemente sobre a língua, ou seja, há uma interação entre as forças centrípetas e centrífugas, as quais dividem os conflitos de vozes sociais, gerando entre elas relações tensas. Dessa forma, observa-se que, de um lado, enquanto as forças centrípetas que impelem para a unificação ajudam a manter a defesa de um estudo da língua como um sistema de normas linguísticas, de outro, há as forças centrífugas que apontam para a dispersão dos discursos únicos, imperativos, hegemônicos. Em consonância com essa ideia, vejamos o que diz Bakhtin (2002, p. 41):

[...] a língua está viva e em desenvolvimento; ao lado das forças centrípetas segue o trabalho incessante das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verboideológica e da unificação desenvolve-se incessantemente os processos de descentralização e separação.

Observa-se, então, que esse aspecto opositivo da língua é constituído por um jogo linguístico em que as forças centrípetas normativas (ou seja, as forças da unificação e da centralização) são também atravessadas por enunciados que procuram se afastar das vozes dominantes, provocando um movimento de descentralização (forças centrífugas). Diante dos ajuizamentos retrorrelacionados, citamos, aqui, as conclusões de Volóchinov (2018), que afirma que a língua é uma atividade verbal em fluxo perene de formação, realizada por meio de

interações sociodiscursivas, e ajuíza também que as leis de formação da língua não são individuais ou psicológicas de tal forma que possam ser isoladas da interação discursiva, pois essas leis são de natureza sociológica em toda sua essência. O autor aclara que a criação da língua não coincide com qualquer outra criação ideológica; no entanto, a criação linguística não pode ser compreendida sem levar em consideração os sentidos e os valores ideológicos que naturalmente a constituem; por fim, depreende que a estrutura do ato discursivo, ou mais precisamente o seu produto, o enunciado, é puro e naturalmente social.

Diante do exposto, é salutar lembrar que, no bojo dessa relação lógico interativa, entre fluxo histórico e social da língua, o enunciado como formulação da manifestação verbal e correia de transmissão entre história e sociedade é transpassado pelo dialogismo, cujo conceito está indissolúvelmente ligado ao processo de interação enunciativa. É relevante considerar, ainda, que a dialogicidade vai incorporando sentidos e conotações sem nunca perder a ideia central de relação entre o enunciado e outro enunciado que o antecede. Dada a importância desse tema para nossa pesquisa, aprofundaremos esse conceito no próximo capítulo.

À vista de toda reflexão feita até aqui, é importante recobramos as principais conceituações que fundamentam nosso estudo, mas, para tanto, é necessário rememorarmos inicialmente o objetivo principal deste capítulo que é delimitar um plausível conceito de língua com vistas nas ideias do Círculo de Bakhtin (1895-1975), o qual considera que a realidade fundamental da língua é a interação verboideológica, que se materializa pela comunicação verbal por meio da enunciação concreta. Afirmam eles que é concreta a enunciação por ser efetivada entre sujeitos reais pertencentes a dada coletividade e sócio-historicamente situados.

De acordo com essa premissa, é importante retomarmos as conceituações atribuídas à língua acerca de um possível isolamento e delimitação desse artefato linguístico. Essa reflexão é importante considerando que o objetivo proposto da nossa pesquisa perpassa por uma clara compreensão desse fenômeno enquanto artefato sócio-histórico, bem como de outras manifestações linguísticas dele advindo.

Dito isso, podemos destacar a *priori*, como ponto alto de uma possível definição de língua, a tese desenvolvida pela primeira tendência do pensamento filosófico linguístico, a qual defende que o centro formador de fenômenos linguísticos é o ato psíquico individual, criativo e consciente, no qual sua essência é revelada transcorrer de sua história em um fluxo eterno de discursividade, no qual nada permanece estável e idêntico a si mesmo. Portanto, para o subjetivismo, o psiquismo individual representa a fonte da língua, que é regida por uma lei individual e psicológica.

Já as conceituações da segunda tendência podem ser interpretadas como uma espécie de antítese às inferências da primeira tendência, haja vista que temos uma caracterização diametralmente oposta de centro formador do fenômeno língua, pois, para o objetivismo, o objeto específico da ciência da língua é o sistema de normas fonética, gramatical e lexical, um sistema normativo prescrito, inato, inflexível, indiscutível e imutável refratário a ideia de constituição da língua em um processo sócio-histórico.

Mediante análise das criações subjetivistas e objetivistas, temos, *a posteriori*, o que denominamos em outro momento como terceira via. Essa concepção de centro formador de fenômenos linguísticos é construída por Volóchinov (2018) como resultado de perquirições a essas duas tendências. Essa nova percepção de centro formador de eventos linguísticos é constituída pela relação de dois conjuntos através da inserção dos elementos do primeiro conjunto composto pelo fenômeno físico-psicofisiológico no ambiente atmosférico do segundo conjunto formado pela esfera da unicidade da comunicação social organizada. É na relação e intercâmbio desses dois conjuntos, submetidos ao processo de interação verbal enunciativa, que encontraremos uma possível definição de língua. Sendo assim, Volóchinov (2018) estabelece a interação enunciativa como o foco gerador de todo processo linguístico.

Cabe observar, ainda, que, assim como Volóchinov (2018), Bakhtin (2002) preceitua igualmente a língua como um fenômeno sócio-histórico, porém, à sua maneira, esclarece que esse artefato linguístico é organizado e conduzido por duas forças, a centrípeta e a centrífuga. Enquanto aquela mantém a unidade da língua através de um sistema de normas, essa, em vivência ativa através da interação discursiva, desenvolve de maneira perene os elementos linguísticos necessários para dispersão do sistema normativo homogêneo e imutável. No próximo capítulo, aprofundaremos essa reflexão.



### 3 DIALOGISMO, GÊNERO DO DISCURSO E HETEROGLOSSIA

Esses conceitos fazem parte do conjunto de aporte teórico de que dispomos nessa pesquisa para compreender a maneira do observado por Bakhtin (2015) quando esclarece que as memórias linguísticas se encontram em toda parte da historicidade que atravessa a vida do indivíduo, linguagens e não um sistema imutável de normas [...]. Nessa perspectiva conceitual de língua, porém de língua heterodiscursiva, Bakhtin (2015) prossegue esclarecendo que um camponês analfabeto, isolado em sua zona de conforto em um mundo estável, aparentemente pouco erudito, pode operar não só com uma língua, mas com línguas, cada uma em seu devido lugar e em vários sistemas de linguagem: louva a Deus numa língua, canta em outra, num ambiente familiar fala uma terceira língua. Pode começar a ditar como pessoa capaz de se manifestar na perspectiva do sistema alfabético, declamar uma declaração institucional, o qual procura falar ainda uma quarta língua com seu respectivo sistema de normas.

#### 3.1 A CONCEPÇÃO DIALÓGICA BAKHTINIANA COMO REVERBERAÇÃO ENUNCIATIVA DE VOZES SÓCIO-HISTÓRICA E SOCIOIDEOLÓGICA

“No princípio era o verbo e o verbo estava com Deus”.

O vocábulo verbo é uma possível tradução do termo *logos*, disposto na versão grega da origem do universo e que pode ser interpretada também como palavra, ou seja, no princípio era a palavra.

De acordo com Bakhtin (2015), apenas o Adão mítico habitou o mundo a princípio; mundo este virginal e ainda não preconcebido de processos de interações verbais. Ensimesmado, o Adão solitário e monológico conseguiu evitar o quanto foi possível essa orientação dialógica mútua com a palavra do outro no objeto.

De forma muito significativa, tanto a filosofia da linguagem quanto a linguística, embora declarassem a primazia do diálogo sobre a enunciação monológica, buscavam estudar o diálogo apenas como uma forma composicional de construção de um discurso. Tendiam com predominância à observação e análise da palavra de uma forma artificial e convencional não dialogizada do ato discursivo. No sentido diametralmente oposto a essa visão de análise, vejamos o que diz Bakhtin (2015, p. 52):

[...] quase se ignorava a dialogicidade interna do discurso (tanto na réplica quanto na enunciação monológica) que penetre toda sua estrutura, todas as camadas dos seus sentidos e de sua expressão. Mas é justamente essa dialogicidade interna do discurso

que não aceita as formas dialógicas extremamente composicionais, não se separa da própria concepção do seu objeto pela palavra para se tornar um ato independente, que é dotado de uma imensa força formadora de estilo. A dialogicidade interna do discurso encontra sua expressão em várias particularidades da semântica, da sintaxe e da composição até hoje não estudada pela linguística e estilística [...].

Essa convenção composicional estabelecida refreava as reverberações dialógicas que atravessavam toda historicidade discursiva contida no enunciado de toda natureza. Todavia, ao modo da água caudalosa que trafega imperiosa as margens estreitas sufocantes para alcançar o seu destino, a dialogicidade, intrínseca a todo enunciado, não se alinha com a dialogicidade de forma composicional externa, quase que hermética, e, devido à sua natureza social que se transmove em fluxo contínuo, é que emerge soberano.

Na perspectiva da criação bakhtiniana, o dialogismo é concebido pela comunhão verboideológica de várias vozes existentes nos enunciados, determinados por uma sequência ininterrupta de manifestações relacionadas entre enunciados alheios no âmbito da mesma língua, entre outras línguas sociais no âmbito da mesma língua nacional e entre outras línguas nacionais no âmbito da mesma cultura e do mesmo universo socioideológico. Vejamos conforme a lente de Bakhtin (2015, p. 49):

O enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. É disto que ele surge, deste diálogo, como sua continuidade, como uma réplica e não como se com ele se relacionasse à parte.

Observa-se, então, que todo enunciado concreto e consciente no âmbito da mesma natureza socioideológica está permeado e atravessado por ideias alheias, ou seja, por opiniões, pontos de vista, ajuizamentos, apontamentos etc., e que, de acordo com Bakhtin (2015), a ação verboideológica direcionada para seu objeto entra nesse contexto dialogicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios, entrelaça-se em suas complexas relações mútuas, funde-se com uns, afasta-se de outros, cruza-se com terceiros. O resultado disso é que toda essa massa de cruzamentos linguísticos pode formar com fundamento o discurso, ajustando-o a todas as suas camadas semânticas, tornando complexa sua expressão, bem como influenciando toda a sua feição estilística.

Desse modo, a interatividade dialógica que ocorre no centro formador ou reformulador do enunciado, em dado momento, ocorre entre diferentes elementos de sua assimilação e combinação comunicativa social; em outras palavras, essa profusão de permutas entre os discursos alheios, torna complexa a sua concepção do objeto do enunciado, pois, apesar de todo

objeto submetido às leis de análise poderem ser contestados e elucidados, “por outro lado podem ser obscurecidos pela opinião social heterodiscursiva, pelo discurso do outro sobre ele e, nesse complexo jogo de claro-escuro entre o discurso que dele se impregna, que nele lapida seus próprios contornos semânticos e estilísticos” (Bakhtin, 2015, p. 49).

De acordo com Bakhtin (2015), toda concepção verboideológica tem origem no diálogo; já na condição de sua réplica viva, esse enunciado se manifesta no bojo da dinâmica interativa com o discurso do outro focado no objeto. A concepção do seu objeto pelo discurso é dialógica. Nesse contexto, Bakhtin (2015) observa ainda que a dialogicidade interna do discurso não se limita apenas ao objeto do discurso do outro, ou seja, ao significado aparente ou superficial da intenção. Essa dialogicidade vai além, perpassa a influência profunda do discurso responsivo antecipável.

Consoante ao pensamento ora exposto, vejamos a concepção Bakhtiniana a respeito do discurso dialógico responsivo, Bakhtin (2015, p. 52-53):

O discurso falado vivo está voltado de modo imediato e grosseiro para a futura palavra-resposta: provoca a resposta, antecipa-a e constrói-se voltado para ela. Formando-se num clima do já dito, o discurso é ao mesmo tempo determinado pelo ainda não dito, mas que pode ser forçado e antecipado pelo discurso responsivo. Assim acontece em qualquer diálogo vivo.

Diante dessa instrução bakhtiniana, percebemos o quão inexorável é a ação e reação do discurso responsivo antecipável, pois todo discurso está voltado para uma resposta e, em proporção inversa, toda resposta reclama uma formulação e indagação em ato contínuo responsivo; é o movimento frenético da palavra resposta.

A constituição de todo esse processo de reverberações de ideias, valores e sentimentos, penetrados por opiniões comuns, pontos de vista, avaliações alheias, apontamentos entrelaçados em suas complexas relações, empréstimos e permutas, necessita de diálogo perene, pois essas ressonâncias de vozes são inerentes a todo discurso dialógico, responsivo e antecipável. É o entrelaçamento de todo esse processo dialogizado no campo da interação verboideológica que permitirá uma interpretação concreta do discurso em seu sentido atual. “O significado linguístico de certo enunciado é interpretado no campo da língua, ao passo que o seu sentido atual é interpretado no campo de outros enunciados concretos sobre o mesmo tema, no campo de opiniões, pontos de vista e avaliações dispersas, [...]” (Bakhtin, 2015, p. 54).

Perante o exposto, é crível depreender que as relações dialógicas permeiam a heteroglossia e vice-versa, haja vista que as práticas sociais dos repertórios linguísticos se dão através das relações entre índices sociais de valores que constituem o enunciado, também

compreendido como unidade da interação social, a qual fixa a posição do sujeito, possibilitando a réplica ao dito, a confrontação de posições, de possibilidades de intervenções e de concordância ou discordância. “O autêntico meio da enunciação, no qual ela se forma e vive, é justamente o heterodiscurso dialogizado, anônimo e social como a língua, mas concreto, rico em conteúdo e acentuado como enunciação individual” (Bakhtin, 2015, p. 42).

Robert Stam (2000), em sua obra *Bakhtin: da teoria literária a cultura de massas*, mais especificamente no título *Dialogismo cultural e textual*, inicia suas observações a respeito do dialogismo bakhtiniano afirmando que a maioria dos comentadores concordam sobre a importância central da noção de dialogismo no pensamento e no método de Bakhtin. Stam (2000), para dar mais ênfase a esse pensamento, embasa essa afirmação citando a obra de Todorov, *O princípio dialógico*, que aborda a dialogicidade (Stam, 2000, apud Todorov, p. 72); os estudos de Marson, *Bakhtin: ensaios e diálogos sobre sua obra*, (Stam, 2000, apud Marson, p. 72) e cita ainda o próprio Bakhtin, quando esse diz: “por toda parte ouço vozes e as relações dialógicas entre elas” (Stam, 2000, apud Bakhtin, p. 72). Bakhtin (2015) diz, ainda, em *Problemas da poética de Dostoievski*, que “Ser significa comunicar-se dialogicamente. Quando termina o diálogo, tudo termina” (Bakhtin, 2015, p. 272).

Podemos observar mais claramente essa formulação dialógica e comunhão com a discursividade verbal de Bakhtin (2016) em sua obra *Os gêneros do discurso*, que, do seu ponto de vista afirma, há uma dialogização do enunciado, haja vista que considera que os enunciados não são alheios uns aos outros, nem soberanos capazes de existir sem depender dos outros; são mutuamente conscientes e espelham um ao outro. Cada enunciado é repleto de ecos e reverberações de outros enunciados com os quais interage, dialoga e se relaciona pela comunhão da esfera da comunicação verbal. Cada enunciado nega, assevera, complementa e está sujeito aos outros enunciados, pois, a partir de indícios, presume relação anterior e, de alguma forma, leva-os em conta.

Em outra ocasião, é possível constatar a ideia de que toda obra bakhtiniana, assim como todos os discursos, são dialógicos, ou, por assim dizer, são formulações relacionais do discurso, considerando o que Bakhtin (2018) escreveu em *Marxismo e filosofia da linguagem*, obra que já foi atribuída a ele, porém assinada por Valentin Volóchinov (2018, p. 219), o qual depreende:

[...] Além disso, esse discurso verbal é inevitavelmente orientado para discursos anteriores tanto do próprio autor quanto de outros, realizados na mesma esfera, e esse discurso verbal parte de determinada situação de um problema científico ou de um estilo literário. Desse modo, o discurso verbal impresso participa de uma espécie de

discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante.

Diante do exposto, deduzimos que qualquer discurso verbal inevitavelmente se orienta por outros discursos anteriores na mesma esfera de linguagem, tanto do mesmo autor quanto de antecessores, originando uma interatividade dialógica, na qual um enunciado emerge de outro, ou outros, como correias de transmissão em fluxo constante e perene.

Porém, afinal, o que vem a ser dialogismo? Do ponto de vista de Robert Stam (2000), o dialogismo é um fenômeno que ocorre na relação entre o texto e textos anteriores correlacionados e mútuos entre si; são diálogos presente e pretéritos, não só nas formas textuais simples (como o debate, a polêmica e a paródia), mas também nas formas complexas e difusas. Diante de tais ponderações, vejamos o dizer de Stam (2000, p. 74):

[...]. Embora na origem o dialogismo seja interpessoal, aplica-se também por extensão à relação entre as línguas, as literaturas, os gêneros e até mesmo as culturas. No sentido mais amplo, o dialogismo se refere às possibilidades abertas e infinitas geradas por todas as práticas discursivas de uma cultura, toda a matriz de enunciados comunicativos onde se situa um dado enunciado.

Observa-se, então, que o conceito de dialogismo é de suma importância não somente para os textos de tradição literária, mas também para os não-modelares, para as breves réplicas do diálogo do cotidiano, o comando militar lacônico, os enunciados que não são considerados como textos, o diversificado universo das manifestações publicísticas, documentos oficiais e assim por diante.

Stam (2000), ao reproduzir Bakhtin sobre essa questão, esclarece que o conceito de dialogismo atravessa a tradição literária e histórica, posiciona-se além das séries que formatam os textos verbais ou não-verbais, eruditos ou populares, pois o dialogismo penetra no âmago de qualquer produção cultural letrada ou não letrada, elitista ou não elitista.

Se considerarmos mais de perto a visão bakhtiniana de enunciado, poderemos cogitar, sem falsa modéstia, que os atos que constituem a linguagem e a fala num processo de interação verbal são noções que podem, por assim dizer, caracterizar a língua de que se ocupa as reflexões de Bakhtin (2016). Obviamente, essa é uma visão em primeiro plano, pois, se nos atermos com mais profundidade às formulações bakhtinianas, iremos notar a noção de dialogismo com destacada posição em seus estudos e obra.

Ainda sob a perspectiva das relações dialógicas, é possível abstrair a concepção de enunciado de tom valorativo, haja vista que o vivenciamento ativo do eu é sempre uma atividade axiológica, imbuída das relações dialógicas de valores, ideias e sentimentos inerentes à

alteridade dos indivíduos e que atravessam as práticas sociais comunicativas de interação verbal. Consoante a essa definição, vejamos o que diz Bakhtin (2016, p. 47):

[...] Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. [...] Alguns pesquisadores chegam inclusive a reduzir diretamente o estilo ao aspecto emocionalmente valorativo do discurso.

Percebemos, então, que o vivenciamento ativo do eu é sempre uma atividade axiológica, pois valorar significa imbuir de valores singulares as relações dialógicas nas práticas sociais de interação verbal, não como valor da vida para mim, mas do meu próprio valor para mim mesmo, imprimindo-lhe, dessa forma, um estilo individual.

A dialogicidade ainda nos remete à compreensão responsiva, visto que, no curso da interação verbal, o enunciado apresenta como partes integrantes uma relação entre a intenção do dizer, um sujeito e a realização da intenção num processo sociointeracional de locução e interlocução. *Ipsis verbis*<sup>18</sup>, Bakhtin (2016) diz que o interlocutor, à sua vez, ao compreender o significado da mensagem emitida, toma posição concomitantemente a ela e que, numa posição responsiva, concorda ou discorda dela (total ou parcialmente), completa-a ou a aplica, preparando-se para usá-la. Tal responsividade se desdobra e se concatena durante todo o processo de compreensão interlocutória, formada responsivamente desde o início do intercâmbio, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Em consonância com essa ideia, Bakhtin (2016, p. 25) diz ainda:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta real e em voz alta. [...].

Diante do exposto, podemos definir responsividade como uma parte de um diálogo que está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra parte nesse diálogo; trata-se, pois, da oposição ao locutor de uma contra palavra, de um intercâmbio responsável a partir daquilo que se compreende no processo de interação. Nesse sentido, Bakhtin (2016) acrescenta

---

<sup>18</sup> Expressão de origem do latim que significa “pelas mesmas palavras”.

que toda compreensão plena real é ativamente responsiva e tal compreensão nada mais é do que o princípio de formulação da resposta (independentemente da forma como ela se manifesta), pois o falante, dado a um condicionamento, já está preparado e receptivo a essa compreensão ativamente responsiva: o falante não aguarda uma compreensão passiva, vazia, abstraída, que tão somente reproduza seus ajuizamentos em voz alheia; espera, porém, uma resposta ativa, significativa, espera reciprocidade, uma abjeção, ou seja, uma interlocução interativa.

Diante dos conceitos retromencionados, compreende-se que toda ação responsiva entre falantes ocorre mediante formulação e compreensão de ideias que se manifestam através da discursividade interativa. A manifestação das ideias através da interação verbal constituirá o enunciado, cujas intenções e valores nele contido nortearão a construção de diferentes diretrizes de objetivos e de projetos de discursividade, que irão compor, de acordo com cada área de atividade, os diferentes gêneros do discurso.

### **3.1.1 OS GÊNEROS DO DISCURSO: A FORMAÇÃO DOS GÊNEROS DISCURSIVOS EM DECORRÊNCIA DA EXISTÊNCIA DAS VÁRIAS ATIVIDADES HUMANAS**

Em *Os gêneros do discurso*, Mikhail Bakhtin (2016) define o enunciado como caracterizado por um Conteúdo temático, Estilo e Construção composicional, características que estão indissolúvelmente ligadas ao conjunto do enunciado e são determinadas pela especificidade de cada campo de comunicação que os formam. “Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denomina-se de gêneros do discurso” (Bakhtin, 2016, p. 12).

Esses três elementos, conteúdo temático, estilo da linguagem e construção composicional refletem efetivamente as condições e especificidades de cada campo de atividade humana e, impreterivelmente, compõem as unidades significativas características a todo enunciado, cada uma a seu modo. Diante dessa observação, vejamos cada um.

A despeito do primeiro elemento, é concebível que, para que haja a atitude responsiva, é necessária a compreensão do processo de interação; nessa perspectiva, o conteúdo temático está certamente fundamentado em vínculos dialógicos que o enunciado estabelece com outros textos, uma vez que os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos, uns conhecem os outros e se refletem mutuamente. Já o estilo, por assim dizer, figura em uma concepção bastante ampla, pois além de se vincular à época e aos costumes, vive um tensionamento de divergência e convergência com a gramática. Ora, mediante análise do

sistema da língua, temos um fenômeno gramatical, ora, do ponto de vista de análise do conjunto do enunciado individual ou do gênero do discurso, temos um fenômeno estilístico; contudo, mesmo havendo uma escolha, toda escolha necessariamente requer para si um estilo.

Grosso modo, o estilo, ao utilizar os recursos lexicais, gramaticais e fraseológicos, busca imprimir um conjunto de construções linguísticas de características particulares de um determinado indivíduo, em que podem ou não figurar frases ou expressões cristalizadas.

Em relação à construção composicional, podemos dizer que se trata da forma como determinado gênero discursivo se organiza, isto é: a forma padrão relativamente estável de estruturação de um todo do enunciado — é aí que reside a expressão máxima de configuração de um gênero do discurso.

Em contraste com as especificidades da educação brasileira, com suas falhas e pouco estímulo na ampliação de repertórios de leituras diversificadas, é possível observar na opinião de inúmeros estudiosos deste tema, os gêneros do discurso, a enfática defesa de sua relevância para o estudo de língua. De forma restrita, iremos nos ater às contribuições de Renata Coelho Marchezan (2010) em *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*, em que a autora introduz seus estudos, alertando-nos que, dada a importância da compreensão de gênero do discurso, tal importância é evidenciada, bem como enfatizada, com notório destaque tanto às diretrizes oficiais do governo brasileiro para o ensino da língua, com especial e enfática atenção à língua materna, quanto em diversos e diferentes trabalhos produzidos nos Centros Avançados da Cultura e do Conhecimento Científico nessa área da discursividade verbal.

Com base em observações críticas e realistas, Marchezan (2010) vai além quando problematiza que, lamentavelmente, mesmo depois de tantas discussões, estudos e formulações críticas sobre a insuficiência do sistema formal, homogêneo e imutável da língua, bem como dos debates consensuais de alto grau de importância para os estudos centrados na lato exploração de textos dos mais diversificados gêneros nas salas de aula, a subjetividade do pensamento abstrato, engessado pelas normas prescritas, volta a se insinuar no ensino doméstico numa quase gramaticalização esterilizante dos gêneros do discurso, posicionando esse saudosismo retrógrado na contramão das apreensões feitas por Bakhtin (2016, p. 12).

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborada todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade. [...].



Diante de tais ponderações, é possível compreender que os gêneros do discurso são riquíssimos em ressonâncias de discursos verbais devido à existência das inúmeras atividades humanas em todas as áreas do conhecimento cujo contínuo e ininterrupto processo de desenvolvimento de cada campo dessas atividades vai acrescentando contribuições linguísticas de tal forma que suscitam a construção de uma extensão ilimitada de repertórios de gêneros textuais. Sendo assim, os gêneros do discurso, no bojo de sua riqueza, diversidade e possibilidades multifacetadas, são percebíveis num sem número de textos e enunciados, constituindo-se numa espécie de entidade onipresente que se manifesta nos gêneros literários clássico e contemporâneo.

Dentro de uma concepção mais prática, o entendimento que precisa ser assimilado é o da organização do todo textual e da posição do ser e do fazer do homem no mundo, cujo legado de ideias, valores, vivências e experiências se materializam na diversidade dos gêneros discursivos que se movem em fluxo contínuo, atravessando a historicidade das coletividades de falantes. Essa assertiva nos leva a retomar as ponderações de Marchezan (2010), para quem a análise simultânea dos elementos processuais de formulação do texto e da formulação processual dos elementos de organização significativa ideológica das experiências humanas tem os seguintes respaldos teóricos: 1) os sentidos que os homens dão a seus mundos estão materializados nos seus atos enunciativos; 2) a língua — não a língua como sistema, nem a língua dos dicionários, mas a língua viva, os atos de comunicação — tem um importante papel nos processos humanos de concepção de realidades de mundos.

Mediante as contribuições de Marchezan (2010), pode-se compreender que os elementos textuais que operam no plano da discursividade verbal interagem sempre de tal forma que continuamente se espelham e se refratam, encontram-se ou se desencontram entre os falantes dos processos de interação verbal. Não obstante, retomamos, no bojo desse processo interativo, as ponderações sobre a linguagem viva e dialógica, a qual, como já dissemos, é composta por relações entre índices sociais de valores que constituem o enunciado e que, devido a tal natureza, é compreendida como unidade da interação social, também chamada de relações dialógicas. Na esteira dessa visão, Stam (2000, p. 74) faz suas considerações nos dizendo que “[...] o dialogismo se refere às possibilidades abertas e infinitas geradas por todas as práticas discursivas de uma cultura, toda a matriz de enunciados comunicativos onde se situa um dado enunciado. [...]”.

A dialogicidade, segundo Marchezan (2010), é rica demais em ressonâncias polissêmicas; é, pois, construída em um fluxo sócio-histórico incessante de formação da língua

em estado latente que, por extensão, está presente nas réplicas do diálogo cotidiano, no comando militar, na ordem desdobrada, nas manifestações científicas, romances etc.

Embora no ora exposto se retomem as formulações sobre conceito dialógico, vale lembrar que as unidades da interação social de valores se concretizam em unidades significativas que constituem o enunciado, e que esse, por sua vez, desdobra-se nos gêneros do discurso.

Retomando as apreensões sobre a extrema heterogeneidade da discursividade enunciativa, ou seja, dos gêneros do discurso e da dificuldade gerada por ela para definir a natureza geral do enunciado devido à sua natureza heteróclita, Bakhtin (2016) esclarece sobre a especial importância de nos atentarmos para a diferença existente entre os dois tipos de gêneros discursivos, que, diga-se de passagem, não se trata de uma diferença funcional. Temos então, nesse contexto, os gêneros primários (simples) e secundários (complexos). Os gêneros primários, simples, surgem das condições de comunicação discursiva imediata, ou seja, da realidade concreta de enunciados reais como as breves réplicas dos diálogos cotidiano, das cartas romanescas privadas, dos enunciados espontâneos do dia a dia e assim por diante. Em outro plano, temos, por sua vez, os gêneros secundários, complexos, que surgem do processo sócio-enunciativo cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado, com predominância para a manifestação enunciativa verbal escrita, como é o caso dos romances, dos dramas, das pesquisas científicas de toda espécie, dos grandes gêneros publicísticos etc. Vale lembrar que, de acordo com o conceito dialógico de intercâmbio entre enunciados, ocorrerá, entre os gêneros do discurso, uma permuta linguística de tal forma que, no processo de formação dos gêneros secundários, eles “incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. [...] ao integrarem os complexos, nestes se transformam e adquirem um caráter especial: [...]” (Bakhtin, 2016, p. 15).

A dinâmica de profusão dos gêneros do discurso acima exposta nos remete às formulações de Bakhtin (2016) quanto às considerações dos tipos relativamente estáveis de enunciados que cada campo de utilização da língua elabora. Nesse sentido, vejamos as considerações de Marchezan (2010, p. 268):

Entre os tipos relativamente estáveis de enunciados, salienta-se, como se sabe, a diferença – sem no entanto, deixar de destacar também sua inter-relação – entre os gêneros primários e os gêneros secundários: entre os gêneros espontâneos do cotidiano, que acontecem principalmente face a face, e os enunciados mais complexos, que compartilham dos valores da sociedade como um todo, mas surgem e atuam mais diretamente em uma área particular: uma ciência, uma religião, uma

escola artística, etc. fazendo parte do elo da comunicação verbal, os gêneros dão forma à experiência sócio-histórica, que neles se estabiliza; institui e reforça as formas já tradicionais, mas retira da dinâmica do dia-a-dia (dos gêneros primários, portanto) o alimento de sua transformação.

As considerações de Marchezan (2010) sobre a dinâmica de relativização com estabilidade entre alguns tipos de enunciados (correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem) que cada uma das esferas da atividade humana elabora, constituindo uma extensão dialógica sem fim de gêneros do discurso para dar forma às experiências sócio-históricas das coletividades de falantes, coloca-nos diante de uma constatação óbvia: a de que os enunciados dialogizados constituem a heteroglossia bakhtiniana. Isso se deve ao fato de que, ao ajuizarmos sobre o contexto lato de compreensão dos gêneros do discurso, é possível perceber os vários enunciados que o compõem, cingidos de heterodiscursividade, haja vista que o processo de interação verbal, como já dito anteriormente, ocorre numa espécie de retrospectiva linguística criadoramente ativa e transcende a historicidade presente nos enunciados de toda natureza.

### **3.1.2 O CONSTRUTO HETEROGLÓSSICO: A CAPACIDADE DE FALAR EM VÁRIAS LÍNGUAS**

O termo heteroglossia, introduzido na filosofia linguística pelo filósofo e teórico literário russo Mikhail Bakhtin (2015), descreve a coexistência de variedades linguísticas distintas dentro de uma única língua. O termo de origem russa empregado por Bakhtin é *raznorechie*, que, no sentido literal da palavra, quer dizer “fala variada”.

Nota-se, já de início, que esse termo preconcebido por Bakhtin (2015) já se trata de uma cocriação heterodiscursiva, pois o surgimento dessa palavra tem suas origens no grego, na junção do radical *hetero* que, de maneira simplificada, significa “diferente”, e do sufixo *glossa*, que significa ‘língua’. Indubitavelmente podemos inferir que o processo de formação dessa palavra sofreu a ação incontestável dos princípios de separação e formação, matéria que pontuaremos mais adiante.

Mikhail Bakhtin (2015), *a priori*, desenvolve a ideia de heteroglossia para analisar o discurso no romance, no qual busca enfatizar o caráter social e histórico das línguas. Nessa perspectiva, a heteroglossia está relacionada à compreensão de como a linguagem é moldada pelos contextos sociais, históricos e políticos dos sujeitos, haja vista que esse construto não trata a língua como um código separado das práticas comunicativas dos sujeitos.

Para Bakhtin (2015), a todos os momentos da nossa existência somos submetidos a um ativismo linguístico incessante, no qual, diante de todos os processos interlocutórios, convivemos com linguagens de diferentes épocas e períodos da vida socioideológica, e essa condição criadora e ativa, de certo modo, não permite resumir a língua a uma língua comum, estática e imutável.

É exatamente nesse contexto de profusão de palavras e linguagens alheias de um e de outro, em cada momento de vivência plural no decorrer da história, que se manifesta a língua heteroglósica. Diante disso, Bakhtin (2015, p. 66) nos esclarece:

Por último, em cada momento convivem linguagens de diferentes épocas e períodos da vida socioideológica. Existem até as linguagens dos dias: porque o dia socioideológico e político de hoje e de ontem, em certo sentido, não tem uma língua comum. Cada dia tem sua conjuntura socioideológica, semântica, seu vocabulário, seu sistema de acentos, seus lemas, seus desaforos e seus elogios.

É essa permuta e cruzamento de elementos linguísticos no decorrer da história que imprime à língua ressignificações. O atrito linguístico provocado pelo tensionamento da interação, em decorrência da expressão das ideias de um ou do outro, gera esse estado latente de criação, cocriação e recriação da língua. Vejamos no dizer de Bakhtin (2015, p. 66):

Desse modo, em cada dado momento de sua existência histórica a língua é inteiramente discursiva: é uma coexistência concreta de contradições socioideológicas entre o presente e o passado, entre diferentes épocas do passado, entre diferentes grupos socioideológicos do presente, entre correntes, escolas, círculos, etc. Essas línguas do heterodiscurso cruzam-se de modos diversos entre si, formando novas “línguas” sociotípicas.

Dessa maneira, seja no passado ou presente, é essa interrelação, fusão, complementação, recriação, ressignificação que torna a língua completamente heterodiscursiva. Contudo, há de se levar em consideração que, na relação entre todas essas línguas do heterodiscurso, existem expressivas diferenças metodológicas, haja vista que “em seus fundamentos há princípio de separação e formação (princípio funcional em alguns casos, temático-conteudístico em outros, propriamente socioideológicos em terceiros)” (Bakhtin, 2015, p. 66). Segundo Bakhtin (2015), é devido a esses princípios metodológicos que as línguas não excluem umas às outras, o que permite seus cruzamentos de múltiplas formas.

Temos, então, que, no cruzamento entre línguas (idiomas), resultado de algum tipo de influência de uma língua sobre outra, apesar das inúmeras diferenças metodológicas entre elas, há um princípio organizado de formação de elementos linguísticos heterodiscursivos, há um

processo de cisão e classificação, bem como de construção, e essa ação irá refratar esses elementos linguísticos, assim como agregar valores a eles.

Estamos falando, de forma restrita, do princípio funcional da língua, cuja investigação linguística não se limita à estrutura gramatical, pois busca, no contexto discursivo, a motivação para os fatos da língua; falamos também do conteúdo temático verboideológico, que delimitará a expressão das ideias, valores, sentimentos e, por fim, falamos do estudo dialetológico, que traçará os parâmetros de investigação para a compreensão da geografia da língua e dos fenômenos de diferenciação dialetal.

Diante dessa metodologia e de um ponto de vista por nós deduzido, vejamos o que diz Bakhtin (2015) a esse respeito: a rica literatura prosaica do povo romanesco, constituída por uma história socioideológica abastada, complexa e tensa, resultado de conflitos e longos processos de expansão e dominação, é o microcosmo organizado, que reflete o macrocosmo do heterodiscurso de muitos países.

Face às reflexões feitas até aqui, é verossimilhante deduzir que a interação verbal viva e sócio-histórica como fonte criadora de elementos linguísticos, bem como os enunciados que compõem os repertórios linguísticos dos sujeitos, são cingidos de heterodiscurso, ou seja, a consciência linguística literalmente ativa é dotada de memórias, pois se encontra em toda parte e em todas as épocas inacessíveis que atravessam a historicidade dos sujeitos e, dessa forma, pré-encontra-se carregada de valores culturais, morais, éticos, estéticos, estilísticos, políticos, entre outros, que atribuirão significados à linguagem, de acordo com o contexto sociolinguístico ora praticado. Em consonância a essa ideia, vejamos o que diz Bakhtin (2015, p. 71):

A consciência linguística socioideológica concreta, ao tornar-se criadoramente ativa, isto é, ativa em termos literários, pré-encontra-se cercada de heterodiscurso e nunca de uma língua única e singular, indiscutível, incontestável. A consciência linguística literariamente ativa encontra, sempre e em toda parte (em todas as épocas históricas inacessíveis), “linguagens” e não uma língua. [...] Depara então com a necessidade de escolher uma linguagem. Em cada manifestação literária verbalizada, orienta-se ativamente pelo heterodiscurso, ocupando aí uma posição, escolhendo uma “linguagem”. Só permanecendo num ambiente fechado, sem escrita e sem sentidos, à margem de todas as vias de formação socioideológica, o homem pode não perceber esse ativismo linguístico seletivo e repousar no solo indiscutível e predeterminado de sua língua.

Diante das considerações realizadas por Bakhtin (2015), podemos presumir heteroglossia como memórias linguísticas socioideológicas, haja vista que, ao contextualizar a visão heteroglóssica, tomamos clareza do seu caráter social e o quanto não somos autores das palavras que proferimos nem pela forma como nos expressamos, pois essas vêm imbuídas de intenções, estilo(s) e contextos distintos.

Por extensão, deduzimos ainda que a heteroglossia é um meio de buscar compreender como a linguagem se articula e se acomoda nos contextos sociais, históricos e políticos dos sujeitos. Vejamos, pois, o que assevera Bakhtin (2015, p. 71) a esse respeito:

No fundo, porém, mesmo esse homem opera não com uma língua, mas com línguas: contudo, o lugar de cada uma delas é sólido e indiscutível, a passagem de uma para outra é predeterminada e automática como a passagem de um cômodo a outro. Essas línguas não se chocam entre si na consciência desse homem, ele não tenta correlacioná-las, não tenta olhar para uma delas com os olhos de outra língua. Assim, um camponês analfabeto, que se encontra no reino dos confins, distante de qualquer centro, ainda mergulhado num ambiente que para ele é imóvel e inabalável, vive em vários sistemas de linguagem: ora a Deus numa língua (o eslavo eclesiástico), canta em outra, num ambiente familiar fala uma terceira, mas começa a ditar, como pessoa alfabetizada, uma declaração para a administração regional, procura falar também uma quarta língua (a língua "burocrática" oficial correta).

Dessa forma, a heteroglossia bakhtiniana pode ser concebida como precursora de efeitos de significado e intenções semânticas com eloquências e protocolos linguísticos diversos, possibilitando significativas possibilidades no processo de interpretação de enunciados e textos de vários gêneros e tipos.

Volóchinov (2018), em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, no sentido lato da palavra, depreende sobre as várias e multifacetadas possibilidades de esclarecimento dos elementos que tangenciam uma definição de língua, atribuindo a ela um processo de capilarização de modo a distribuir melhor esses elementos para, daí, obter melhor e mais precisa definição dessa instituição social. Com efeito, o filósofo e linguista expõe vários elementos com seus respectivos aspectos de constituição, concepção, caráter, fluxo de desenvolvimento etc., atribuindo a esses conceitos um caráter sócio-histórico que lhes é peculiar e está intrinsecamente vinculado a tal definição.

No âmbito da capilaridade ora mencionada, é imprescindível darmos destaque à unicidade da palavra, pois a reflexão realizada por Volóchinov (2018) dá a sustentabilidade necessária em relação à assertiva mencionada no topo deste parágrafo: é tangível inferir que a heteroglossia bakhtiniana pode ser concebida como precursora de efeitos de significado e intenções semânticas com eloquências e protocolos linguísticos diversos, possibilitando significativas possibilidades no processo de interpretação. Do ponto de vista de Volóchinov (2018, p. 196),

O sentido da palavra é inteiramente determinado pelo seu contexto. Na verdade, existem tantas significações para uma palavra quanto contextos de seu uso. No entanto, a palavra não perde sua unicidade; ela, por assim dizer, não se desfaz em uma quantidade de palavras equivalente aos seus contextos de uso. Obviamente, essa

integridade da palavra é garantida não apenas pela integridade da sua composição fonética, mas também pela unicidade comum a todas as suas significações [...].

Temos, então, nessa concepção de Volóchinov (2018), duas convicções: a primeira que nos remete à polissemia da palavra com seus vários significados, adequada e condicionada ao contexto de interação sociodiscursiva; e a segunda, de que essa mesma palavra, independentemente do contexto sociodiscursivo pretérito ou presente, não perde sua unicidade enquanto essência singular.

Entendemos, então, que a coexistência de variedades linguísticas distintas, de cocriações, de estilos de discurso, da polissemia da palavra ou pontos de vista distintos dentro de uma única língua, a exemplo da linguagem literária, perfazem uma cadeia de ramificações de ideias e valores que constituem a heteroglossia.

Sendo assim, podemos conceituar heteroglossia como uma espécie de inserção no cerne da linguagem de uma variedade de anotações, avaliações, pontos de vista sobre o mundo, formas de conceituar o mundo em palavras, visões de mundo específicas, cada uma caracterizada por seus próprios objetos, significados, valores e intenções.

Para Bakhtin (2015), essa diversidade de línguas e linguagens dentro de uma única língua põe sobremaneira em discussão os pressupostos básicos da concepção de isolamento e delimitação da língua defendidos pelas correntes filosófico-linguísticas subjetivista individualista e objetivista abstrata. Aquela devido a ideias de língua concebida através de atos discursivos individuais psicofisiológicos e dotada de sistema normativo estável, e essa devido à concepção de língua baseada em um modelo de sistema normativo imutável, homogêneo e indissolúvel, exterior ao ato consciente individual e criativo do falante, inclusive com a negação da contribuição sócio-histórica para a formação da língua.

Temos, então, que cada palavra empregada, cada enunciado formulado e verbalizado em qualquer espaço temporal, peculiar ou adverso, ocorre devido à conjunção de um complexo engendramento, encadeamento e convergência de situações, forças, valores, sentimentos, ideias, intenções e condições que são únicas para aquele dado momento, tempo e lugar. A heteroglossia é, portanto, o meio inexorável pelo qual transita a operação de sentido no tempo e no espaço em qualquer enunciado, bem como aquela que sempre garante a perenidade do contexto sócio-histórico sobre a língua verbal ou não verbal. É, desse modo, a condição psicofisiológica e sócio-histórica que todo sujeito possui ao manifestar o uso de línguas em dados processos de interação verboideológicos.

O heterodiscurso constitui, portanto, uma forma de conceituar a realidade discursiva verboideológica, em que há naturalmente sempre, de um lado, um tensionamento entre as forças

centralizadoras (centrípetas), que mantêm uma unidade linguística através de um sistema normativo, e, de outro lado, as forças descentralizadoras (centrífugas) que norteiam a dissolução dos discursos invioláveis, homogêneo e imutável, como já descrevemos neste mesmo trabalho, na seção que trata sobre a definição de língua para Bakhtin (2015).

#### 4 ANÁLISE METODOLÓGICA DO CORPUS

Neste capítulo, dedicamos atenção ao *corpus* de análise, objetivando compreender os efeitos de sentido produzidos pela emergência da heteroglossia dialogizada em um texto do gênero artigo de opinião.

Consoante a tal objetivo, buscamos selecionar um gênero textual, cuja composição apresentasse elementos linguísticos que expressassem com particularidade um conjunto de ideias. Prioritariamente, a escolha de um texto como objeto de análise deveria conter a expressão máxima do sujeito do discurso textual, na qual pudesse se constatar um ponto de vista sobre um assunto de relevância, a opinião do sujeito sobre esse assunto, argumentos plausíveis com uso de exemplificações, citações, depoimentos, comparações e, na medida do possível, de dados estatísticos.

A relação dos elementos ora elencados compreende um conjunto de ideias e valores que podem exprimir a integralidade ideológica de um sujeito: suas construções, pensamentos, emoções, valores morais, religiosos, status, estratificação social etc., independentemente da classe social a que pertença. Contudo, o aprimoramento desses valores (e, respectivamente, de sua identidade) estão relativizados a seu acesso ao conhecimento.

Associado à questão problema ora mencionada, o exercício da docência na educação básica da rede pública de ensino tem nos mostrado uma dura realidade que atinge adversamente parte significativa da classe estudantil. Vale salientar que tal adversidade é resultado de um sistema político educacional efêmero, que muitas vezes trata a educação como política de governo e não de Estado. Concepção esta que lamentavelmente impossibilita a execução das reais diretrizes de uma educação integral e de qualidade.

Mediante essa realidade e outros prejuízos, materializa-se visivelmente a escassa competência para compreender em plenitude signos e sentidos explícitos e subjacentes empregados no bojo das interações verboideológicas.

Minha atuação em sala de aula da educação básica há 26 anos tem possibilitado a observação da importância do desenvolvimento tanto da competência leitora, quanto da interpretação enunciativa para a ampliação da capacidade crítica dos sujeitos.



Ao longo desse período da docência, busquei alternativas didáticas para minimizar o problema da insuficiência dos alunos quanto à compreensão de signos e sentidos empregados no bojo dos processos de interações verbais, no entanto, foi no decorrer dos estudos das formulações de Mikhail Bakhtin (2015, 2016) a respeito dos conceitos de heteroglossia e dialogismo (que se cruzam e se complementam em processo ininterrupto de interlocução sócio-histórica) que vislumbrei a oportunidade de desenvolver em sala de aula novas práticas de compreensão de enunciados. Notei no desdobramento de ambas as temáticas a oportunidade de assimilação de novos conhecimentos com vistas a qualificar minha formação como docente-pesquisador para, posteriormente, com a apropriação teórica dessas conceituações, poder melhor refletir e desenvolver uma atuação mais qualificada em sala de aula, especialmente no que se refere ao estudo e manuseio dos diferentes gêneros textuais.

Esta pesquisa é um trabalho teórico que tem como objetivo analisar os efeitos de sentido produzidos no contexto da manifestação heterodiscursiva dialogizada, considerando que tal manifestação, segundo Bakhtin (2015), consiste na possibilidade de verbalização de diferentes línguas constituídas em processo sócio-histórico. Sua tônica se dá na órbita da observação, análise e compreensão textual dos signos linguísticos contidos na descrição dos excertos que compõem o texto do *corpus* de análise.

Diante do objetivo da nossa pesquisa, bem como das características dos procedimentos analíticos, assumimos como metodologia a pesquisa bibliográfica e documental com caráter exploratório e de cunho qualitativo.

Consideramos nossa pesquisa bibliográfica e documental, porque o *corpus* é constituído a partir de produções já publicadas em uma diversidade de tipos e gêneros textuais como monografias, dissertações, periódicos, jornais, artigos entre outros, com o objetivo de posicionar o pesquisador diretamente em contato com o material a ser analisado e, ao que nos consta o artigo a ser analisado, ainda não recebeu um tratamento pormenorizado, característica fundamental da pesquisa documental (Prodanov; Freitas, 2013).

Ainda quanto ao aspecto metodológico, no que se refere ao ponto de vista de sua natureza, essa pesquisa se classifica como básica, pois, a partir de verdades e interesses universais, propõe-se a gerar conhecimentos novos para benefício da sociedade e avanço da ciência (Prodanov; Freitas, 2013). No que se refere ao método de abordagem, classifica-se como qualitativa, haja vista que há um vínculo simultâneo e indissociável entre os mundos objetivo e subjetivo do sujeito, o que não pode ser traduzido ou mensurado em quantidade numérica. Por fim, caracteriza-se como descritiva, pois buscará registrar, analisar, bem como descrever os dados observados sem nenhum tipo de interferência, procurando descobrir a frequência com

que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas e relações com outros fatos (Prodanov; Freitas, 2013).

Diante dessa caracterização metodológica, é importante esclarecer, ainda, que o *corpus* da pesquisa se configurará no cruzamento da problemática, objetivo da pesquisa e fundamentação teórica, consubstanciado com as informações coletadas na interpretação dos enunciados, à luz da perspectiva linguístico-filosófica de Bakhtin (2015, 2016). O objetivo é buscar registrá-las fidedignamente, de acordo com que prescrevem Prodanov e Freitas (2013, p. 52) sobre as pesquisas descritivas,

Nas pesquisas descritivas, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles, ou seja, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador.

Ainda na perspectiva das normas prescritas quanto à fidedignidade da análise do material, é importante registrar os dizeres de Rudio (2007, p. 129):

A interpretação vai consistir em expressar o verdadeiro significado do material, que se apresenta em termos dos propósitos do estudo a que se dedicou. O pesquisador fará as ilações que a lógica lhe permitir e aconselhar, procederá às comparações pertinentes e, na base dos resultados alcançados, enunciará novos princípios e fará as generalizações apropriadas.

É necessário ainda registrar que a construção dos possíveis efeitos de sentidos será realizada através de análise dialógica, uma das principais bases da concepção bakhtiniana.

O artigo de opinião que assumimos como *corpus* de análise da nossa pesquisa apresenta, como título, “*Negar um genocídio é semear o seguinte*”, e foi veiculado originalmente no dia 28 de janeiro de 2023 no jornal eletrônico SUMAÚMA<sup>19</sup>.

Consideramos importante esclarecer que, diante da possibilidade de imprecisões do processo de análise e da compreensão de todas as partes geradoras de sentido do texto, devido à sua extensão, optamos por disponibilizar como anexo deste trabalho o artigo na íntegra para observação e análise do leitor, assim como optamos por produzir um resumo comentado para a orientação da leitura analítica das amostras, o qual passamos a descrever a seguir.

---

<sup>19</sup> Sumaúma: Jornalismo do Centro do Mundo, com sede em Altamira, no Médio Xingu, no Pará, é uma plataforma de jornalismo eletrônico cujo nome é baseado em uma das maiores árvores da floresta amazônica. Apresenta como lema, na essência do nome, a floresta tropical com seus biomas, um dos centros mais essenciais de um mundo em colapso climático. O jornal Sumaúma tem na floresta, na natureza e em seus povos a essência de toda sua produção jornalística. Jornalismo do Centro do Mundo, disponível no link de acesso: <https://sumauma.com/negar-um-genocidio-e-semear-o-seguinte/>.

A autora<sup>20</sup> do texto discorre sua reflexão acerca do tema usando argumentos históricos, quando menciona o holocausto como a forma de negação mais conhecida, e comparação, quando relaciona os procedimentos retóricos, que tanto revelam o *modus operandi* dos protagonistas e colaboradores do holocausto, quanto mostram a relação com o “*modus operandi*”<sup>21</sup> moderno dos genocidas e negacionistas. Tais ações reproduzem a ocultação e forja de documentos, criação de versões fantasiosas, a banalização dos fatos e evidências, distorção dos fatos e discursos. Destacamos similaridade dessas duas últimas ações, a que se convencionou chamar na linguagem moderna de *Fake News*.<sup>22</sup>

O artigo cujos excertos são analisados enfatiza exponencialmente a negligência e omissão da última gestão do governo federal, chefiada pelo então presidente Jair Bolsonaro, em cumprir com seu dever institucional e legal de prestar a assistência necessária para atender as necessidades básicas da população yanomami. A autora revela que não há dúvidas quanto à omissão propositada do governo federal, pois esse tinha pleno conhecimento do que ocorria no território yanomami, inclusive a respeito das causas de mortes e da exploração ilegal e predatória dos recursos minerais e naturais abundantes naquela região.

Nesse contexto genocida, fica evidenciado ainda que muitos exploradores agiam com terrorismo para causarem exílio, pânico e submissão da população indígena, inclusive obstaculizavam o acesso a atendimento médico, a remédios e alimentos, ação que, indubitavelmente, colocava em risco a sobrevivência das vítimas.

O artigo menciona o Estatuto de Roma, do qual o Brasil é signatário, para deixar claro que mesmo os atores secundários que colaboraram de forma fragmentada e autônoma para a trama genocida, como foi o caso dos garimpeiros, agentes públicos e outros intermediários e colaboradores, todos precisam e devem ser alcançados pela lei, pois de acordo com Ventura (2023) o artigo 25 do referido estatuto não deixa dúvidas sobre a responsabilidade criminal de quem instiga a prática dos crimes tipificados pelo tratado, inclusive a tentativa; de quem, com o propósito de facilitar a prática desses crimes, for cúmplice ou encobridor, ou colaborar de algum modo na prática ou na tentativa de prática do crime, entre outras prescrições.

---

<sup>20</sup> Deisy de Freitas Lima Ventura é professora titular da Universidade de São Paulo (USP), onde coordena o Doutorado em Saúde Global da Faculdade de Saúde Pública e é vice-diretora do Instituto de Relações Internacionais. Mestre e Doutora em Direito Internacional pela Universidade de Paris 1, foi uma das coordenadoras do estudo que demonstrou a estratégia federal de *disseminação* da covid-19 que inspirou a CPI da covid-19 do Senado Federal.

<sup>21</sup> Expressão em latim que significa “modo de operação ou modo de agir”. Trata-se de um termo utilizado para designar uma maneira de agir, operar ou executar uma atividade seguindo geralmente os mesmos procedimentos. De acordo com a autora as ações por ela registradas são procedimentos padrões dos adeptos do negacionismo.

<sup>22</sup> Divulgação massiva de informações que consistem na propagação de notícias falsas via jornal impresso, televisão, rádio ou de modo *online*, a exemplo das mídias e redes sociais, com a intensão deliberada de desinformar, desorientar e confundir.

O texto suscita ainda uma reflexão acerca da compreensão errônea e descabida de algumas pessoas que preferem acreditar que a omissão ou negligência do governo ocorreu devido ao engessamento de ações, provocado por ocasião da pandemia da covid-19; outros acreditam que o infortúnio vivido pelas comunidades indígenas só ocorre devido à resistência à ocupação predatória de seus territórios. Há, ainda, os que, mesmo reconhecendo a ação legítima dos povos indígenas de defenderem seus territórios, deixam-se levar pela falsa ideia de que genocídios só ocorrem quando há assassinatos em massa decorrentes de dominações, de fuzilamento por pelotões, do resultado de conflitos armados ou submissão a câmaras de gás.

Do texto emerge ainda uma valiosa reflexão acerca do corporativismo, do protecionismo individualista ou de grupo de castas ou classes conservadoras que defendem os mesmos interesses escusos e anacrônicos, que transformam o denunciante de suas práticas ilícitas em vilão, rotulando a este uma imagem negativa e perversa que sempre apresenta uma narrativa figurada de cunho estereotipada e incompleta. O texto afirma que, em geral, denúncias como essas são tratadas como opinião política e são objetadas por especialistas “insuspeitos” representantes das escolas mais conservadoras do direito e arremata que esses, por sua vez, ou não estudam o caso concreto em profundidade, ou sequer são especialistas nesta matéria, ou todas as alternativas anteriores.

De um ponto de vista realista, o texto analisa que do introito ao cabo o resultado de toda essa sucessão de acontecimentos é a desqualificação sistemática do denunciante. A denúncia é socialmente punida e desconsiderada.

Não de outra forma, o artigo denuncia claramente uma vergonhosa dimensão da mentira que é a negação de que houve e ainda há o genocídio de povos indígenas no Brasil. Considera, ainda, que é preciso entender as imagens mais recentes de um velho crime em seu contexto histórico, levando em conta os tempos passado, presente e futuro e, doravante, dar nome ao monstro para que estes crimes jamais se repitam.

Da temática proposta nesse artigo de opinião, derivamos o objetivo de analisar e identificar possíveis efeitos de sentidos contidos em um heterodiscurso dialogizado, cuja manifestação emerge da condição natural que todo sujeito coletivo tem quanto ao uso das múltiplas formas de sistemas normativos e signos linguísticos, constituídos em processo sócio-histórico da língua.

O gênero discursivo que analisamos é considerado por muitas pessoas como um dos mais comuns dentre os gêneros publicísticos, geralmente são veiculados com expressividade nos meios de comunicação de massa falado, escrito, televisionado e ainda disponível com ampla propagação nas plataformas jornalísticas digitais e redes sociais.

Diante dessas características de trafegabilidade de informações, resgatamos Marcuschi (2002), o qual nos esclarece que os gêneros textuais coabitam o meio social e se manifestam através das práticas comunicativas associadas aos canais de comunicação constituídos pela sociedade. Sendo assim, é primordial desenvolver a pesquisa em processo de associação e interação com os canais de comunicação mais acessíveis à coletividade.

Ocorrem ainda outros motivos que nos levaram a escolher esse gênero do discurso como corpus de análise, sendo um deles, o uso da linguagem simples e objetiva, a qual exerce em dado contexto, a função de apresentar e defender um ponto de vista sobre um certo assunto de relevância para a coletividade. O outro motivo de escolha desse texto está relacionado à argumentação, que é o principal recurso retórico empregado como ordinário nos textos de opinião. A característica ora mencionada, além de informar, tem como objetivo persuadir o leitor sobre um assunto; é, portanto, necessária a construção de uma argumentação sólida sustentada por elementos particulares da língua que deverão gerar a conclusão desejada ou próximo da desejada a respeito de dado assunto e, para tanto, o autor do texto provoca e tensiona seu(s) interlocutor(es) lançando mão do uso de diversos recursos linguísticos.

Há ainda um outro fator que retém nossa atenção nesse tipo de gênero textual, possivelmente o mais importante, e está ligado à nossa realidade laboral, pois é um gênero textual disposto com certa frequência nos livros didáticos da educação básica, ou seja, o artigo de opinião é um gênero do discurso acessível a cem por cento do nosso público-alvo.

Mediante as características do gênero textual artigo de opinião, buscamos associar certas particularidades desse gênero a certas características da interação verboideológica cotidiana, que ao nosso ver, estão explícitas no texto selecionado.

Levamos em consideração, para a seleção desse texto, dois grandes fatores que convergem para o êxito do objetivo proposto: em primeiro lugar, por ser um assunto conflituoso que traz em sua essência um lamentável legado histórico que envolve diferenças de valores de gênero, de raça, de orientação sexual, de classe social, de valores pátrios, morais, sociais, religiosos e políticos, todos temas muito caros para a sociedade, haja vista que são valores que constituem a identidade individual e coletiva dos grupos sociais; e, em segundo lugar, por ter sido um assunto amplamente divulgado e que causou grande repercussão e comoção social, inclusive com ampla participação e posicionamentos da sociedade em época de globalização da internet, fator que possibilitou a milhares de pessoas terem o direito de manifestar suas opiniões.

Ao optarmos pela seleção de apenas um texto para análise, buscamos levar em consideração a qualidade analítica da pesquisa. Levamos em consideração que o processo de estudo de cada parte de um todo para melhor conhecer sua natureza, suas relações dialógicas e

suas relações heteroglóssicas dentro das categorias propostas em mais de um texto e com temporalidade reduzida, na mesma perspectiva teórica, poderia colocar em risco os resultados desejados, além da possibilidade de tornar a análise maçante e exaustiva, o que, como consequência disso, comprometeria a qualidade do trabalho.

#### 4.1 A CONCEPÇÃO DIALÓGICA ANALÍTICA DO DISCURSO: A ANÁLISE ANCORADA NA TEORIA/ANÁLISE DIALÓGICA BAKHTINIANA

A análise do *corpus* desta pesquisa será realizada a partir do desenvolvimento da Análise Dialógica do Discurso de Mikhail Bakhtin, associada à sua ideia sobre heterodiscurso, e a partir da concepção de enunciado de Valentin Volóchinov (2018), conceitos descritos no aporte teórico de nossa pesquisa.

No decorrer de toda pesquisa, o conceito de língua, compreendido como um processo ininterrupto de formação sócio-histórica, permeará a construção da análise do *corpus* e terá como função corroborar a estabilidade do desenvolvimento dos demais conceitos, haja vista que os conceitos de língua, heteroglossia e dialogismo se entrelaçam numa espécie de imbricamento de conceitos. Delinearemos, em torno da análise a concepção de língua, a qual é compreendida por Volóchinov (2018), como uma entidade social que se transmove no tempo ao modo de um organismo vivo, perene e continuado em processo sócio-histórico ininterrupto de formação de normas linguísticas. Volóchinov (2018) assevera que a língua é uma atividade verbal em fluxo perene de formação, realizada por meio de interações sociodiscursivas.

Já na aplicação da heteroglossia, na qual buscaremos identificar, no enunciado a utilização de vários sistemas da língua viva, trazemos como teoria norteadora, a formulação bakhtiniana que preceitua heteroglossia como a coexistência de variedades linguísticas distintas dentro de uma única língua. Incidiremos em nossa análise as considerações que afirmam que um falante em processo de interação verboidelológico atua com várias línguas, contudo essas línguas não se confundem nem entram em oposição, cada uma tem seu conferido lugar indiscutível e a transição de uma para outra é predeterminada e espontânea como a passagem de um cômodo a outro. Essas línguas não colapsam não colidem entre si na consciência do sujeito, ele não tenta correlacioná-las, não tenta olhar para uma delas com os olhos de outra língua estranha, misteriosa e estrangeira.

Nesse contexto, Bakhtin (2015, p. 71) afirma ainda que “A consciência linguística socioideológica concreta, ao tornar-se criadoramente ativa, isto é, ativa em termos literários,

pré-encontra-se cercada de heterodiscurso e nunca de uma língua única e singular, indiscutível, incontestável”.

Quanto à aplicação da teoria dialógica na análise do *corpus*, nos filiamos à compreensão de Bakhtin (2015), que diz que o enunciado como formulação da manifestação verbal e correia de transmissão entre história e sociedade é transpassado pelo dialogismo, o qual indissolivelmente está ligado ao processo de interação enunciativa. Essa concepção nos orienta na análise de que toda concepção verboideológica tem origem no diálogo já na condição de sua réplica viva e os diálogos (dialogicidade) vão incorporando sentidos e conotações, sem nunca perder a ideia central de relação entre o enunciado e outro enunciado que o antecede.

Sendo assim, a constituição desse processo de reverberações de ideias, valores e sentimentos, penetrados por opiniões comuns, pontos de vista, avaliações alheias, apontamentos entrelaçados em suas complexas relações, empréstimos e permutas, necessitam de diálogo, considerando que essas ressonâncias de vozes são de natureza intrínseca de todo discurso dialógico.

Imprimiremos esforços ainda para identificar, na análise do texto, efeitos de sentido heterodiscursivos dialogizados; para alcançarmos tal propósito, nortearemos nossa análise de acordo com que nos orienta Bakhtin (2015), quando depreende que as relações de sentido se personificam na linguagem ao se concretizarem na forma de enunciados, nesse contexto atmosférico, converter-se em posições de diferentes sujeitos manifestas na linguagem para que na interação discursiva possam surgir as relações dialógicas.

Ainda sobre esse ponto de vista, Bakhtin (2015, p. 54) esclarece que “o significado linguístico de certo enunciado é interpretado no campo da língua, ao passo que o seu sentido atual é interpretado no campo de outros enunciados concretos sobre o mesmo tema, no campo de opiniões, pontos de vista e avaliações dispersas [...]”.

Diante dessa concepção, esclarecemos que nossa análise não será direcionada para a observação das palavras e orações enquanto unidades do sistema da língua, mas para as manifestações de sentidos presentes no enunciado, quanto unidade da interação discursiva construída em processo sócio-histórico.

No decorrer da análise, relacionaremos, ainda, ao estudo, a concepção de Volóchinov (2018), que infere que a palavra ao longo de seu uso histórico coletivo, apesar de ter seu sentido definido de acordo com as circunstâncias, não perde sua unicidade em múltiplos significados análogos a seus contextos de usos e nem sua integridade fônica. A integridade da palavra é garantida não apenas pela integridade da sua composição fonética, mas também pela unicidade comum a todas as suas significações.

Não de outro modo, estará associado a esse aspecto da nossa análise, a heteroglossia dialogizada, pois acreditamos que esta pode ser concebida como precursora de efeitos de sentido diversos, ou seja, se a heteroglossia está para uma condição natural de um indivíduo falar em sistemas de línguas distintas e esses sistemas são construídos em processo sócio-histórico e, considerando ainda o que diz Volóchinov, quando afirma que há a manutenção da unicidade e da integridade do significado das palavras no fluxo ininterrupto de formação histórica da língua, logo, deduzimos que a língua viva preservará a essência do sentido sógnico da palavra, obviamente, resguardado o sentido dado por cada contexto de uso.

É devido a essa condição da heteroglossia dialogizada que acreditamos também que ela permite significativas possibilidades analíticas no processo de interpretação de enunciados e textos de vários gêneros.

É sabido que o sentido de uma palavra está diretamente ligado a seu contexto de uso, e que existem diversas significações para uma palavra, assim como contextos de uso para essa mesma palavra; contudo, os vocábulos em seus respectivos campos lexicais mantêm indissolúvelmente o sentido de suas unidades linguísticas significativas, ou seja, “a palavra não perde sua unicidade, ela não se fragmenta em uma quantidade de palavras equivalentes aos seus contextos de uso”, é o que nos esclarece (Volóchinov, 2018 p. 196).

Um passo importante para leitura e compreensão de mundo, sob nosso ponto de vista, perpassa a compreensão histórica e contemporânea do uso dos vários signos ideológicos e seus múltiplos efeitos de sentido. É necessário ainda compreender a concepção de língua enquanto fenômeno sócio-histórico que se transmove em fluxo perene, ou seja, o conjunto de elementos lexicais internalizados que possuímos e que se rememorizam inconscientemente no tempo e no espaço atravessando a existência do sujeito, imprimindo a cada elemento linguístico seus valores sociais, históricos e políticos. Nesse sentido, cabe registrar a seguinte pergunta: é possível detectar ressonâncias (efeitos de sentidos e reverberações de línguas heterodiscursivas dialogizadas) reais ou relativas, explícitas ou subjacentes nas ocorrências de interação verboideológicas presentes no gênero textual artigo de opinião?

Diante do exposto, Volóchinov (2018) nos diz que as palavras estão sempre repletas de conteúdos e de significações ideológicas do cotidiano, e é justamente na práxis coletiva desse repertório lexical, na vivência em sociedade, com suas permutas culturais em meio a tensões e atritos (ou seja, em processo de interação verboideológica), é que surge o fenômeno da língua viva.

Como já dito anteriormente, o presente artigo não será analisado em sua totalidade, no entanto esclarecemos que não há prejuízos em analisar as partes de um todo textual, desde que



o enfoque seja realizado sobre qualquer parte significativa do enunciado, inclusive isso sendo possível até a uma palavra isolada. Portanto, é admissível encontrarmos relações geradoras de sentidos no todo, nas partes e na palavra isolada, conforme esclarece Bakhtin (2013). Diante disso, salientamos que não temos o objetivo de realizar exame exaustivo do artigo em sua integralidade e tampouco temos a pretensão de esgotar o assunto nessa análise.

Diante do exposto, selecionamos para análise metodológica dezesseis excertos compreendidos entre o início, meio e fim do corpo do artigo. Todos os excertos serão submetidos ao processo analítico de significado/sentido e serão classificados como principais, secundários e reproduzidos<sup>23</sup>. É importante salientar que a escolha dos excertos relacionados a seguir se deve ao fato de esses apresentarem uma maior quantidade de elementos linguísticos enunciativos para análise.

Para melhor cumprir os objetivos propostos, organizamos o presente capítulo em três seções distintas: na primeira, realizamos uma abordagem sobre o enunciado como resposta a um enunciado anterior; na segunda, sobre o enunciado como resposta a um interlocutor e seus endereçamentos direto e indireto; e, na terceira seção, sobre os sentidos e as vozes que emergem da heteroglossia, o que passamos a desenvolver a seguir.

Salientamos que é possível examinar todos os enunciados selecionados dentro das três categorias de análise, no entanto optamos por uma escolha metodológica analítica que tem como objetivo dar maior destaque a uma ou outra categoria em cada seção analisada.

#### **4.1.1 “Genocídio e negacionismo andam juntos”: a evolução sócio-histórica da elaboração linguística da negação e o enunciado como resposta a um enunciado anterior**

O propósito desta seção analítica é explicitar as relações que existem entre um texto e outro texto (o enunciado como resposta a um enunciado anterior), ou seja, as relações dialógicas que se materializam em nove enunciados selecionados para análise e que dizem respeito à elaboração, ao longo da história, de um discurso negacionista.

Nesse sentido, de acordo com Bakhtin (2015), é comum e natural a dialogização do enunciado, pois os enunciados, em suas manifestações concretas, não são estranhos uns aos

---

<sup>23</sup> Os excertos principais são os trechos/textos que compõem o todo enunciativo a serem analisados; esses são apresentados no trabalho, na forma de períodos ou parágrafos. Já os excertos secundários são os segmentos/fragmentos extraídos dos excertos principais ou aqueles excertos extras retirados igualmente do artigo e inseridos com o propósito de ilustração, complementação explicativa, fundamentação da análise e facilitação e orientação da leitura pelo leitor. Os reproduzidos são os excertos principais, secundários ou fragmentos que serão repetidos total ou parcialmente ao longo da análise com o único propósito de facilitar e orientar a leitura.

outros, tampouco únicos e capazes de existir sem depender uns dos outros, a exemplo dos enunciados proferidos pelo Adão mítico e monológico, que, vivendo em mundo virginal, conseguiu evitar o quanto foi possível a orientação dialógica mútua com a palavra do outro. Bakhtin (2015) prossegue esclarecendo que os enunciados interagem de maneira mútua, efetivando trocas e se complementando na reelaboração de elementos linguísticos. Dessa forma, cada enunciado é repleto de ecos e reverberações de outros enunciados, ou seja: a probabilidade de indícios pressupõe relação anterior com outro(s) enunciado(s).

O primeiro excerto que passaremos a analisar nesta seção apresenta a seguinte sequência enunciativa:

#### EXCERTO PRINCIPAL I

“Genocídio e negacionismo andam juntos. Especialmente no século XX, as maneiras de destruir parcial ou totalmente determinados grupos humanos evoluíram tanto quanto as formas de negação da ocorrência destes crimes”.
---

O texto introduz uma reflexão acerca do tema de forma assertiva ao introduzir, no primeiro período do artigo, a oração “Genocídio e negacionismo andam juntos”, lançando mão da forma verbal “andam”, expressa no modo indicativo, que manifesta a certeza de uma ação habitual.

Essa forma verbal é usada para apontar ações consideradas reais ou verossímeis, não passível de dúvidas de terem ocorrido no passado, de ocorrerem no presente ou no futuro. Dessa forma, é usada em contextos que indicam que essas ações de fato podem se concretizar reais ou certas de que poderão ocorrer. A referida ação imposta pelo verbo é completada pela palavra “juntos” denotando o sentido de união e completude com o outro. Desse modo, o texto afirma que, tanto no tempo passado quanto no presente, genocídio e negacionismo caminham unidos, lado a lado e em tempo contínuo, estabelecendo intimamente, entre ambos, uma relação extensiva de temporalidade.

É possível observar nesse movimento das formulações de ideias, sentimentos e valores, a manifestação da língua viva que se revela em processo contínuo de assimilação e formação de novos elementos linguísticos que se materializam no enunciado a exemplo do que diz Valentin Volóchinov (2018) quando infere que a língua é um organismo vivo e perene, pois ela se manifesta em fluxo ininterrupto de formação de normas linguísticas. A língua, prossegue Volóchinov (2018), não é transmitida e sim continuada em um processo sócio-histórico de atividade verbal que se realizada por meio de interações sociodiscursivas.

Prosseguindo com a construção da sua arquitetura linguística no segundo período desse mesmo parágrafo, temos a seguinte oração: “Especialmente no século XX, as maneiras de destruir parcial ou totalmente determinados grupos humanos evoluíram tanto quanto as formas de negação da ocorrência destes crimes”. Temos, então, em “Especialmente no século XX”, uma projeção temporal com marca de especificidade sugerida no termo “especialmente”. Esses dois elementos linguísticos, projeção temporal e marca de especificidade, levam-nos às duas análises a seguir.

A primeira revela que a projeção temporal, nesse caso, irá confirmar a ideia, não mais cediça, suscitada no primeiro período, que indica uma ação em tempo contínuo, ou seja, não deixa dúvida de o evento ter ocorrido no passado, de ocorrer no presente ou no futuro. Diante dessa constatação, trazemos para dialogarem com nossa análise os dizeres de Volóchinov (2018), que esclarecem que o enunciado deve ser compreendido como um fenômeno que se realiza em fluxo contínuo no tempo, atravessando a historicidade do sujeito, não sendo possível compreendê-lo dentro de um recorte sincrônico, isolando-o da relação com outro(s) enunciado(s) que o(s) antecede(m). “O enunciado em sua totalidade se realiza apenas no fluxo discursivo. A totalidade é determinada pelas fronteiras que se encontram na linha de contato desse enunciado com o meio extraverbal e verbal, isto é, outros enunciados” (Volóchinov, 2018, p. 221).

A segunda inquirição diz respeito à marca de especificidade subentendida no vocábulo “especialmente”, seguida do complemento frasal, no século XX, que nos remete a uma análise de dialogização do enunciado, pois nos desloca do século presente para o século passado para dar ênfase ao período em que as maneiras de genocídio e formas de negação desses crimes mais evoluíram. Tal análise pode ser confrontada com alguns eventos que marcaram o século XX como foram os casos das bombas de Hiroshima e Nagasaki (em 1945); da Guerra do Vietnã (de 1955 a 1975); do Genocídio Armênio (de 1915 a 1917); do conflito Israel-Palestino (de 1947 até o presente) e especialmente do Holocausto Judeu (de 1933 a 1945).

Certamente ocorreram muitos outros genocídios e limpezas étnicas no século XX, porém o nosso objetivo específico é exemplificar nossa análise e não os relacionar e esmiuçá-los, haja vista que o tratamento a ser dado por nós neste trabalho é de análise linguística das amostras selecionadas.

Prosseguindo a análise do enunciado, podemos observar que a declaração sequencial do seguinte período nos remete pelo menos a três dimensões de análise dessa assertiva:

“[...] as maneiras de destruir parcial ou totalmente determinados grupos humanos evoluíram tanto quanto as formas de negação da ocorrência destes crimes[...]”,

Em qualquer uma das formas, é possível estabelecer mais uma vez o sentido de construção linguística de retorno ao passado, rememorando técnicas e procedimentos de acometimentos de crimes de destruição de grupos. A primeira, no campo semântico, contida na expressão “evoluíram”, indica um processo gradual de evolução, também podendo ser compreendida como transição de um momento para outro ou de transformação e ainda de atualização de algo<sup>24</sup>.

Na segunda dimensão, no campo das memórias sgnicas, há o sugestionamento de uma espécie de flashback<sup>25</sup> projetando o ato ou efeito de trazer à memória pensamentos, imagens, sensações do passado, ou mesmo de lembranças de histórias. Essa leitura pode ser feita no contexto do trecho “as maneiras de destruir parcial ou totalmente determinados grupos humanos”, haja vista que o verbo “destruir”, além do seu sentido natural (que consiste em provocar ruína ou devastação), é potencializado pelos elementos seguintes “parcial ou totalmente”, que podem gerar uma representação mental de aniquilamento em grandes proporções.

Há ainda um outro fator que gera espanto na construção desse quadro mental, pois não se trata da eliminação de irracionais, insetos, invertebrados, mas de seres humanos que, embora pertençam a grupos específicos, estão amparados pelo direito à vida, tanto pela legislação universal do homem, quanto pela concepção de fonte Divina. Diante desse quadro, essa construção sgnica nos orienta para a ideia de cristalização de velhas imagens esquálidas geradas pelo horror do aniquilamento. Essa cristalização procura rememorar um passado sombrio de atrocidades cometidas em nome de uma suposta superioridade, do protecionismo conservador, da impunidade e da manutenção do *status quo*<sup>26</sup>.

Diante disso, há a projeção da ideia de que é sempre oportuno emergir as lembranças desse estado de coisas, para não caírem no esquecimento e, possivelmente, na perpetuação dessas práticas criminosas.

---

<sup>24</sup> A palavra algo por ser um pronome indefinido não é comumente usada em dissertações e pesquisas na área das letras. Diz-se de algo indefinido, indeterminado, que não se sabe nomear exatamente, é um termo que ainda não se delimitou um significado específico.

<sup>25</sup> Palavra inglesa que significa retrospecto, narração de fatos precedentes que em linguagem corriqueira significa voltar rapidamente para algo. Neste caso, *flashback* é um fato acontecido no passado inserido em um momento atual, através da lembrança de algo, alguém ou alguma coisa.

<sup>26</sup> Expressão em latim que significa estado atual das coisas. É aquilo que corresponde à configuração presente de uma situação e indica a manutenção das condições observadas.

A terceira e última dimensão está no campo da elaboração linguística do enunciado, mais especificamente do enunciado negacionista pressuposto no trecho, “evoluíram tanto quanto as formas de negação da ocorrência destes crimes”.

Para dar sequência à análise desse trecho, tomaremos emprestadas as formulações desenvolvidas na primeira dimensão da análise deste período, que trata do significado da expressão verbal “evoluíram”. Vimos que, entre outras compreensões desse termo, ele pode ser compreendido quanto ao aspecto semântico, de transição de um momento para outro ou de atualização de algo, no nosso caso específico, de elementos linguísticos. Temos então que a elaboração linguística das formas de negação das práticas criminosas de extermínio parcial ou total de grupos humanos também foram submetidas à ação do tempo, ou seja, a ela foi aplicada pela atuação natural do tempo, a transição de um momento para outro, passando inevitavelmente pelo processo de atualização linguística.

Obviamente, esse processo de atualização submetida à ação do tempo, inexoravelmente tocou milhares de linhas dialógicas, emprestou e permutou ideias alheias, está, portanto, permeado por opiniões, pontos de vista, ajuizamentos, apontamentos, porquanto de valores ideológicos. Em consonância com essa compreensão, vejamos o que diz Bakhtin (2015, p. 49):

O enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. É disto que ele surge, deste diálogo, como sua continuidade, como uma réplica e não como se com ele se relacionasse à parte.

Diante do exposto, podemos deduzir que há uma espécie de linha divisória de tempo especificando de forma evolutiva, tanto a atualização das técnicas e procedimentos de destruição total ou parcial de grupos, quanto a atualização da elaboração linguística da negação da ocorrência desses crimes.

Se tomarmos como parâmetro essa linha divisória de tempo para analisarmos as práticas genocidas, podemos entender que, antes do século XX, as maneiras de destruição de grupos ocorriam, como mencionado no sexto parágrafo do artigo, através das guerras, conflitos armados, assassinatos massivos praticados por pelotões de fuzilamentos, entre outros. Do século XX em diante, desenvolveram-se outras maneiras de prática desses crimes, como, por exemplo, as câmaras de gás e as bombas de grande destruição. Em situações envolvendo indígenas, temos casos de emissão de patógenos como da gripe e da varíola, contra os quais os índios não desenvolveram imunidade.

Do ponto de vista da elaboração linguística da negação, o texto deixa margem para a compreensão da existência de uma linha do tempo que estabelece uma elaboração linguística usada antes do século XX e uma elaboração linguística usada pós século XX; sendo assim, podemos deduzir que, dentro desse recorte do tempo (linha divisória), antes do século XX, temos a elaboração linguística ditada pelo comando militar lacônico, pela ordem desdobrada do povo dominador, pela reivindicação do espólio da guerra em detrimento da vitória, do discurso proferido em nome da subjugação do derrotado etc. Por outro lado, a partir do século XX, temos retóricas bem mais elaboradas, como poderemos constatar na narrativa da autora a seguir.

Examinando as primeiras narrativas negacionistas, temos os líderes nazistas e seus colaboradores que, ao serem julgados após o final da Segunda Guerra Mundial, apesar de não negarem a ocorrência daqueles crimes, alegavam ignorar ou não terem responsabilidades pelos crimes praticados. Essa divergência nos relatos sugere uma possível leitura para tais alegações: a de que os registros, amplamente narrados em livros de história, descrevem que um dos principais objetivos ideológicos almejados pelos nazistas era a constituição de uma raça humana germânica superior como fonte de poder. Nessa perspectiva ideológica, negam-se os crimes para se safar, assim como se nega a humanidade aos que são julgados inferiores em detrimento de concepções ideológicas que se manifestam na concretização das interações enunciativas, ao modo do que nos esclarece Volóchinov (2018) quando infere que toda manifestação enunciativa é inseparável de uma forma ideológica, haja vista que qualquer manifestação da consciência expressa valores, pensamentos e, inevitavelmente, ideias. Não de outra forma, essa manifestação ocorre através da consciência linguística que se concretiza no fluxo da comunicação discursiva. “De fato, mesmo uma tomada de consciência simples e imprecisa de alguma sensação, por exemplo, da fome, não pode ser expressa para fora sem uma forma ideológica [...]” (Volóchinov, 2018, p. 207).

Dando sequência à análise, chegamos ao segundo excerto:

#### EXCERTO PRINCIPAL II

“Nestes processos, os réus alegavam ignorar ou não ter responsabilidade pelos crimes praticados, mas não negavam a sua ocorrência”.

Esse excerto trata da imputabilidade aos líderes nazistas. É possível observar a expressão “alegavam ignorar”, em que o termo “alegavam” atribui o sentido de apresentar fatos ou argumentos como prova ou justificativa, e o vocábulo “ignorar” atribui o sentido de não conhecer ou não saber. Diante dessa averiguação, podemos deduzir que tal expressão equivale

a dizer que o ato de autodefesa dos líderes nazistas era argumentar que não sabiam ou não conheciam aqueles crimes — ou, até mesmo, que não tinham responsabilidade sobre suas ocorrências. Diante dessa dedução, fazemos aqui a primeira constatação: é notável, a partir do texto em análise, que entre os líderes nazistas e seus colaboradores havia evidências de formulações linguísticas de negação, embora na sua forma mais rudimentar. Diante dessa análise, fica evidente que essas formulações enunciativas formarão as bases das formulações anunciativas negacionistas posteriores.

De acordo com o texto, examinando a face da expressão ideológica nazista, temos, nesse marco divisório entre as formas rudimentares negacionistas e as formulações negacionistas contemporânea, uma comunidade de intelectuais que não teve implicação direta nos crimes cometidos por razões essencialmente ideológicas e posteriores à guerra. Essa comunidade, percebendo a necessidade de superar a herança deixada pelo holocausto para, a partir daí, ser aceita socialmente e reestabelecer as bases do pensamento da extrema direita na Europa, elaborara retóricas que negavam ou relativizavam a existência daqueles crimes, suscitando controvérsias em que esses crimes não existiam, ocultando ou forjando documentos, distorcendo fatos, discursos etc.

Feito o devido exame dos elementos ora relacionados, e caminhando para a conclusão da análise do excerto destacado nesta seção, retomamos a questão das formulações linguísticas da negação descritas no artigo, em especial o trecho final do excerto, que trata da evolução das formas de negação da ocorrência do genocídio, descrito com a sequência enunciativa,

#### EXCERTO SECUNDÁRIO

“[...]evoluíram tanto quanto as formas de negação da ocorrência destes crimes[...]”.

É relevante destacar, como veremos mais adiante, que os enunciados a seguir são respostas a enunciados anteriores, na perspectiva do que preconiza Volóchinov (2018), quando infere que o enunciado como produto da interação verboideológica é correia de transmissão entre história e sociedade; ele é permeado e atravessado pelo dialogismo, cuja definição está indivisivelmente ligada ao processo de interação enunciativa. Mediante essa compreensão, é importante destacar, ainda, segundo Volóchinov (2018), que a dialogicidade vai incorporando sentidos e conotações, sem nunca perder a ideia central de relação entre o enunciado e outro enunciado que o antecede.

Exemplificaremos e analisaremos, de acordo com elementos dispostos no corpo do artigo, vários momentos de diferentes formas de elaboração linguística da negação, ora de

forma clara, ora de forma obscurecida, considerando que é característica de toda manifestação enunciativa o entrelaçamento de pontos de vista entre um enunciado e outro enunciado, conforme comentado por Bakhtin (2015) quando depreende que toda interatividade dialógica que ocorre no centro formador ou reformulador do enunciado, em dado momento, ocorre entre diferentes elementos de sua assimilação e combinação comunicativa social, ou seja: esse entrelaçamento de palavras alheias advindas dos processos de interlocução torna complexa a sua concepção do objeto do enunciado, pois, apesar de todos os objetos submetidos às leis de análise poderem ser contestados e elucidados, “por outro lado podem ser obscurecidos pela opinião social heterodiscursiva, pelo discurso do outro sobre ele e, nesse complexo jogo de claro-escuro entre o discurso que dele se impregna, que nele lapida seus próprios contornos semânticos e estilísticos” (Bakhtin, 2015, p. 49).

Examinemos, a partir daqui as demais elaborações linguísticas enunciativas dialógicas da negação, confrontando-as com o descrito no final do segundo período do excerto em análise, “evoluíram tanto quanto as formas de negação da ocorrência destes crimes”, que equivale dizer que houve uma evolução das formas de negação da ocorrência do genocídio.

Observemos a seguinte formulação no enunciado descrito no primeiro período do segundo parágrafo:

### EXCERTO PRINCIPAL III

“Embora logicamente diversa da simples negação, a banalização de crimes é uma parte importante do movimento negacionista que cerca os genocídios, e não apenas o holocausto”.
---

Os elementos centrais do trecho destacado, a banalização de crimes, dá a tônica da elaboração do enunciado, ou seja, a construção e reconstrução linguística da negação é direcionada para o enfoque da trivialidade, que trata de transformar assuntos de relevância em assuntos comuns, com o intuito de criar a ideia de que o assunto não é importante, portanto não requer atenção. Temos nessa elaboração linguística a banalização de crimes como estratégia da negação.

Já no segundo período do terceiro parágrafo, temos como elemento central da formulação e reformulação linguística negacionista, a criação de versões fantasiosas.

### EXCERTO PRINCIPAL IV



“[...] Refiro-me agora ao mecanismo de defesa individual que, dito de forma rudimentar, leva uma pessoa a substituir certa realidade, que parece insuportável, por uma ficção com a qual possa lidar. Versões fantasiosas, diga-se de passagem, estão disponíveis em abundância na era da “infodemia”.

De acordo com o texto, são construídas narrativas (versões) falsas com o intuito de incutirem na cabeça daqueles que sofrem diante das notícias e imagens de graves crimes, como forma de amenizar o que parece insuportável. Essa elaboração linguística tem como objetivo buscar substituir uma realidade com a criação de uma história fantasiosa com a qual as pessoas possam lidar.

Atualmente é muito comum o acesso das pessoas a todos os tipos de informações de forma muito rápida e globalizada, inclusive em tempo real. Essa rápida difusão de informações para grandes públicos só é possível devido à facilidade criada para que a maioria das pessoas pudesse ter um celular (aparelho) conectado a uma rede global de internet. Diante dessa realidade, pessoas mal-intencionadas, muitas vezes com finalidades ilícitas, projetam o alastramento de informações falsas (as *fake news*) sobre um determinado assunto, com a intenção de causar desinformação, assim como manipulação de fatos.

Vejamos o que diz o próximo excerto selecionado:

#### EXCERTO PRINCIPAL V

“Segundo a Organização Mundial da Saúde, este fenômeno consiste no grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo, com rumores, desinformação e manipulação de fatos com intenção duvidosa”.

Essa forma de elaboração linguística da negação, disposto no terceiro período do terceiro parágrafo, tem sido vivenciada pela sociedade contemporânea, tanto com relação à pandemia da covid-19, quanto com relação à crise humanitária vivida pelos povos originários Yanomami. Citamos como exemplo relacionado à covid-19, a elaboração linguística negacionista do ex-presidente Jair Bolsonaro quando procurou minimizar a gravidade da doença (para submeter a sociedade a uma suposta imunidade de rebanho) alegando que ela não passava de uma “gripezinha ou resfriadinho”<sup>27</sup>. Um dos principais objetivos dessa narrativa era induzir as pessoas a acreditarem que não era necessária a rigidez do isolamento social.

---

<sup>27</sup> Dois elementos linguísticos usados na retórica negacionista em pronunciamento público feito pelo então presidente da república Jair Bolsonaro em março de 2021 a respeito da pandemia da covid-19.

No caso da narrativa (parte do texto ou todo textual) que descreve a crise humanitária vivida pelos Yanomamis, temática central do artigo em análise, não encontramos elaborações linguísticas verbais de relevância que pudessem revelar um discurso negacionista do governo — discurso esse que mostrasse evidências da ocultação ou negação dos fatos. Porém, como sabemos que a comunicação humana pode ser estabelecida também através da linguagem não-verbal com o uso de gestos com as mãos e rosto, assim como com movimentos de outras partes do corpo, inclusive sua total inércia, inação ou silêncio, já que a negligência e a omissão podem da mesma forma expressar sentimentos, ideias, valores.

Temos, no excerto a seguir, disposto no segundo período do quinto parágrafo, as evidências de um negacionismo velado, porém concretizado através da linguagem não-verbal.

#### EXCERTO PRINCIPAL VI

“Não há dúvida de que a humanidade dos Yanomami foi negada – as autoridades federais tinham pleno conhecimento do que ocorria nos territórios em questão, inclusive do número e da causa das mortes. Descumpriram, assim, deliberadamente, o seu dever legal de proteger a vida e a saúde dos indígenas. Descumpriram também o dever de fazer cessar as atividades ilegais de terceiros que ostensivamente ameaçam a sobrevivência das vítimas, por meio da obstaculização do acesso à saúde e da destruição dos recursos naturais imprescindíveis à sua existência, entre outras formas de violência”.

Diante dessa compreensão, deduzimos que, nesse caso específico da negação da humanidade dos Yanomami referida pelo texto, sabemos que essa negação se concretizou no silêncio, na inação, na negligência e na omissão do governo federal em cumprir com seu dever institucional e constitucional de proporcionar os meios para garantir o direito à vida dos povos originários. Sendo assim, temos também nessa ocorrência, uma evolução sócio-histórica da elaboração linguística da negação, que dialoga com outras formas de destruição total ou parcial de grupos humanos.

No corpo do artigo estudado, existem muitos outros elementos que nos remetem à arquitetura da formulação linguística da negação, no entanto citaremos apenas mais uma amostra sem a intenção de examiná-la com profundidade para não nos alongarmos demasiadamente nessa seção.

No décimo primeiro parágrafo do artigo, podemos constatar, na construção do texto, outra formulação de narrativa negacionista, sendo essa na forma de inversão de valores com a seguinte sequência enunciativa:

#### EXCERTO PRINCIPAL VII

“Quando se trata de uma denúncia de genocídio ou de crimes contra a humanidade, o foco da repercussão negativa costuma ser colocado sobre os denunciadores, tratados como suspeitos, e não nos possíveis criminosos. Denunciar um genocídio ou um crime contra a humanidade, seja qual for a formação ou a história de quem denuncia, implica a conversão automática em “militante”. De imediato, a opinião técnica do denunciante, com frequência apresentada de forma estereotipada ou incompleta, será tratada como opinião política e contraposta a especialistas “insuspeitos”. Com frequência, os bastiões da suposta imparcialidade representam as escolas mais conservadoras do direito – ou não estudaram o caso concreto em profundidade, ou sequer são especialistas nesta matéria, ou todas as alternativas anteriores. Pouco, ou nada, se escuta as vítimas e os seus defensores”.

O texto relata basicamente, no segundo, terceiro e quarto períodos do trecho acima, que quando há denúncias de crimes contra a humanidade, logo se procura desqualificar o denunciante estereotipando sua denúncia e associando-a a um viés político. Uma vez submetido a essa inversão, o delator passa a ser rotulado com uso de elaborações linguísticas que devem necessariamente soar como depreciativas, pois o objetivo não é só desqualificá-lo, mas também desconstruir e desvalorizar sua narrativa.

O texto afirma ainda que é comum surgirem, nesse contexto de desqualificação e desvalorização, os bastiões da suposta imparcialidade que representam as escolas mais conservadoras do direito, e que, por sua vez, elaboram fórmulas jurídicas de todos os tipos com o intuito de instituir uma retórica jurídica e a partir dela punir e execrar o denunciante perante a sociedade.

Sacramentada a retórica negacionista ao transformar o denunciante em objeto de denúncia (denunciado), o passo seguinte é publicizar sua nova condição de moribundo para servir de exemplo a outros que tentarem tomar a mesma atitude.

Diante do exposto, é possível constatar, no artigo em análise, a relação de enunciados dessa composição textual, com enunciados de textos que o antecedem, o que compreendemos como respostas a enunciados anteriores.

Uma das pistas deixadas no texto para tal afirmação é a citação do historiador Henry Rousso<sup>28</sup>, disposta no sétimo e oitavo períodos do primeiro parágrafo, que diz:

#### EXCERTO PRINCIPAL VIII

“Segundo o historiador Henry Rousso, a necessidade política de superar o holocausto surgiu para permitir o renascimento da extrema direita nos países europeus. Em outras palavras, para que

<sup>28</sup> Historiador francês especializado na Segunda Guerra Mundial enquanto situada na França. Estudou na École normale supérieure de Saint-Cloud em Sorbonne e no Institut d’Etudes Politiques de Paris.

colaboradores diretos ou indiretos de tamanha monstruosidade fossem aceitos no espaço público, era preciso negar ou relativizar a existência dos crimes, suscitando controvérsias onde elas não existem, ocultando ou forjando documentos, distorcendo fatos e discursos”

O trecho acima relata que, devido à necessidade de reinserção da extrema direita no contexto sociopolítico da Europa, mal conceituada devido à monstruosidade causada pelo holocausto, criou-se a estratégia da negação, da relativização da existência dos crimes, da criação de controvérsias em que elas não existiam, da ocultação ou forja de documentos, da distorção dos fatos e dos discursos, ou seja, elaborações linguísticas (enunciativas) de outrora, com temática e conteúdo ideológico que se entrelaçam com elaborações enunciativas de segmentos ideológicos da extrema direita contemporânea. Consoante a essa visão, Volóchinov (2018) nos esclarece que todo enunciado, ao se constituir, revela-se carregado de valores, inclusive ideológicos. Ele carrega no seu centro formador e reformulador todas as relações de mundo e as sensações psicossociais assimiladas historicamente na comunhão em sociedade. Volóchinov (2018) nos esclarece, ainda, que esse caráter ideológico se revela através da consciência linguística concretizada na interação verboideológica dos sujeitos, haja vista que, em sua plenitude, essa peculiaridade ideológica se realiza tão somente no fluxo da comunicação discursiva.

Outra pista importante para estabelecer a relação de um enunciado com outro enunciado que o antecede, ou seja, o enunciado como resposta a enunciado(s) anterior(es), está na composição enunciativa de uma matéria jornalística disposta no mesmo jornal eletrônico que publicou o artigo que compõe o corpus do nosso trabalho. O trecho em questão, está assim descrito no quarto parágrafo do artigo:

#### EXCERTO PRINCIPAL IX

“Diante das imagens mais recentes das graves violações de direitos dos povos Yanomami, reveladas por SUMAÚMA em 20 de janeiro, [...]”.

Essa matéria tem como título “*Não estamos conseguindo contar os corpos*”, publicado em Sumaúma: jornalismo do centro do mundo, no dia 20 de janeiro de 2023, e tem como temática central a crise humanitária Yanomami originada pela omissão e negligência do governo do então presidente Jair Bolsonaro.

Perante a análise desenvolvida nesta seção, chegamos a duas respostas estruturadas pela metodologia proposta neste capítulo. A primeira diz respeito à evolução sócio-histórica dos

elementos linguísticos negacionistas desenvolvidos na análise do excerto disposto nesta seção, a exemplo das retóricas que negavam, relativizavam ou banalizavam a dimensão dos crimes, da suscitação de controvérsias, distorções dos fatos e discursos geradas pelo alastramento de informações falsas (as *fake news*), da criação de versões fantasiosas, do uso da linguagem não verbal materializada na inércia, inação, negligência e omissão, e, por fim, da inversão de valores.

A análise de todos esses elementos nos permite concluir que o negacionismo em sua essência é a elaboração e reelaboração linguística da negação. Ocorre-nos dizer que esse processo agitado de construção, reconstrução e intercâmbio de elementos linguísticos tem como objetivo principal a manipulação dos fatos para manter o estado das coisas segundo convicções ideológicas.

Em conformidade com a evolução dos elementos linguísticos ora mencionados, retomamos os dizeres de Volóchinov (2018), quando afirma que a língua é uma atividade verbal em fluxo perene de formação, a qual se realiza por meio de interações sociodiscursivas que se concretizam na forma de enunciados.

A segunda análise resposta é corroborada por formulações de Bakhtin e Volóchinov, todavia fazemos emergir, aqui, formulações de Robert Stam (2000), por sintetizarem com bastante clareza o objetivo desta seção que trata da inter-relação enunciativa dialógica em formas textuais diversas, em nosso caso, no artigo de opinião.

De acordo com a análise realizada, podemos afirmar que, na composição da amostra principal, bem como dos demais enunciados que serviram como base de estudo e arguição para comprovação do nosso estudo, todos estabelecem relação mútua entre um enunciado como resposta a enunciado(s) anterior(es), ao modo e forma como nos ensina Robert Stam (2000) quando depreende que a dialogicidade é uma manifestação linguística comunicativa que ocorre na relação entre o texto e textos anteriores correlacionados e mútuos entre si, e que se realizam por meio da comunicação verbal nos estados presente e pretérito, através dos mais variados gêneros do discurso, sejam eles nas suas formas primária ou secundária.

A seguir, apresentamos a análise de outros trechos do texto à luz da segunda categoria de análise: o endereçamento a um interlocutor direto e/ ou indireto.

#### **4.1.2 Manipulação e estratégia: a planificação enunciativa negacionista e os endereçamentos direto e indireto**

A categoria temática de análise proposta nesta seção tem por finalidade abordar dialogicamente o enunciado como resposta a um interlocutor direto e indireto; assim, para cumprir tal proposta, analisaremos um excerto principal e seis excertos secundários com o intuito dar suporte, fundamentação e comprovação às deduções da análise do excerto principal. Salientamos, ainda, que os demais elementos enunciativos distribuídos ao longo desta seção são repetições do excerto principal ou fragmentos deste excerto ou de excertos secundários. Estes fragmentos têm papel importante no processo de análise do todo enunciativo, como pretendemos demonstrar a seguir.

É importante salientar que o interlocutor(es) direto são os potenciais leitores do jornal, ou seja, é aquele público constituído pelas pessoas que se interessam e se preocupam com as causas e temas ambientalistas e indigenistas, pelos povos amazônicos preocupados com a devastação, crises climáticas e preservação da vida; é também constituído pelos ativistas socioambientais, pelo poder público, em especial políticos e judiciário, pela comunidade jurídica não governamental e pelo público em geral mais consciente, tanto nacional quanto internacional. Por sua vez, o interlocutor indireto é aquele formado por um público não específico, composto por quaisquer leitores, até mesmo por pessoas que ainda não despertaram para as questões de degradação ambiental e crise climática, bem como para a preservação do direito à vida dos povos originários, considerados os últimos bastiões da floresta. É importante frisar que esse interlocutor indireto, “não desperto de forma consciente”, é também um interlocutor afetado diretamente pela destruição de toda natureza.

É nesse contexto de vivência social ativa, de relações e permutas culturais e de valores, de atritos ideológicos e de intercâmbio e reverberações interativas de vozes, que passamos à análise da amostra selecionada, considerando, por fim, que todo enunciado interage dialogicamente e se relaciona pela comunhão da esfera da comunicação verbal. Cada enunciado nega, assevera, complementa e está sujeito aos outros enunciados, pois a partir de indícios presume relação anterior, e, de alguma forma, leva-os em conta (Bakhtin, 2015).

Antes de iniciarmos a análise propriamente dita, estabelecemos aqui o que denominamos como eixo divisor do discurso, cuja finalidade é a separação de endereçamentos dentro do enunciado, haja vista que será necessário realizar no todo enunciativo um recorte entre o enunciado resposta direcionado a um interlocutor direto e o enunciado resposta direcionado a um interlocutor indireto.

Para melhor compreensão da nossa proposta de análise é necessário frisar (como já sabemos) que, na perspectiva do sistema normativo da língua, o ponto seguido tem apenas a função de dar seguimento à concatenação entre períodos; todavia, para efeito de análise de

sentido no enunciado enquanto unidade da interação discursiva na forma como preceitua Bakhtin (2015), bem como para identificação e separação de endereçamentos direto e indireto, ele desempenhará, no contexto do parágrafo/excerto, a função de elemento de separação de discursos, ou seja: esse ponto seguido para efeito didático de análise desempenhará a função de bipartição do excerto em tipos diferentes de endereçamentos, sendo o primeiro período do excerto endereçado a um interlocutor indireto, e o segundo período a um interlocutor direto.

#### EXCERTO PRINCIPAL X

“Dar nome à monstruosidade é parte importante de um movimento amplo que envolve a proteção das vítimas, o enfrentamento claro e definitivo das questões ambientais e econômicas em jogo nos territórios indígenas, com o reconhecimento de que os povos originários são hoje o último bastião da proteção da região amazônica. Envolve ainda a cobrança de investigações, processos e julgamentos, luta travada historicamente pelos movimentos indígenas e seus apoiadores, e aos quais temos o dever de nos somar”.

Esclarecemos que são os elementos linguísticos que compõem cada um desses períodos do excerto X, que irão constituir concretamente os enunciados que serão dirigidos para um interlocutor direto e indireto.

Sendo assim, notaremos que os elementos linguísticos que compõem a unidade enunciativa do primeiro período apresentam formulações discursivas direcionadas para um interlocutor indireto:

#### EXCERTO SECUNDÁRIO

“Dar nome à monstruosidade é parte importante de um movimento amplo que envolve a proteção das vítimas, o enfrentamento claro e definitivo das questões ambientais e econômicas em jogo nos territórios indígenas, com o reconhecimento de que os povos originários são hoje o último bastião da proteção da região amazônica. [...]”.

Isso ocorre considerando que os elementos linguísticos presentes na discursividade do texto operam em plano abrangente sem direcionamento para um público restrito e os elementos linguísticos do segundo segmento enunciativo apresentam formulações direcionadas a um interlocutor direto, pois os elementos linguísticos que operam na discursividade do texto são direcionados para um público específico.

#### EXCERTO SECUNDÁRIO

. [...] Envolve ainda a cobrança de investigações, processos e julgamentos, luta travada historicamente pelos movimentos indígenas e seus apoiadores, e aos quais temos o dever de nos somar”.

Essa constatação de endereçamentos direto e indireto será observada e deduzida na análise a seguir.

É importante salientar, antes da realização do processo analítico, que essa bipartição do excerto não configura divisão temática e nem de contexto social, ela será desenvolvida apenas para efeito de endereçamentos, contudo, sem que haja dissonância temática ou contextual, pois só é possível ocorrer o processo de interação discursiva seja com interlocutor direto ou indireto, se todos os atores do enunciado estiverem envolvidos pela mesma unidade da situação social mais próxima, ou seja, “que o encontro ocorra em um terreno determinado. “O intercâmbio verbal só é possível nesse terreno determinado, por mais geral e, por assim dizer, ocasional que ele seja” (Volóchinov, 2018, p. 145). Isso posto, passemos ao desenvolvimento analítico do enunciado.

Analizamos o excerto X, com o objetivo de investigar as relações enunciativas de endereçamento resposta tanto para um público direto, quanto para um público indireto:

#### EXCERTO PRINCIPAL REPRODUZIDO

“Dar nome à monstrosidade é parte importante de um movimento amplo que envolve a proteção das vítimas, o enfrentamento claro e definitivo das questões ambientais e econômicas em jogo nos territórios indígenas, com o reconhecimento de que os povos originários são hoje o último bastião da proteção da região amazônica. Envolve ainda a cobrança de investigações, processos e julgamentos, luta travada historicamente pelos movimentos indígenas e seus apoiadores, e aos quais temos o dever de nos somar”.

Ao isolarmos o trecho “Dar nome à monstrosidade é parte importante de um movimento amplo”, observaremos logo de início que há, no contexto dessa oração, um termo que apresenta um processo verbal isento de noção de tempo, modo e por vezes de pessoa. A ação do verbo dar, empregado nesse trecho do enunciado, não é deslocada para um tempo ou modo determinados, tampouco para uma pessoa, neste caso um público específico, nesse sentido podemos deduzir que temos um verbo no infinitivo impessoal. Mesmo diante dessa isenção de noção de tempo, modo e pessoa, um discurso sempre é direcionado para alguém, pois segundo Volóchinov (2018), todo enunciado apresenta natureza puramente social e só se forma a partir da interação discursiva entre sujeitos.



Volóchinov nos esclarece ainda que nesse processo de interação verbal, o ato discursivo inevitavelmente sempre será direcionado para alguém, seja para uma coletividade específica ou não, pois não pode existir interação verboideológica entre interlocutores absortos. Enfatizando essa concepção, Volóchinov (2018, p. 204) descreve o seguinte ponto de vista:

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor; se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido etc.). Não pode haver um interlocutor abstraído, por assim dizer, isolado; pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco no figurado. [...].

Nossa constatação de endereçamento a um público não específico vai ser confirmada pelo complemento frasal “um movimento amplo”. Primeiro porque o uso do artigo “um” determina de maneira vaga ou imprecisa o substantivo “movimento amplo”, não especificando que tipo de movimento seria esse, haja vista que envolveria muitos atores de diversas áreas do conhecimento. Segundo que, além de não especificar esse tipo de movimento quanto a um grupo temático organizado, o texto dilata o significado do termo com o uso da palavra “amplo”, cogitando a possibilidade de direcionamento do diálogo para um público não específico, ou seja, a sociedade de uma forma geral.

Podemos deduzir, ainda, que ao não delimitar um público específico, com o intuito de trazer para a discussão setores mais amplos da sociedade, o texto envolve esse público em um debate mais amplo e responsivo, cada um com a parcela de responsabilidade que lhe cabe de zelar pela vida. Sendo assim, o texto almeja uma resposta para sua locução, é o movimento frenético da palavra-resposta que, segundo Bakhtin (2015), nada mais é do que a ação e reação do discurso responsivo antecipável, pois todo discurso sempre está voltado para uma resposta.

É possível observar, ainda nesse contexto, que o texto dialoga com enunciados anteriores, a exemplo da discursividade verbal desenvolvida por alguns filósofos contratualistas que pregavam sobre a soberania popular ser a doutrina em que o Estado é criado e deve impreterivelmente estar sujeito à vontade da sociedade, que é a verdadeira fonte de todo o poder político. Há ainda, dentro dessa mesma temática que trata da prevalência da soberania do povo sobre os destinos do Estado, um entrelaçamento dialógico com a formulação enunciativa disposta na Constituição Brasileira, que declara que “todo poder emana do povo”. Dessarte, podemos deduzir que o texto infere a máxima de que um povo soberano detém o poder de determinar os destinos de sua nação, mas, para que isso de fato ocorra, é necessário interagir e

dar vazão à voz. É importante frisar que essa expressividade de prevalência da soberania só ocorre devido ao processo de constituição social do enunciado, que se manifesta nos contextos de interação verbal num fluxo perene da comunicação discursiva, porém na forma como já descrita por Volóchinov (2018), que esclarece que não é a comunhão de vida em sociedade que compõe organizadamente a expressão, mas sim o sentido inverso dessa premissa. É a expressão em seu processo de constituição que organiza a vivência em sociedade, dando-lhe sua primeira forma e definindo sua direção.

Diante do exposto, podemos deduzir que esses são uns dos possíveis motivos pelos quais o texto interage com um público não específico, haja vista que a preservação da vida, do meio ambiente e dos recursos naturais devem ser, para a sociedade de uma forma geral, temas diários de discussão, proteção e preservação, figurando-se com efeito que uma sociedade cônica se fará ouvida e exercerá sua vontade soberana em detrimento da minoria que quer destruir por puros interesses econômicos.

Nesse processo sociodiscursivo de interação, o texto revela a importância da participação da sociedade nesse processo político e busca imprimir clareza à discussão tipificando o ato de omissão e negligência do governo federal e seus colaboradores como genocídio. É possível constatar essa visão na sequência enunciativa abaixo, disposta no primeiro período do sexto parágrafo:

#### EXCERTO SECUNDÁRIO

“Porém, a exemplo do que ocorreu durante a pandemia de covid-19, muitos preferem perceber ações e omissões do governo federal em relação aos Yanomami como negligência ou ineficiência, recusando-se a enxergar nelas a intenção de causar a morte de centenas de indígenas. [...]”.

Essa intenção de trazer luz à discussão com a sociedade pode ser constatada em vários outros momentos do artigo, como pode ser observado nos excertos a seguir:

#### EXCERTO PRINCIPAL XI

“O que torna o genocídio o mais grave dos crimes é a intenção de dizimar total ou parcialmente um determinado grupo humano. Não há dúvida de que a humanidade dos Yanomami foi negada – as autoridades federais tinham pleno conhecimento do que ocorria nos territórios em questão, inclusive do número e da causa das mortes. Descumpriram, assim, deliberadamente, o seu dever legal de proteger a vida e a saúde dos indígenas”.

No excerto descrito no primeiro, segundo e terceiro períodos do quinto parágrafo, a intenção é dialogar com as pessoas sobre a seriedade do que vem a ser o que ela classificou como monstrosidade, pois, como já descrito por ela em outra ocasião, muitos yanomamis apresentavam desnutrição em alto grau, com os rostos e corpos pálidos, depauperados e macilentos.

Nesse diálogo com um interlocutor indireto, o qual buscamos identificar e abstrair no primeiro período do enunciado em análise, a ação discursiva procura impingir com fatos para não deixar dúvidas da seriedade do caso, qualificando que o que realmente ocorreu foi a intenção de destruição de grupo, haja vista que o governo tinha conhecimento tanto da violência perpetrada, quanto dos motivos que estavam gerando a morte dos indígenas. Essa marginalização largou os indígenas à própria sorte de tal forma que é perceptível que o grupo foi propositadamente submetido à fome, miséria, desnutrição, morte, doenças, infortúnio, coação etc.

Diante do exposto, fica perceptível constatar, no primeiro parágrafo do excerto em análise, um chamamento para a tomada de posição de toda a sociedade em defesa da causa ambientalista, assim como pelo reconhecimento de que de fato houve extermínio, o que se comprova com a asserção de que é necessário “dar nome à monstrosidade”; é perceptível constatar um chamamento para a criação de uma rede de apoio multidisciplinar que “envolve a proteção das vítimas”; um chamamento pela atitude e esforço de posicionamento contrário à exploração irracional e predatória dos recursos naturais, devendo haver um enfrentamento claro e definitivo das questões ambientais e econômicas; há um chamamento pelo ato de reconhecer o mérito dos povos originários como últimos sentinelas da floresta, chancelando o direito que lhes cabe sobre as terras que vivem, consolidando, assim, o reconhecimento de que os povos originários são hoje o último bastião da proteção da região amazônica.

#### EXCERTO SECUNDÁRIO REPRODUZIDO

“Dar nome à monstrosidade é parte importante de um movimento amplo que envolve a proteção das vítimas, o enfrentamento claro e definitivo das questões ambientais e econômicas em jogo nos territórios indígenas, com o reconhecimento de que os povos originários são hoje o último bastião da proteção da região amazônica. [...]”.

De acordo com a narrativa textual, é possível deduzir, por fim, que o texto dialoga com o público em geral (não específico), pois há um esforço de sua parte para se fazer compreendida. Essa percepção pode ser constatada a partir da compreensão plena de que só pode haver

pacificação, justiça e respeito à vida se a maioria soberana reconhecer que, além da intenção de destruição parcial ou total de grupo por parte do governo de Jair Bolsonaro, da necessidade de criação de uma rede de apoio às vítimas e do enfrentamento definitivo à destruição do meio ambiente em detrimento de interesses econômicos, é imperioso o dever de compreender e reconhecer que os povos originários são os últimos guardiões de proteção da região amazônica, pois esse reconhecimento legitima e chancela não só o direito legítimo que se tem sobre a vida na floresta, mas também como reconhecimento que são os últimos sentinelas de proteção e preservação de um dos maiores e mais importantes conjuntos de ecossistemas do planeta.

Em um segundo momento do excerto em análise, é perceptível, na discursividade do texto, uma espécie de afunilamento de apresentação do tema ao público. O texto inicia a abordagem direcionando suas arguições, primeiramente, a um público geral (mais amplo), como percebemos na análise de enunciado resposta a um interlocutor indireto, de acordo com os elementos linguísticos dispostos no seguinte enunciado:

#### EXCERTO SECUNDÁRIO REPRODUZIDO

“Dar nome à monstruosidade é parte importante de um movimento amplo que envolve a proteção das vítimas, o enfrentamento claro e definitivo das questões ambientais e econômicas em jogo nos territórios indígenas, com o reconhecimento de que os povos originários são hoje o último bastião da proteção da região amazônica. [...]”.

Posteriormente, em um segundo momento, o discurso é direcionado a um público específico (mais restrito), ou seja, para um interlocutor direto, ao modo como já dito em outra oportunidade quando deduzimos que os elementos linguísticos da segunda unidade enunciativa apresentam formulações direcionadas a um público específico, como pode ser observado no seguimento enunciativo abaixo:

#### EXCERTO SECUNDÁRIO REPRODUZIDO

“[...]. Envolve ainda a cobrança de investigações, processos e julgamentos, luta travada historicamente pelos movimentos indígenas e seus apoiadores, e aos quais temos o dever de nos somar”.

É possível observar no trecho que inicia o segundo período acima, que diz “Envolve ainda a cobrança de investigações, processos e julgamentos”, um outro direcionamento discursivo, considerando que, a partir do termo “envolve ainda”, além da concatenação com retomada do enunciado anterior e da continuidade temática, o termo remete à ideia de cobrança

de outras responsabilidades por área de atividade mais específica, ou seja, na área jurídica que, de um ponto de vista do estado democrático de direito, siga impreterivelmente o devido processo legal até a justa punição. Essa percepção de devido processo legal pode dialogar, ainda, com um caso recente em que uma parte do judiciário federal brasileiro, ligado a uma vara judicial de Curitiba forjou provas e descumpriu os ritos do devido processo legal e imparcial usando o sistema judicial como estratégia para prender adversários políticos. Não seria essa prática parte da planificação enunciativa negacionista?

Temos então que essa dialogicidade entre enunciados dentro do mesmo campo temático, em dado momento, irá se cruzar; ora irá assimilar elementos linguísticos, ora irá refratá-los, e ora irá reformular-se, pois, de acordo com Volóchinov (2018, p. 219),

[...] esse discurso verbal é inevitavelmente orientado para discursos anteriores tanto do próprio autor quanto de outros, realizados na mesma esfera, e esse discurso verbal parte de determinada situação de um problema científico ou de um estilo literário. Desse modo, o discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante.

Dando continuidade à ideia de entrelaçamento temático enunciativo, ao retomarmos os parágrafos onze e doze do artigo, poderemos constatar essa relação de discursividade dentro do mesmo campo linguístico, como pode ser observado nos seguintes excertos:

#### EXCERTO PRINCIPAL XII

“[...] Com frequência, os bastiões da suposta imparcialidade representam as escolas mais conservadoras do direito – ou não estudaram o caso concreto em profundidade, ou sequer são especialistas nesta matéria, ou todas as alternativas anteriores. Pouco, ou nada, se escuta as vítimas e os seus defensores.”

#### EXCERTO PRINCIPAL XIII

“[...] Entre os juristas, alegando rigor técnico, sempre sinal de elegância e superioridade, surgem respostas fáceis, dignas de cursinhos para concursos”.

Abrimos um parêntese, aqui, apenas para frisar que é possível deduzir que essa prática jurídica, conhecida como *lawfare*<sup>29</sup>, pode, no contexto estudado, ser compreendida como uma

<sup>29</sup> Introduzida com a combinação das palavras “*law*” (direito) e “*warfare*” (guerra), o termo “*lawfare*” diz respeito ao uso ou manipulação das leis e procedimentos legais como instrumento de combate e intimidação a um oponente, desrespeitando os trâmites legais e os direitos do indivíduo que se pretende eliminar. Em outras palavras, o *lawfare* pode ser entendido como o uso da legislação como arma para alcançar um fim político-social, um tipo de assédio judicial que tem como objetivo calar o adversário ou minar sua credibilidade perante a sociedade.

planificação enunciativa negacionista, haja vista que há um planejamento posto em curso, no qual se utilizam todos os meios de manipulação dos instrumentos jurídicos e institucionais de forma estratégica para se obterem os resultados desejados.

Retomando nosso contexto de análise, podemos deduzir, ainda, que, com essa narrativa em forma de denúncia, o texto busca dialogar com todos os públicos, mas com certo direcionamento narrativo para um público mais específico, haja vista que, em tom de falta de confiança e credibilidade no sistema jurídico, comenta sobre a suposta imparcialidade dos representantes da justiça conservadora, bem como da postura com ar de superioridade voltada para a prática persecutória perpetrada com frequência contra aqueles que estão na linha de frente dos movimentos indígenas, na luta em defesa da vida humana e não humana. É possível perceber, nesse diálogo com um interlocutor direto, uma comunhão de ideias e sentimentos em detrimento do embate por uma causa: são valores inerentes à alteridade dos sujeitos, pois, segundo Bakhtin (2016), o vivenciamento ativo do eu é sempre uma atividade axiológica, haja vista que valorar significa imbuir de valores singulares as relações dialógicas nas práticas sociodiscursivas.

Prosseguindo nossa análise quanto à identificação de endereçamento a interlocutores, é crível deduzir que a leitura e compreensão do campo temático que trata dos embates no campo das ideias, valores e causas que geram interesses antagônicos de classes, principalmente no âmbito da economia e do poder institucional, certamente está mais acessível a um público específico, que podemos considerar como sendo os interlocutores diretos. “Essa situação mais próxima e os participantes sociais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais do enunciado. As camadas mais profundas da sua estrutura são determinadas por ligações sociais mais duradouras e essenciais, das quais o falante participa” (Volóchinov, 2018, p. 217).

Retomando o exame do fragmento disposto no segundo período do excerto X,

#### EXCERTO SECUNDÁRIO REPRODUZIDO

“[...] Envolve ainda a cobrança de investigações, processos e julgamentos, luta travada historicamente pelos movimentos indígenas e seus apoiadores, e aos quais temos o dever de nos somar”.

Podemos entender ainda como um termo de especificidade, dentro desse contexto de uso, a palavra “cobrança”; primeiro porque está acompanhada pelo artigo definido “a”, que tem a função de especificar ou generalizar o sentido do substantivo; e, segundo, porque está no significado da palavra “cobrança”, que expressa um ato, uma ação não só de cobrar, mas de exigir com consciência dos direitos legais que o caso requer, com base na justiça e no devido

processo legal. Diante do exposto, é possível deduzir que temos no termo “a cobrança” uma forma restritiva e orientada para um público específico.

A ideia de ação restritiva e orientada para um público específico pode ser confirmada na sequência do enunciado do segundo período do excerto X, que diz:

#### EXCERTO SECUNDÁRIO REPRODUZIDO

“[...] Envolve ainda a cobrança de investigações, processos e julgamentos, luta travada historicamente pelos movimentos indígenas e seus apoiadores, e aos quais temos o dever de nos somar”.

Há, nessa sequência enunciativa, uma série de elementos voltados para um interlocutor específico. A expressão “luta travada historicamente” traz no termo “luta” dois significados; o primeiro como verbete que quer dizer “combate entre adversários”, e o segundo que amplia o significado para um sentido mais ideológico que atribui à palavra “luta” um fenômeno social marcado por oposição de ideias e visões antagônicas de interesses de diferentes grupos. Nesse sentido, Volóchinov (2018) nos diz que as formulações relacionais do discurso se manifestam carregadas de valores ideológicos; nessa discursividade, estão contidas todas as relações de mundo e as sensações psicossociais assimiladas historicamente pelo sujeito em processo contínuo de interação sociodiscursiva. Sendo assim, essa ideologia irá se manifestar através da consciência linguística que se materializará no fluxo da comunicação discursiva.

Sendo esse ou aquele significado, a palavra “luta” tem, nesse contexto de uso, tanto uma função substantiva de designação de ato ou efeito de uma ação, quanto uma função de verbo, orientada e complementada pela expressão seguinte “travada historicamente”, que pode ser compreendida como realizada, desenvolvida, iniciada em tempo passado até o presente momento, ou seja: ocorre dentro de um processo temporal contínuo, caracterizando a formação de agrupamento que se organiza e se mobiliza ao longo do tempo em torno da defesa de suas convicções, interesses e direitos.

Temos ainda, na sequência desse segundo período do excerto X, o seguinte:

#### EXCERTO SECUNDÁRIO REPRODUZIDO

“[...] Envolve ainda a cobrança de investigações, processos e julgamentos, luta travada historicamente pelos movimentos indígenas e seus apoiadores, e aos quais temos o dever de nos somar”.

Dividiremos esse trecho em dois fragmentos enunciativos para análise. O primeiro diz “pelos movimentos indígenas e seus apoiadores”. Iniciamos nosso exame pelo termo “pelos”,

o qual, em sua forma contraída, estabelece uma relação de subordinação e especificação, ou seja, tem nesse contexto o objetivo de auxiliar na tipificação de algo; nesse caso, na organização de agrupamento político indígena. Na sequência do exame desse fragmento, interessa-nos eliciar o significado do termo “movimentos indígenas”, pois, no contexto em uso, esse termo, com função substantiva, está se referindo à organização de agrupamento de indivíduos que visam desenvolver ações em defesa ou promoção no âmbito das relações de classes, almejando objetivos ou interesses tanto de transformação, quanto da preservação da ordem estabelecida.

Temos então que os movimentos indígenas e seus apoiadores, na condição de grupos ideológicos<sup>30</sup>, promovem historicamente ações organizadas que representam seus interesses, objetivando mudanças por meio da luta e da organização política, as quais, inexoravelmente, exigirão um canal para dar voz à alteridade, haja vista que qualquer manifestação da consciência expressa sensações, valores, deduções e, conseqüentemente, ideias, pois há de se considerar que “mesmo uma tomada de consciência simples e imprecisa de alguma sensação, por exemplo, da fome, não pode ser expressa para fora sem uma forma ideológica [...]” (Volóchinov, 2018, p. 207).

Na sequência, abordamos este fragmento em análise:

#### EXCERTO SECUNDÁRIO REPRODUZIDO

“[...] Envolve ainda a cobrança de investigações, processos e julgamentos, luta travada historicamente pelos movimentos indígenas e seus apoiadores, e aos quais temos o dever de nos somar”.

É importante destacar o suporte aos movimentos indígenas por apoiadores que comungam com a causa e luta indígena, pois isso mostra uma relação de interação de grupo.

Sendo assim, temos, nessa relação, uma associação ou fusão de agrupamentos de indígenas e apoiadores com ideias e objetivos específicos, que, a nosso ver, culminam com o direcionamento discursivo para um terceiro público, um público mais específico, haja vista que “apoiadores”, nesse caso, caracteriza-se também por agrupamento de pessoas que oferecem apoio e ajuda estratégica para que o objetivo almejado possa ter êxito.

---

<sup>30</sup> Há sentidos diversos que atualmente denotam a palavra ideologia, porém em decorrência do estudo ora desenvolvido, nos apoiamos no sentido específico que ela assume nos textos do Círculo de Bakhtin, que declara que tudo o que é ideológico possui significação sógnica, pois a realidade da manifestação ideológica é a realidade objetiva dos signos sociais. Segundo Volóchinov (2018), essa realidade se traduz em comunicação sógnica, determinada pela comunhão das leis socioeconômicas, cuja realidade é uma superestrutura colocada diretamente sobre a base econômica.



Resumidamente, a partir dos excertos examinados com o propósito de identificação de endereçamentos respostas para um interlocutor direto e um interlocutor indireto, no contexto da manifestação verboideológica empregada no artigo examinado, podemos constatar o que segue devido ao emprego dos seguintes seguimentos enunciativas.

1) Interlocutor indireto: subentendido especialmente no emprego da forma verbal “Dar” e do termo “um movimento amplo”. O primeiro segmento enunciativo, “Dar”, gera um efeito de sentido imperativo, porém subjetivo e amplo, pois emprega ao enunciado uma recomendação ou orientação sem direcionamento de pessoa; já o segundo seguimento enunciativo, “um movimento amplo”, direciona o sentido à ideia de uma organização social irrestrita, pois não delimita ou caracteriza um agrupamento social temático específico, reforçando a impessoalidade subentendida no verbo, que, por sua vez, permuta sua forma imperativa com “um movimento amplo” para convidar, recomendar ou orientar a sociedade, que deve se preocupar com a degradação ambiental, pois, uma vez consumada, pode atingir de forma negativa e indiscriminada todas as vidas.

2) Interlocutor direto: pode ser identificado devido ao emprego das seguintes unidades enunciativas: no sintagma nominal “movimentos indígenas e seus apoiadores” e no sintagma verbal “temos o dever de nos somar”. O primeiro segmento enunciativo, “movimentos indígenas e seus apoiadores”, apresenta duas marcas de especificidades, a primeira subentendida no termo “movimentos indígenas”, que indica de forma institucionalizada, portanto nominal, a organização de agrupamento social temático, que tem como objetivo a elaboração e operacionalização de políticas de defesa de interesses indígenas, e a segunda subentendida no termo “seus apoiadores”, que delimita e especifica subgrupos que apoiam as políticas das causas indígenas. No segundo segmento enunciativo, “temos o dever de nos somar”, o sentido é literalmente direcionado para um público específico da sociedade, pois a locução verbal “temos o dever” exige a presença de pessoa da ação verbal, nesse caso, “nós”. É possível perceber ainda, nesse segmento enunciativo, a intenção de chamamento ou convocação, porém esse sentido é completado pelo uso do verbo “dever”, acrescido do segmento “nos somar”, já que o verbo “dever” expressa o sentido de sentir obrigação, e o termo “somar”, de acrescentar, juntar, incorporar, ou seja: o sujeito do discurso textual opera no enunciado um direcionamento da mensagem para um público específico, no qual ele se insere como parte. Diante disso, expressa seu desejo ou estabelece a condição que é dever desse agrupamento unir forças em defesa de uma causa.

#### **4.1.3 Heteroglossia: a emersão dos sentidos e línguas na construção retórica da negação**

O estudo a ser desenvolvido nesta seção tem por objetivo identificar, em três excertos do texto em análise, o uso de diferentes línguas dialogizadas como resultado de um ativismo linguístico comum a todo indivíduo sócio-historicamente situado. Ao cabo desse processo analítico buscaremos responder à pergunta por nós feita no final da seção 4.1, a qual retomamos nesse ponto da pesquisa: é possível detectar ressonâncias (efeitos de sentidos heterodiscursivos dialogizados) reais ou relativos, explícitos ou subjacentes nos processos de interação verboideológicas presentes no gênero textual artigo de opinião?

Lembramos que a língua é o resultado da interação social que se desenvolve continuamente em processos de aderência, assimilação e permuta, pois, sendo a língua um fenômeno em processo de desenvolvimento no âmbito do contexto social, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas através de cruzamentos linguísticos com a palavra materna e a palavra alheia estrangeira, duas entidades primordiais para a evolução da língua.

É mediante essa realidade de assimilação e permuta de elementos linguísticos, através do processo sócio-histórico de interação verboideológica, que Bakhtin (2015) diz que o sujeito em atividade sociodiscursiva opera “com línguas” e não “com língua”.

Diante dos postulados ora descritos, passemos à análise das amostras selecionadas. Analisamos os períodos sete e oito do primeiro parágrafo, cuja enunciação relata que:

#### EXCERTO PRINCIPAL XIV

“Segundo o historiador Henry Rousso, a necessidade política de superar o holocausto surgiu para permitir o renascimento da extrema direita nos países europeus. Em outras palavras, para que colaboradores diretos ou indiretos de tamanha monstruosidade fossem aceitos no espaço público, era preciso negar ou relativizar a existência dos crimes, suscitando controvérsias onde elas não existem, ocultando ou forjando documentos, distorcendo fatos e discursos”.

Observamos a ocorrência, entre os dois períodos desse excerto, de uma cisão para mudança linguística tanto no uso da língua, quanto no uso da linguagem.

No primeiro período, é dito o seguinte:

#### EXCERTO SECUNDÁRIO REPRODUZIDO

“Segundo o historiador Henry Rousso, a necessidade política de superar o holocausto surgiu para permitir o renascimento da extrema direita nos países europeus”.

Há, nesse enunciado, o uso de um nível formal da linguagem — sem subjetividades, pois a autora articula uma língua científica centrada no referente, ou seja, a mensagem é

deslocada para a necessidade de transmitir ao interlocutor dados da realidade de uma maneira direta e objetiva, evitando inicialmente um discurso cotidiano. Em termos mais esclarecedores, esse enunciado utiliza uma linguagem acadêmico-científica (formal) na forma de uma citação. Temos então que a citação é utilizada para sustentar uma hipótese, reforçar uma ideia ou ilustrar um raciocínio. Sua aplicação oferece ao leitor respaldo para que possa comprovar a veracidade das informações fornecidas, bem como eleva as possibilidades de maior esclarecimento e aprofundamento do assunto. Diante dessa compreensão, podemos deduzir que, nesse tipo de enunciado, ocorre a língua da ciência: metódica, formal, técnica, procedimental, normativa, sistemática, pormenorizada etc. É a soma desse conjunto de valores sógnicos que irá constituir a língua heterodiscursiva dialogizada da ciência.

Para melhor entender a análise acima inquirida, é necessário retroceder consideravelmente no tempo para concatenar as ideias. No contexto analítico ora referido, é fundamental compreender que a ciência moderna, enquanto sistema de adquirir conhecimento com base em métodos científicos, tem sua origem na época que remonta ao período pré-socrático, por volta do século VI a.C., com os chamados filósofos da natureza ou filósofos pré-cientistas, que contribuíram substancialmente para que a sociedade ocidental migrasse do pensamento mitológico e dogmático para um pensamento científico baseado no ceticismo<sup>31</sup>. Consoante a essa reflexão temporal, retomemos o aspecto de língua heterodiscursiva de Bakhtin (2015, p. 66):

Desse modo, em cada dado momento de sua existência histórica a língua é inteiramente discursiva: é uma coexistência concreta de contradições socioideológicas entre o presente e o passado, entre diferentes épocas do passado, entre diferentes grupos socioideológicos do presente, entre correntes, escolas, círculos etc. Essas línguas do heterodiscurso cruzam-se de modos diversos entre si, formando novas “línguas” sociotípicas.

Ainda sobre essa formação sócio-histórica da língua, Bakhtin (2015) infere que, a todos os momentos da vida em sociedade, somos submetidos a um intenso e incessante ativismo linguístico. É essa condição sociodiscursiva, com linguagens de diferentes épocas e períodos da vida socioideológica, que gera essa realidade criadora e ativa da língua, de tal modo que não é possível resumir a língua a uma língua comum, estática, homogênea e imutável.

---

<sup>31</sup> Trata-se de qualquer atitude crítica de indagação e questionamento para a busca do conhecimento de fatos, opiniões ou crenças estabelecidas. Na filosofia, é o conjunto coerente de ideias fundamentais da qual a mente humana não pode atingir certeza alguma a respeito da verdade, o que resulta em um procedimento intelectual constante de dúvidas.

Diante dessas depreensões, deduzimos então que a língua científica, com seu conjunto de elementos sgnicos lingüísticos, foi constituída há milênios; contudo, em dia atuais, ainda é utilizada, obviamente respeitadas suas atualizações com suas respectivas ressignificações, cocriações, recriações etc. Sendo assim, nossas deduções estão em plena consonância com o que assevera Bakhtin (2015), pois, em outro momento, o autor infere a respeito dessa profusão de palavras, de criações, cocriações e ressignificações com linguagens alheias compartilhadas de um e de outro para outros, na comunhão em sociedade. Vejamos em Bakhtin (2015, p. 66):

Por último, em cada momento convivem linguagens de diferentes épocas e períodos da vida socioideológica. Existem até as linguagens dos dias: porque o dia socioideológico e político de hoje e de ontem, em certo sentido, não tem uma língua comum. Cada dia tem sua conjuntura socioideológica, semântica, seu vocabulário, seu sistema de acentos, seus lemas, seus desaforos e seus elogios.

É esse intercâmbio e cruzamento de elementos lingüísticos na vida socioideológica e sócio-histórica que imprime à língua novas e infinitas ressignificações. O atrito lingüístico provocado pelo tensionamento da interação, em decorrência da expressão das ideias de um ou do outro, gera esse estado latente de atualização lingüística e manutenção de uma língua heterodiscursiva dialogizada.

Mediante a compreensão de língua heterogênea e mutável constituída em processo sócio-histórico e dialógico, é possível realizarmos uma análise de maneira mais prática.

Do ponto de vista de um público mais específico erudito, culto, para um estudioso das ciências humanas, principalmente da área da história, ou um pesquisador, ou mesmo um leitor bem-informado e atento dotado de boas habilidades leitoras e de interpretação, seria relativamente fácil compreender os elementos lingüísticos formais usados no trecho enunciativo a seguir:

#### EXCERTO SECUNDÁRIO REPRODUZIDO

“Segundo o historiador Henry Rousso, a necessidade política de superar o holocausto surgiu para permitir o renascimento da extrema direita nos países europeus”.

É possível compreender, de forma objetiva a partir desse trecho, que um segmento ideológico da sociedade tinha a clara intenção de reinserir-se no contexto social e político da Europa, pois os participantes desse segmento haviam sido alijados do contexto sociopolítico europeu em detrimento das barbáries cometidas direta ou indiretamente por eles durante o holocausto. No entanto, a autora desloca sua língua e linguagem para outro nível discursivo; nesse caso, para um nível coloquial contemporâneo, como uma espécie de passagem de um

compartimento para outro, pois, conforme assevera Bakhtin (2015, p. 71), “[...]esse homem opera não com uma língua, mas com línguas: contudo, o lugar de cada uma delas é sólido e indiscutível, a passagem de uma para outra é predeterminada e automática como a passagem de um cômodo a outro.[...]”.

Diante da reflexão realizada, é possível abstrair que essas línguas podem se tratar de idiomas, porém não no uso do idioma quanto língua materna desta ou daquela língua, mas numa espécie de língua assimilada, adquirida, adaptada (atualizada, criada, recriada, cocriada, ressignificada) por processos de formação ou incorporação como nos casos dos substratos, superestratos e adstratos. Temos, então, que “língua” é a expressão sígnica de tudo que existe real, abstrato ou imaginário, é a expressão do eu e do outro que se concretiza inexoravelmente num processo sociodiscursivo.

No segundo segmento do enunciado é dito o seguinte:

#### EXCERTO SECUNDÁRIO REPRODUZIDO

<p>“Em outras palavras, para que colaboradores diretos ou indiretos de tamanha monstruosidade fossem aceitos no espaço público, era preciso negar ou relativizar a existência dos crimes, suscitando controvérsias onde elas não existem, ocultando ou forjando documentos, distorcendo fatos e discursos”.</p>
---

É possível observar o uso de uma segunda língua, primeiro porque a autora inicia o enunciado usando o termo “em outras palavras” que indica a mesma ideia, ou seja, dizer o que já foi dito, mas com outras ou diferentes palavras, segundo que, o sistema de linguagem empregado muda para uma forma menos formal e polido, típico de nível padrão (usual/coloquial) da linguagem. Nesses casos, é comum que a língua exerça uma função emotiva, pois o emissor tem como objetivo principal transmitir suas emoções por meio de opinião própria, deixando sobressair seus sentimentos carregados de subjetividades.

Diante do exame realizado, podemos deduzir, de forma mais clara, que houve o uso de mais de uma língua pela autora, pois detectamos em um primeiro momento uma língua centrada no referente, cujo propósito é transmitir ao interlocutor dados da realidade de uma maneira direta e objetiva com uso da norma culta do sistema de linguagem. Em um segundo momento, percebemos a cisão, ou seja, a mudança para outro sistema da língua, pois a autora assume uma língua centrada na emotividade e subjetividade, há uma mudança quanto ao uso da língua.

Em outro trecho do texto, consta descrito no segundo parágrafo o seguinte enunciado:

## EXCERTO PRINCIPAL XV

“Embora logicamente diversa da simples negação, a banalização de crimes é uma parte importante do movimento negacionista que cerca os genocídios, e não apenas o holocausto. Trata-se de dizer que as violações “não foram tão graves” quanto se diz, questionando o número de vítimas ou até atribuindo-lhes a culpa pelo ocorrido; minimizando os danos sofridos; e invariavelmente alegando que os investigados, processados ou condenados são vítimas de “farsas”, “caça às bruxas” ou qualquer forma de perseguição política”.

Chama-nos a atenção a sequência enunciativa narrada no segundo período desse parágrafo, disposta da seguinte forma:

## EXCERTO SECUNDÁRIO REPRODUZIDO

“[...] e invariavelmente alegando que os investigados, processados ou condenados são vítimas de “farsas”, “caça às bruxas” ou qualquer forma de perseguição política.”,

Esse segmento enunciativo revela, a nosso ver, três diferentes usos de línguas. Um primeiro, subentendido no seguinte excerto:

## EXCERTO SECUNDÁRIO REPRODUZIDO

“[...] , investigados, processados ou condenados [...]”

Temos, nesse fragmento enunciativo, uma expressão comum da língua e linguagem jurídica, porquanto nossa análise centrará esforços quanto ao uso da língua, haja vista que a linguagem empregada se restringe ao uso dos vocábulos técnicos jurídicos, ora selecionados.

Sabemos que a realidade fundamental da língua, assim preconizada por Bakhtin (2015), é a interação verboideológica, que se materializa pela comunicação verbal por intermédio da enunciação concreta. Essa enunciação só pode ocorrer em campo determinado, ou seja, ela só pode ser efetivada entre sujeitos reais pertencentes a dada coletividade e sócio-historicamente situadas, haja vista que a consciência linguística é dotada de criação ideológica, carregada de valores culturais, morais, éticos, estéticos, estilísticos, políticos, entre outros, que atribuirão significados à linguagem, de acordo o contexto sociolinguístico ora praticado.

Diante desse postulado, é possível identificar, nesse fragmento, um conjunto de ideias, normas, valores e preceitos subjacentes que instituem um rito jurídico estabelecido por dada coletividade, a qual, primeiramente, preceitua que “investigados” são aquelas pessoas que deverão ser submetidas inicialmente a um inquérito policial para, posteriormente, passarem à

condição de investigados. Em segundo momento, que, constatada sua culpabilidade, por sua vez aceita por um juiz, os “investigados” passam a ser considerados réus ou “processados”. Nessa condição, significa que estão respondendo a um processo criminal e terão direito à ampla defesa. Por fim, caso os indivíduos recebam uma sentença condenatória, eles passam a ser considerados condenados em primeiro grau ou sentenciados e, depois de impetrados todos os recursos, não havendo mais possibilidade de recorrer, os sujeitos serão finalmente considerados culpados, a partir do momento em que o processo tem seu trânsito em julgado. Diante desse exame, é possível identificar a língua jurídica.

Vejamos o excerto a seguir:

#### EXCERTO SECUNDÁRIO REPRODUZIDO

“[...] caça às bruxas [...]”,

Esse fragmento contextualiza, no uso contemporâneo, uma linguagem coloquial de usufruto comum, porém sua origem remonta ao período em que era prática normalizada perseguir pessoas por motivos religiosos e políticos com o pretexto de que essas pessoas praticavam bruxaria, desacatavam as autoridades ou profanavam o Santo Nome.

Os sujeitos do discurso ora referenciados no artigo em análise, qualificados no texto como negacionistas, retomam no contexto sociopolítico contemporâneo o termo “caça às bruxas” como uma construção retórica da negação. Atualmente, o termo “caça às bruxas” se refere a uma investigação considerada injusta e em qualquer área da atividade humana, geralmente conduzida com muita publicidade e supostamente com o objetivo de revelar atividades subversivas, deslealdades, perseguições política ou qualquer tipo de corrupção. Mediante essa constatação, temos a língua da retórica negacionista, configurando, a nosso ver, o uso de uma segunda língua.

É perceptível observar nesse contexto o exemplo da língua viva a que se refere Volóchinov (2018) quando diz que as palavras estão sempre repletas de conteúdos e de significações ideológicas da vida em coletividade, e é justamente nessa comunhão coletiva, com suas permutas culturais em meio a tensões e atritos, ou seja, em processo de interação verboideológica, que surge o fenômeno da língua viva.

Temos ainda, no contexto de análise deste fragmento, “caça às bruxas”, a apreensão desenvolvida por Volóchinov (2018) quando se refere à manutenção da unicidade da palavra, ou seja, a palavra em seu ciclo vivo não perde totalmente sua identidade fônica e de significação. Vejamos em Volóchinov (2018, p. 196):

O sentido da palavra é inteiramente determinado pelo seu contexto. Na verdade, existem tantas significações para uma palavra quanto contextos de seu uso. No entanto, a palavra não perde sua unicidade; ela, por assim dizer, não se desfaz em uma quantidade de palavras equivalente aos seus contextos de uso. Obviamente, essa integridade da palavra é garantida não apenas pela integridade da sua composição fonética, mas também pela unicidade comum a todas as suas significações [...].

Diante dessa inferência de Volóchinov (2018), é crível deduzir que tanto a integridade fonética da palavra, quanto sua unicidade comum a todas as outras significações, resguardado obviamente seu sentido no contexto de uso, podem fundamentar a emersão do uso da língua heterodiscursiva dialogizada.

O fragmento abaixo destacado pode nos remeter, ainda, ao uso de uma terceira língua, ao modo de como esclarecemos na análise e dedução do fragmento enunciativo “caça às bruxas”, pois, como dissemos, esse termo é usado na contemporaneidade em qualquer circunstância das diversas áreas da atividade humana.

Contudo, chama-nos a atenção para falar do uso de uma terceira língua o fragmento abaixo descrito:

#### EXCERTO SECUNDÁRIO REPRODUZIDO

“[...] perseguição política.”,

Em linhas gerais, podemos compreender o fenômeno da língua viva, no que se refere à “perseguição política”, como um ato de um poder público ou privado de perseguir, de formas diversas, grupo(s) ou indivíduo(s) que desenvolve(m) ações de oposição ao regime que se encontra no poder. As manifestações dessa ocorrência podem ser desenvolvidas de várias maneiras, como violações dos direitos humanos, abuso ao direito do indivíduo à privacidade, uso de violência com o aparelhamento da força policial, cassação de direitos políticos, uso de torturas, que podem inclusive levar a assassinatos, entre outros crimes que cerceiam os direitos políticos em um estado democrático de direito.

Há ainda, como exemplo de perseguição política, o caso mencionado no texto, tema central do seu artigo, que trata da ocorrência de genocídio. Em geral, é um caso em que a perseguição é autorizada e sistematiza pelo Estado, podendo ocorrer casos de terrorismo de Estado, de crimes contra a humanidade, ditaduras militares e do genocídio propriamente dito. Esses casos representam características modelares de governos que perderam qualquer



compromisso com a democracia e que, conseqüentemente, passam a ser considerados estados déspotas ou totalitários.

É importante salientar ainda que, dentro desse aparato estatal, os atos de perseguição podem ser perpetrados não só por órgãos oficiais, mas também pelo uso de polícias secretas, organizações paramilitares, milícias ou esquadrões da morte. Quanto a esse aspecto de análise, retomamos as depreensões de Bakhtin (2015, p. 71):

No fundo, porém, mesmo esse homem opera não com uma língua, mas com línguas: contudo, o lugar de cada uma delas é sólido e indiscutível, a passagem de uma para outra é predeterminada e automática como a passagem de um cômodo a outro. Essas línguas não se chocam entre si na consciência desse homem, ele não tenta correlacioná-las, não tenta olhar para uma delas com os olhos de outra língua. Assim, um camponês analfabeto, que se encontra no reino dos confins, distante de qualquer centro, ainda mergulhado num ambiente que para ele é imóvel e inabalável, vive em vários sistemas de linguagem: ora a Deus numa língua (o eslavo eclesiástico), canta em outra, num ambiente familiar fala uma terceira, mas começa a ditar, como pessoa alfabetizada, uma declaração para a administração regional, procura falar também uma quarta língua (a língua "burocrática" oficial correta).

A enunciação empregada no artigo analisado ainda apresenta o uso de outras línguas, como é o caso do ativismo linguístico presente no excerto disposto no quinto período do terceiro parágrafo, abaixo descrito:

#### EXCERTO PRINCIPAL XVI

[...]. “Porém, para que uma negação tenha grande repercussão social, as pessoas precisam evitar quem contradiz suas interpretações da realidade, juntando-se a quem pensa da mesma forma, como ensina a psicanalista Vera Iaconelli<sup>32</sup>”. [...].

Nesse contexto enunciativo, para explicar a real possibilidade de êxito de propagação da retórica negacionista por intermédio da adoção de mecanismos de defesa e resposta às refrações de concepções divergentes do pensamento negacionista, o texto (ou o ponto de vista defendido no texto) converge a discussão para o campo da sinergia e afinidade de ideias na área da psique humana, resumida na seguinte expressão:

#### EXCERTO SECUNDÁRIO REPRODUZIDO

---

<sup>32</sup> Fez doutorado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo, Brasil (2013). Trabalha no Instituto GERAR de Psicologia Perinatal, Brasil. É psicanalista membra do Instituto Sedes Sapientiae e membra da Escola do Fórum do Campo Laciano.

[...]. “Porém, para que uma negação tenha grande repercussão social, as pessoas precisam evitar quem contradiz suas interpretações da realidade, [...]”.

O objeto em análise, o qual compõe o *corpus* do nosso trabalho, apresenta marcas de uso de outras línguas empregadas pela autora, a exemplo do disposto no primeiro período do último parágrafo do artigo, que expressa o seguinte:

#### EXCERTO SECUNDÁRIO

“É preciso, ainda, enfrentar todas e todos que alimentam, direta ou indiretamente, os movimentos que resultam, invariavelmente, na aniquilação de seres humanos. [...]”.

É possível observar, no discurso acima, devido ao uso das palavras “todas e todos”, uma língua de uso moderno que trata da questão da luta e opressão de gênero amalgamado por séculos na nossa cultura e na de outras nações.

Esse assunto envolve dialogicamente uma discussão a respeito do machismo que impera na gramática da Língua Portuguesa, que, por regra geral, sempre flexiona o gênero para o masculino. Nesse enunciado, adentramos no universo de uma língua que expressa os valores do machismo, misoginia, homofobia, opressão de gênero etc.

É possível identificar ainda o uso de outra língua descrita no excerto abaixo:

#### EXCERTO SECUNDÁRIO

[...] É imperativo reconhecer a catástrofe que a ascensão das extremas direitas representa em países como o Brasil, onde convivem diferentes formas históricas de autoritarismo e exclusão – e todas elas jamais foram enfrentadas como deveriam. [...]”.

É possível depreender, nos termos “a catástrofe que a ascensão das extremas direitas representa” e no uso do termo “onde convivem diferentes formas históricas de autoritarismo e exclusão”, uma língua ideológica, sociológica e política que trata da discussão de valores relacionados à luta de classes.

Perante o exposto, e diante das análises já realizadas nessa categoria, não mais aplicaremos o devido processo analítico por entender que os excertos XIV, XV E XVI, examinados com profundidade, já dão conta de responder à pergunta por nós realizada no final da seção 4.1 e retomada no topo desta seção, assim descrita: é possível detectar ressonâncias (efeitos de sentidos heterodiscursivos dialogizados) reais ou relativos, explícitos ou subjacentes nos processos de interação verboideológicas presentes no gênero textual artigo de opinião?

Diante do exposto e ora examinado, é possível identificar e circunscrever efeitos de sentido heterodiscursivos dialogizados no gênero textual artigo de opinião. Acreditamos que o exame metodológico aplicado com base na Teoria/Análise bakhtiniana fundamentou cientificamente a proposta que tinha como objetivo analisar e identificar possíveis efeitos de sentidos contidos em um heterodiscurso dialogizado, cuja manifestação emerge da condição natural que todo sujeito coletivo tem quanto ao uso das múltiplas formas de sistemas normativos e signos linguísticos, constituídos em processo sócio-histórico da língua.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da nossa pesquisa buscou analisar e identificar possíveis efeitos de sentidos contidos em um heterodiscurso dialogizado constituído em processo sócio-histórico da língua. Diante dessa proposta, derivamos a seguinte pergunta-problema: é possível detectar ressonâncias (efeitos de sentidos e reverberações de línguas heterodiscursivas dialogizadas) reais ou relativas, explícitas ou subjacentes, nas ocorrências de interação verboideológicas presentes no gênero textual artigo de opinião? A pergunta-problema retromencionada desencadeou várias dúvidas, as quais subsidiaram o principal eixo analítico do estudo, qual seja, identificar um heterodiscurso dialogizado.

No decorrer do desenvolvimento da pesquisa, pudemos experienciar importantes descobertas, a exemplo da perenidade do fenômeno língua com sua capacidade de criação, cocriação e recriação em ato ininterrupto de formação sócio-histórica de elementos linguísticos. Grande descoberta foi compreender também que a língua só pode se manifestar em plenitude como sistema vivo, em meio ao atrito das relações sociodiscursivas e que esses processos de interações verboideológicas são correntes de transmissão que irão sustentar e manter todas as cadeias de relações dialógicas que permitirão a existência de um heterodiscurso dialogizado, características fundamentais do pensamento bakhtiniano.

Salientamos, ainda, um olhar importante de descoberta para a apreensão de Volóchinov a respeito da manutenção da identidade da palavra, pois, de acordo com o filósofo e linguista, há a manutenção da unicidade e da integridade do significado das palavras, que, no decorrer do fluxo ininterrupto de formação histórica da língua, preservará a essência do sentido sócio da palavra, obviamente resguardado o sentido dado por cada ato sociodiscursivo.

Certamente, a maior descoberta, enquanto pesquisador, foi compreender que todo sujeito coletivo, ao obter uma consciência linguística socioideológica concreta, essa antecipadamente estará permeada de heterodiscurso e nunca de uma língua única e singular, indiscutível e incontestável, ou seja: esse fantástico fenômeno da língua estabelece uma condição natural a todo sujeito sócio-historicamente situado de falar em diferentes sistemas de língua.

Foram essas formulações desenvolvidas por Bakhtin (2015, 2016) e Volóchinov (2018) que deram a tônica para o desenvolvimento de toda a metodologia analítica por nós perquirida.

Ao nos apropriarmos de tais inferências, realizamos escrupuloso escrutínio dialógico que nos revelou grandes resultados de pesquisa, a exemplo da identificação das relações

enunciativas entre um texto e outros textos dialogicamente relacionados, da possibilidade concreta de identificação de duplo endereçamento a interlocutores direto e indireto num único excerto enunciativo, e, por fim, da identificação de reverberações de línguas, vozes e sentidos contidos no gênero discursivo artigo de opinião.

É importante salientar que essas descobertas se tornaram plausíveis a partir das relações estabelecidas com os objetivos da pesquisa, ancorados pelos elementos de fundamentação teórica elencados no corpo da nossa dissertação; portanto, os achados resultantes da inquirição metodológica se cruzam e se fundem com o dialogismo, a definição de língua viva, o enunciado e enunciado de tom valorativo, da responsividade, do produto gerado pelas diversas práticas das atividades humanas, que se concretizam nos gêneros do discurso e, por fim, da compreensão e aplicação do construto heteroglóssico.

Esta pesquisa descortinou um universo de novos saberes na área da linguística que perpassam pelo campo do conhecimento de textos simples e complexos, de como eles se separam, entrelaçam-se e se fundem, da compreensão enunciativa dialógica como correia de transmissão de relações socioideológicas, da compreensão da naturalidade que todo indivíduo tem de falar em sistemas de línguas etc. Toda essa bagagem de informações certamente acrescentará no meu fazer docente, principalmente devido à possibilidade de trabalhar de forma mais concreta com a literatura tradicional, contemporânea, bem como com os diversos gêneros do discurso, e sobretudo com a aplicação da Análise Dialógica bakhtiniana nos procedimentos de exame textual para construção de sentidos dos textos.

Toda essa gama de informações e saberes adquiridos durante a pesquisa mudaram sobremaneira a perspectiva de leitura e interpretação de mundo do indivíduo/autor/pesquisador, além de preencher uma grande lacuna que é um dos importantes problemas da educação brasileira, que se traduz no saber ensinar e o saber aprender a interpretar.

Novas perspectivas se desenham a partir da assimilação de novos conhecimentos, pois a partir do estudado, é possível navegar sobre novas descobertas, a exemplo da lacuna deixada pela dificuldade de isolamento e delimitação da linguagem, salientada por Volóchinov (2018) quando esclarece que sempre que se tenta circunscrever o objeto da pesquisa, reduzi-lo a um conjunto objetivo-material definido, visível e compacto, perde-se, no bojo desse processo, a própria essência do objeto estudado, ou seja, sua natureza sógnica e ideológica.

Diante da complexidade dos estudos abordados pelo círculo de Bakhtin (1895-1975), não podemos deixar de reconhecer as limitações da nossa pesquisa. Apesar de muitos estudiosos aclararem sobre os estudos de Bakhtin sobre dialogismo, até o presente momento, caso exista, ainda não foi coletivizado um sistema metodológico de análise dialógica, muito menos

heterodiscursivo.

Diante das descobertas realizadas, bem como das lacunas identificadas, presumimos que é possível vislumbrar possíveis direções para pesquisas futuras. Há um universo a se desvendar no campo da linguística; destacamos aqui apenas dois elementos dessa descoberta. O primeiro se refere à possibilidade de circunscrição da língua viva em um conjunto objetivo-material definido, visível e compacto, haja vista que o sistema normativo da língua, até o presente momento, é incapaz de traduzir todos os fatos contidos nos signos e sentidos de um enunciado. O segundo se refere à análise dialógica, pois, como já dissemos anteriormente, o próprio Bakhtin não propôs um modelo de análise dos textos.

Quanto às lacunas identificadas em nossa pesquisa, damos especial atenção ao saber ensinar e o saber aprender a interpretar, pois, como se sabe, há uma grande dificuldade em saber ensinar a interpretar por parte de muitos docentes das áreas humanas, bem como das exatas e biológicas. Essa dificuldade possivelmente reflete no saber aprender a interpretar.

Diante de todo conhecimento adquirido até aqui, e de outros estudiosos confirmando nossa compreensão de heteroglossia, bem como ratificando o procedimento analítico por nós desenvolvido com base na Teoria/Análise dialógica aplicada na interpretação de sentidos subjacentes, será possível expandir e aprofundar este trabalho no estudo e pesquisa com outros gêneros do discurso, quiçá em outras áreas de estudo, pois, como já dito por Bakhtin (2016), os elementos conteúdo temático, estilo da linguagem e construção composicional perfazem a essência de todos os campos da atividade humana e, sem reservas, compõem todas as unidades significativas de todo enunciado.

Diante do exposto, elevamos a importância do nosso estudo para o campo da Linguística, pois, como já frisamos em outra oportunidade, existe ainda uma escassez de materiais teóricos abordando com ênfase estudos sobre a heteroglossia, e essa condição, como se sabe, limita o estudo proposto. Contudo, apesar dessa realidade, acreditamos que o desenvolvimento do nosso estudo contribuirá com outros pesquisadores, em especial na área da Linguística.

Estudos no campo da Linguística não constituem tarefa fácil, porém são motivadores na medida em que vão se descortinando descobertas. Vamos percebendo que a ciência da linguagem nos leva a conhecer outras áreas do conhecimento e, submersos em letras, números, órgãos, equações e átomos, eis que dialogicamente emergimos soberanos.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I: a estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015. 256 p. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1999.
- MARCHEZAN, Renata Coelho. Gêneros do discurso: o caso dos artigos de opinião. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Org.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010. p. 265-278.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. E-book.
- REGINA, Zilberman; TANIA M. K. Rösing (Org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.
- RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blickstein.
- STAM, Robert. **Bakhtin: Da teoria literária à cultura de massa**. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Ática, 2000.
- VENTURA, Deisy de Freitas Lima. Negar um genocídio é semear o seguinte. **Sumaúma: jornalismo do centro do mundo**, Altamira, PA, 28 jan. 2023. Disponível em: <https://sumauma.com/negar-um-genocidio-e-semear-o-seguinte/>. Acesso em: 03 jul. 2023.
- VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.
- VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.



**UPF**  
UNIVERSIDADE  
DE PASSO FUNDO

UPF Campus I - BR 285, São José  
Passo Fundo - RS - CEP: 99052-900  
(54) 3316 7000 - [www.upf.br](http://www.upf.br)